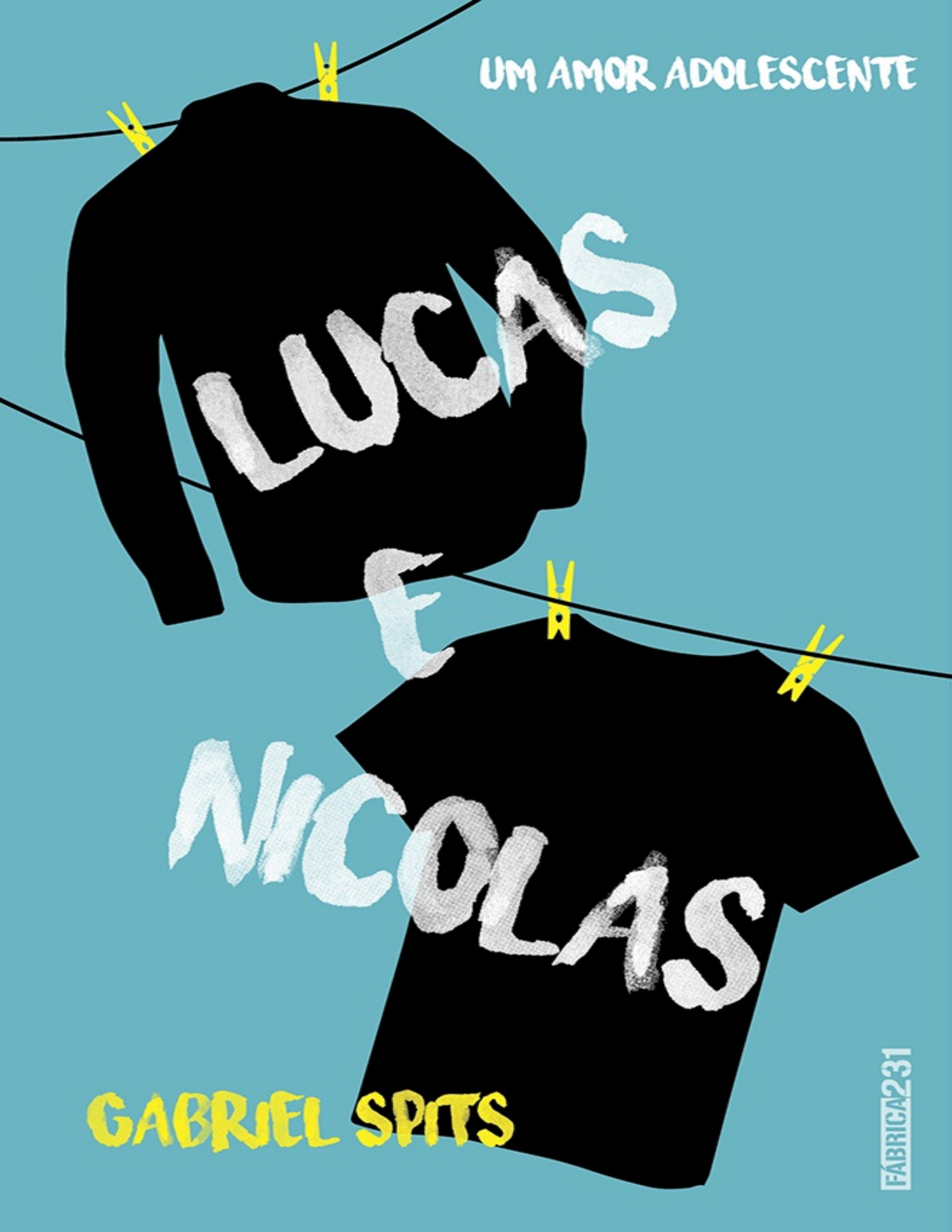
UM AMOR ADOLESCENTE



GABRIEL SPITS

FÁBRICA231

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

GABRIEL SPITS

LUCAS E NICOLAS

FÁBRICA231

Para o menino mais bonito do colégio.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

PARTE I | Lucas

"A felicidade só existe on-line."

"Bicha, boiola, viadinho."

"Pô, você não está tão longe assim de São Paulo."

"Este é o Nicolas. Ele veio de São Paulo."

Opa, a bicicleta é mesmo um meio de transporte.

O problema é que Lucas terminou a prova rápido demais.

Num cantinho da quadra, atrás de uma guarita, escondido nas sombras, Lucas come um sanduíche.

Quando você é adolescente, até seus sonhos têm hora pra acabar.

Lucas e Dênis sobraram.

Ao menos o sanduíche hoje é de salpicão.

Aqui o capítulo começaria com Lucas chorando no banheiro.

Felizmente Matheus está sempre, sempre on-line.

Lucas já está no terceiro filé de frango. E comeria mais um.

A música é ruim, o povo é chato; Lucas se arrepende de ter ido à festa.

Lucas tinha dúvidas se um cadeado seria suficiente para proteger sua bicicleta.

Os dois meninos seguem lado a lado.

PARTE II | Nicolas

"Este é o Nicolas. Ele veio de São Paulo."

É bom poder voltar a pé para casa.

Nicolas fixa-se na página em branco, tentando não olhar para o relógio.

Na aula de educação física, Nicolas é o primeiro a ser escolhido para o time de futebol.

Você salvou o time, Nicolas!

"Ei, boyzinho. Ei, boyzinho. Me compra uma cerveja?"

A bagunça da casa até que tem seu conforto.

Chaves estalam na porta e Nicolas desperta com a sala no escuro.

No dia seguinte, Nicolas é mandado direto para a coordenação.

Nicolas já voltou para casa, já comeu sua batata-doce e ainda tem umas boas horas até o treino de caratê.

O treino de caratê divide o espaço com aula de balé, sapateado e jiu-jítsu.

O dia começou com Nicolas ouvindo sermão na coordenaçâo da escola. Agora a tarde termina com esporro na academia.

Nicolas volta para casa ainda vestido de quimono.

Nicolas entra no chuveiro pensando em Silas.

A periguete do bar está na sala com o pai.

Nicolas chegou cedo demais à festa.

Com a festa avançada, os pais de marcos já no quarto, aumentou consideravelmente a oferta de bebidas, drogas, cigarros.

Sentado na sarjeta, olhando para as estrelas, as estrelas rodam.

Lucas segue Nicolas pelas ruas.

PARTE III | Lucas e Nicolas

"Eu estraguei tudo. Bem agora que a gente começava a se entender."

Nicolas acorda tarde, com gritos na sala.

"Ah-há, achei!"

Nicolas está sentado sozinho, à beira do rio, com a vara de pesca do pai.

Lucas descobre que detesta sair para comer pizza.

Já é manhã de segunda e Nicolas acorda mais desanimado do que nunca para a escola.

Lucas começa a manhã de segunda sendo chamado na coordenação

Nicolas toca constrangido a campainha da casa de Lucas.

Lucas não pode conter os sorrisos depois que Nicolas vai embora.

"Esforçar-se para a formação do caráter!"

Lucas entra na sala e já encontra Nicolas sentado.

Lucas sempre comeu Nicolas com os olhos, mas hoje está demais.

"Talvez você esteja certo, Matheus. Talvez Nicolas seja mesmo gay."

Nicolas finalmente tem um jantar sentado à mesa com o pai.

Nicolas, queria conversar a sério com você.

Nicolas segurou o bilhete receoso de ler.

PARTE IV | Lucas, Nicolas, Matheus e Laís

Matheus se remexe nervoso na porta da casa.

Nicolas se remexe nervoso na porta da casa.

Lucas tem o olho inchado, o corpo dolorido e sua cabeça é uma mistura de medo, vergonha e tristeza.

Merda, essa bicha está linda de doer.

Que eu tinha na cabeça quando resolvi sair com esses dois, pensa Nicolas.

Laís não acredita que está passando mais uma noite de sábado naquele lugar.

Eles saem com o carro para a estrada antes que a briga fique feia.

Depois do terceiro retorno errado, Matheus começa a ficar preocupado.

Laís vê os três meninos lado a lado na beira do mato, desaguando.

Quando eles param o carro, Nicolas já sabe: sobrou para ele o papel de macho.

Agora já deu. Todos concordam que não tem mais sentido procurar essa boate.

Esperando no acostamento, Matheus e Laís comem um pedaço de bolo que a mãe de Lucas preparou.

Lucas e Nicolas seguem pelo acostamento em busca de uma borracharia.

"Boa-noite, jovens, qual foi o problema no carro?", pergunta o policial.

"Quantos anos vocês têm, meninos?", o velho pergunta.

"Eu sei que a família pode ser cansativa, sufocante, mas vocês precisam dar valor."

Nicolas e Lucas andam novamente pela estrada, voltando dois quilômetros em direção à borracharia amigo prego.

“Seu filho se chama Nicolas?”, pergunta Laís olhando para os olhos azuis do policial rodoviário.

“Isso aqui é maconha!”, diz Nicolas.

Os dois amigos voltam para a estrada rindo, sem acreditar no que aconteceu.

Os quatro amigos estão de volta à estrada, de volta ao caminho da boate.

E de fato eles amanhecem à beira do rio, com os pés na água, pescando.

Créditos

O Autor

PARTE I

LUCAS

“A FELICIDADE SÓ EXISTE ON-LINE.”

Lucas posta essa frase e em dez minutos tem cinquenta curtidas. Matheus curtiu, Thaís curtiu isso, Douglas curtiu e comentou com “Kkkkkk”. Uma menina comenta com um coraçãozinho. Lucas pensa que o povo sempre se liga mais na coisa da imagem. A foto puxando para o texto, o povo curtindo sem nem ter o trabalho de ler. Ao menos o texto é curto, isso ajuda. O povo curte as frases curtas. Os posts com foto.

A vida on-line é assim, e nela ele tem o que é preciso para sobreviver. Nela ele é feliz. Nela ele é mais bonito. A luz sob controle. O ângulo certo. Os filtros. A franja sob controle. Ele não leva muito a sério, mas não pode reclamar. Sabe que tem gente que nem isso tem. E ele tem algumas dezenas, algumas centenas, alguns milhares de amigos, fãs, seguidores. O que mais um garoto no ensino médio poderia querer? É só abrir a tela e encontrar uma nova cutucada.

Lucas pega o celular, vira a câmera para selfie, levanta o aparelho e checa o ângulo, a franja, a luz. Seu pug sobe na cama, já acostumado a posar para as fotos com o dono. Lucas pensa se as fotos são tão populares por causa dele ou do cachorro. De qualquer forma, hoje ele não está satisfeito com o que vê na tela.

– Desculpa, Tobias, foto agora não vai rolar.

Ah, Lucas se sente uma farsa. Ele pode enganar o povo on-line, não a si mesmo. Lá fora, a vida não é assim. Ao vivo, ele não é tão bonito. Ao vivo, ele não é nada popular. Ao vivo, ele não tem amigos, nem troca conversas tão divertidas, ninguém acha graça no que ele diz. A maioria do povo nem conhece o tom da voz dele, e ele não conseguiria manter o olhar confiante em movimento. Na tela aparecem vinte convites para o final de semana e tudo é longe, impossível, em São Paulo, em Porto Alegre e no Rio. O mundo real não convida Lucas para nada. Também, se convidasse, provavelmente os pais não o deixariam ir.

– Posso ir para São Paulo no feriado? – arrisca-se na mesa de jantar engolindo o suco para ajudar a frase a sair de uma vez.

O pai levanta o olhar. – Fazer o quê em São Paulo, Lucas? Você não está em semana de provas?

– Então, as provas terminam na véspera do feriado, vou estar bem livre e tal; queria só dar um rolé. Vai ter Comic Con…

– Você não queria dar um pulo no shopping novo que abriu aqui? – interrompe a mãe. – Está precisando mesmo de roupas novas, e a gente poderia aproveitar.

– Isso a gente pode fazer qualquer noite…

– Por que você iria passar o final de semana trancado em shopping ou em convenção em São Paulo? – continua o pai. – Deus me livre, Lucas. Tudo o que EU quero num final de semana é me livrar das convenções. Vá aproveitar um pouco o mundo lá fora. O Carlinhos sempre passa aqui te chamando pra andar de bicicleta e você sempre diz que está ocupado…

Carlinhos é o vizinho de *doze* anos. Lucas pensa se inconscientemente o pai não quer sempre diminuí-lo, mantê-lo como o pré-adolescente de joelho esfolado, matando passarinho com estilingue. Lucas nunca foi esse menino. E pensa se não é uma decepção. Quando o médico diz: "É um menino", não é isso o que os pais visualizam? Bicicletas, joelhos, estilingue? Lucas cogita argumentar de novo que já cresceu – é menino, mas não é mais criança. Mas se argumentar que já cresceu, os pais podem ficar mais preocupados em deixá-lo ir para São Paulo. Vão dizer para ele então encontrar amigos da sua idade, nesta cidade.

Ele costumava ir a São Paulo, nas férias, nos feriados. Verdade que muitas vezes a mãe ia junto, mas ele estendia a permanência lá, na casa dos tios. Só que naquela época ele não aproveitava – ou não aproveitava a cidade. Passava a maior parte do tempo nos jogos do primo, Lords of Shadows, Final Fantasy, Demon's Souls – não dá para jogar a sério Demon's Souls sem queimar umas boas horas, ou um final de semana inteiro… um feriado prolongado. O primo foi

crescendo e ele jogando cada vez mais sozinho, melhor assim. Agora o primo já está na faculdade e os pais não devem achar que é uma boa companhia para Lucas.

– Filho, o pessoal de São Paulo vem para *cá* nos finais de semana, para o interior, para ter sossego. Não vê nos jornais, o movimento nas estradas? E você quer ir para lá. Não entendo – continua o pai.

– Não entende porque você morou a vida toda lá, até enjoou.

O pai de Lucas acha que o filho o acompanha nos sonhos. Esquece que o filho já nasceu numa realidade diferente da deles – a única para o filho. Lucas cada vez mais sente que vai ter de fazer o caminho inverso. Desfazer o caminho dos pais. Não é para isso que servem os filhos?

– Você fala, fala, mas também passa o fim de semana trancado em casa – Lucas argumenta. – Nem sei quando foi a última vez que te vi "aproveitar o mundo lá fora".

O pai ri. – Lucas! Eu não sou mais criança, né?!

Lucas olha torto para ele. Seu olhar comunica: "E acha que eu sou?"

O pai já corrige argumentando. – Tenha dó de seu velho pai cansado. Rererê. Quisera eu ter sua idade, sua energia. Acha que eu não queria jogar bola com os meninos nos campinhos por aí? Passo o dia todo trancado naquele escritório resolvendo pepino. Final de semana não tenho mesmo cabeça e energia para mais nada, infelizmente. Isso sem falar do meu joelho ferrado.

– E eu que tenho que acordar todo dia seis e meia da manhã para ir à escola!

– Arrumou o quarto, por sinal? – a mãe interrompe trazendo outro assunto do além. – Poderia aproveitar para fazer isso. Esvaziar aquelas gavetas, que estão um nojo. Deve ter papel de chocolate de três Páscoas passadas.

– Sério, mãe? Você quer que eu passe o feriado limpando gaveta?

– Não – responde o pai –, você pode curtir um pouco o mundo lá fora – argumenta em círculos. Lucas não tem mesmo como escapar daquilo.

Nem tem como escapar do peixe no prato – Lucas odeia peixe, e olha para o pug Tobias ao seu lado no chão. O cachorro desvia o olhar como se dissesse:

"Não conte comigo; eu não como peixe."

De volta ao quarto e ao computador depois do jantar, antes de esquentar a discussão, Lucas percebe que sente um certo alívio, por isso não insistiu mais. Não saberia mesmo o que fazer em São Paulo, se teria coragem de sair, para onde iria, se teria graça em encontrar o pessoal ao vivo. Talvez ele se decepcionasse com eles, provavelmente eles é que se decepcionariam. Ele perderia a "sua turma", "seus amigos", por mais que todos sejam só rostos e polegares de joinha numa tela. Melhor não mexer nisso.

“BICHA, BOIOLA, VIADINHO.”

Os gritos acompanham Lucas na volta para casa. Como eles sabem? Lucas não tem certeza. De nada. Segue cabisbaixo, curvado, quase invisível, mas eles veem. Ele se pergunta o que nele chama tanta atenção assim. Tá, usa calça skinny, tem a franja comprida caindo no rosto, mas isso é o visual normal de qualquer adolescente um pouco mais… descolado. Deve ser alguma coisa no jeito de andar, talvez sintam pelo cheiro. Não dizem que cachorro bravo fareja o medo? Que você deve morder a ponta da língua para o cachorro não sentir…? Lucas morde a ponta da língua, segue cabisbaixo, mochila nas costas. Mas os moleques com quem ele cruza no caminho sempre o chamam de viadinho. Ele não responde, não quer arrumar briga. Enquanto ficar só nos xingamentos, tá beleza. Lucas sabe que o melhor é fingir que nem ouviu.

Está com fone nos ouvidos. A música está ligada e está alta. O som é Marilyn Manson – ele espera poder transmitir algo da agressividade do cantor. Quem sabe o chiado que escapa estourando dos fones possa ser captado pelos outros, a guitarra pesada – não vai ser flagrado em público ouvindo Lady Gaga. Ainda assim… Ele escuta, ele lê os lábios, ele ouve os xingamentos a cada pausa. Dói como um tapa e ele finge nem ligar. É assim em toda volta para casa.

Cruza o olhar com o tiozinho da banca de revista. Ele também ouviu os xingamentos. Lucas fica constrangido – nem sabe o nome do cara, mas o conhece desde pequeno, quando ia lá comprar figurinhas e HQs. Agora o tiozinho testemunha o que ele se tornou, um viadinho adolescente que é atormentado na volta para casa. Me deixem em paz! Cuidem da vida de vocês e me deixem quieto no meu canto! Ele tem vontade de gritar. Lucas entra cabisbaixo na banca de jornais, só para pegar uma Coca da geladeira.

– Tudo bem com você? – o homem pergunta.

– Oi? – Lucas tira o fone dos ouvidos e finge que não escutou, nem o tiozinho

nem os xingamentos.

O tiozinho aponta com a cabeça em direção a um grupo de moleques que passa do outro lado da rua.

– A molecada aí, tá te incomodando?

Lucas investe ainda mais na encenação.

– Ah? Não, nem tô ouvindo.

Ele paga a Coca e o tiozinho revira o caixa buscando o troco. Os olhos de Lucas migram para as revistas logo ao lado. Revistas pornôs. Mulheres. Homens. Há uma revista gay com um cara bombadão na capa. Lucas torce o nariz, não sente a menor atração. Na verdade, sente até certo nojo. Se é disso que gay gosta, então eu não sou, ele pensa. Por sinal, quem compraria uma revista dessas nesta cidade? Aliás, alguém ainda *compra* revista pornô? Para isso também existe a internet...

O tiozinho da banca estende o troco e Lucas tira rapidamente o olhar das revistas.

Ele tem mesmo de agradecer por ao menos existir felicidade on-line. Pensa como deveria ser nos tempos desplugados, desconectados, desconexos. Imagina, sem internet, ele estaria completamente ilhado naquela cidade...

Eu estou ilhado nesta cidade, ele pensa, mas ao menos sua ilha tem internet.

“PÔ, VOCÊ NÃO ESTÁ TÃO LONGE ASSIM DE SÃO PAULO.”

Tecla Matheus para Lucas. – De repente você não consegue ir e voltar no mesmo dia? Seus pais não precisam nem saber – sugere o ‘‘amigo’’ do outro lado da tela, do outro lado da vida. Lucas não consegue deixar de pensar nele como ‘‘amigo’’, entre aspas, porque é um daqueles que ele nunca encontrou ao vivo. E se encontrasse talvez não fosse amigo de fato. Matheus é gay assumido, já fez dezoito, é um cara divertido, eles têm muito em comum, gostam das mesmas músicas, os mesmos filmes, e se falam ou teclam todos os dias. Ao vivo, talvez Matheus o achasse muito criação. Ao vivo, Lucas talvez tivesse vergonha de ser visto com ele, apresentar aos pais. Talvez Matheus só tecle com ele por achá-lo bonitinho. Ao vivo provavelmente não acharia. E Matheus também não é o tipo de Lucas. Tem jeito de essa amizade dar certo?

– Não vai rolar, cara. Eu precisaria pedir dinheiro para meus pais, arrumar uma desculpa para almoçar e jantar fora. Eles iam desconfiar.

– Ué, fala que vai para casa de um amigo, sei lá!

Lucas suspira. Ele já contou algumas vezes que não tem nenhum amigo naquela cidade. Deve ser difícil de acreditar com a quantidade de curtidas que aparecem nas suas postagens. Para alguém que mora em São Paulo, deve ser difícil entender como pode ser limitada a vida no interior.

– Além do mais, eu ainda sou menor de idade, né? Se der qualquer treta...

– Uia – responde Matheus. – Verdade. Melhor até eu tomar mais cuidado com que teclo com você, bebezinho...

Lucas mostra a língua para o amigo e percebe na mesma hora que é exatamente o que um bebezinho faria. Afe, a adolescência. Tanta coisa para resolver que surge de um dia para outro. Tanto tempo para esperar até que se possa resolver de fato.

Lucas fica deitado na cama olhando para o teto. Consegue identificar luas, estrelas, um cometa deixado pelo antigo morador. Foram colados naqueles adesivinhos fosforescentes, que o pintor nem teve o trabalho de arrancar, pintou por cima, permanecendo um leve relevo. É um bom retrato de sua constelação, coberta toscamente para ele não poder ir além. É uma camada leve de tinta, para que ele ainda saiba que está lá, mas ainda assim não consiga viajar.

Viadinho, Lucas pensa. Ele é um viadinho. É o que as pessoas chamam de viadinho, daqueles que apanham, que levam lâmpada na cara, que aparecem mortos em notícia de jornal. Não importa o que ele faça, o que ele não faça, é assim que o mundo o vê, então é assim que ele é. O que ele poderia fazer para não ser? Como controlar seus gestos, seus gostos, seu jeito de andar? O que tem nele de incontrolável que desperta tanto ódio nos meninos, que ele possa controlar? Viadinho. Ele entende muito bem o que significa, claro, e já recebe o castigo sem nem ao menos ter beijado um menino. Sem nem pensar muito nisso. Sem querer pensar. Sua constelação coberta por uma camada de tinta. Lucas pensa se vai morrer, se vai acabar morto. Lucas pensa se vai morrer virgem.

Ellis volta à sua mente. A americana que conheceu há dois anos, num acampamento. A primeira (e única) menina que ele beijou. Mas beijou mais de uma vez, que fique claro. Ultimamente tem pensado cada vez menos nela. Normal, faz dois anos. Dois anos e três meses, por sinal, pô, já ficou tão para trás... O que importa é que Lucas gostou dela, de verdade. Menina linda, aqueles olhos tão claros, o sotaque com que tentava falar português... Ficaram só dez dias juntos, depois ela voltou pros EUA e mantiveram o contato pela internet, se falavam o dia todo... Lucas podia dizer que tinha uma namorada. Tinha certeza de que daria certo no dia a dia – se ela estivesse aqui, iriam ver que não sou viadinho, ele pensa. Planejava visitá-la. O pai até deu força – orgulhoso de ver o filho com uma namorada. Mas a passagem era tão cara, a cidadezinha dela era tão pequena. Ela tinha uma outra vida lá, outros amigos, os pais dela provavelmente não iriam querer hospedá-lo. E seria por mais o quê, dez dias, um mês? Não tinha como eles ficarem juntos.

Daí, naturalmente a coisa foi esfriando. Ela aparecendo cada vez menos on-line. Os e-mails ficando mais curtos. Ela escreveu que não planejava voltar ao Brasil tão cedo, que talvez não fosse boa ideia ele ir visitá-la. Lucas tinha certeza de que ela já tinha arrumado outro namorado – é, ela conseguiria fácil coisa melhor. Já ele tinha cada vez mais dúvidas de que conseguiria outra namorada, se conseguiria gostar de outra menina, pensava cada vez menos nela...

Normal, faz dois anos e três meses, reafirmou para si mesmo. Ele já tinha se apaixonado por uma menina uma vez. Logo aparece outra e acabam todas as suas dúvidas. Mas já faz quase dois anos e meio...

Num susto, Lucas recebe uma lambida na boca. Tobias, seu pug, saltou na cama para consolá-lo.

– Pô, Tobias, que nojo! – Ele empurra o cachorro para longe. Parece que é só isso que tem para hoje mesmo, beijo de cachorro. Lucas até que adora esse pulguento, mas no fundo acha que é uma *cat person*.

“ESTE É O NICOLAS. ELE VEIO DE SÃO PAULO.”

A professora Inês apresenta o menino que já é três palmos mais alto do que ela. Loiro, olhos claros, peito inflado, acaba de entrar na escola. Lucas se sente intimidado. Tenta não olhar diretamente, não cruzar olhares, não demonstrar interesse – um daqueles meninos que pode se juntar ao coro dos que alopram com ele na volta para casa. Mais um para chamá-lo de viadinho.

Lucas poderia se sentar na primeira fileira da classe, mas não quer ficar à vista de todos. Lucas poderia se esconder no fundo, mas é lá que os mais zoeiras se sentam. Lucas se senta no meio de uma fileira, no canto esquerdo da sala, nada digno de nota. É onde se encaixa, não é o primeiro da classe, está longe de ser dos piores. O que ele pode fazer para passar despercebido, ele faz e não é o suficiente. O olhar, o modo de respirar, os trejeitos, a maneira de tirar a franja do rosto denuncia algo que ele não controla.

Não consegue controlar também o olhar para Nicolas. Deve ser filho de alemão, de escandinavo, um olhão azul daqueles, lembra até os olhos da Ellis, puxa. Lucas nota os risinhos abafados das meninas, a postura de alerta dos meninos. Nicolas chama a atenção de todos, isso é claro, não poderia deixar de chamar a dele também, nada demais.

– Pode falar um pouquinho de você, Nicolas? – a professora pede.

O menino dá de ombros.

– Meu nome é Nicolas, vim de São Paulo, estou na classe de vocês…

A classe ri. Ri *com* ele, não dele. Dá para ver o olhar de simpatia na cara de todo mundo, como se concordassem: “É, que idiota essa professora, pedir para você se apresentar.” Claro, ele é loiro, alto, forte. Até a professora Inês abre um sorriso de simpatia.

– Não quer contar um pouco das coisas que gosta de fazer? Por que se mudou para cá? – ela insiste.

– Não, tô de boa. – Mais risos solidários.

– Nicolas é faixa preta de caratê, já ganhou alguns campeonatos; temos um atleta na sala! – ela toma a iniciativa por ele. Se tinha algum menino que ainda pensava em zoar com o novato, agora não tem mais. – Só espero que também seja aplicadinho nos estudos. – Ela termina e o toca atrás da cabeça, o empurrando gentilmente para se sentar.

Felizmente Nicolas se senta lá na frente, de costas para Lucas, e ele pode voltar o olhar à sua lição. Quer dizer, mais ou menos... O olhar está na lição, a mente está longe, indo até o menino algumas carteiras à frente, e além.

"Nicolas veio de São Paulo", Lucas reflete. Que foi fazer numa cidadezinha de merda daquelas? Bom, talvez quando você é loiro, alto, forte e bonito você possa ir para qualquer lugar, sinta-se em casa em qualquer lugar, qualquer lugar recebe você bem. Lucas pensa o que aconteceria se fizesse o caminho inverso. Fosse para São Paulo. Uma nova escola. Começar do zero. Poderia encontrar sua turma, seria deixado em paz ou tudo se repetiria de novo? Sua franja seria a mesma, fora de lugar, seu lugar seria o mesmo, seus trejeitos. Ele seria a mesma pessoa e provavelmente passaria pelos mesmos tormentos. Ele não pode escapar de si mesmo.

– Psiu, Malucas, psiu, Lucas! – cochicha Vinícius numa cadeira ao lado e logo atrás. Afe, "Malucas", ele odeia aquele apelido. – Qual é a resposta do três, caralho? – fala ansioso e abafado, tentando colar do caderno de Lucas, nervoso por Lucas estar disperso da lição.

Lucas franze a testa. – Isso é só um exercício, não vale nota! – Lucas argumenta entre os dentes. Por que esse moleque está sempre tão acelerado?

Vinícius acerta um tapão na nuca de Lucas.

– Ajuda aqui, arrombado!

A professora Inês nota a agitação dos dois meninos e chama a atenção. – Lucas, Vinícius, terminem a lição em silêncio, por favor, não atrapalhem os colegas.

– Desculpa, *psora* – responde Vinícius. E quando ela abaixa o olhar, ele

avança e puxa o caderno de Lucas para sua mesa, para copiar.

Sério? Lucas não fez ainda nem metade da lição. Aquilo não vale nota, é só para preparar para a prova mesmo. Qual é o sentido de copiar de um colega?

Lucas decide não reclamar, para não criar mais atrito. Fica sentado olhando para a lousa, esperando Vinícius terminar de copiar do seu caderno. Seus olhos migram para as costas de Nicolas, a nuca, o cabelo loiro raspadinho... Paga pau da gringaiada que eu sou, pensa. Não pode negar a atração que um cabelo loiro e um par de olhos claros exercem sobre ele. Bah, os outros meninos jamais diriam, mas qualquer um pode ver que Nicolas é um garoto lindo, Lucas não precisa mentir para si mesmo. Gostaria só de ser amigo dele, estar perto, poder trocar umas ideias. Sem chance disso acontecer. Lucas não dá uma semana para Nicolas já estar encaixado no grupinho dos fodões. Se ele o deixar em paz já vai ser uma conquista. Tudo o que ele pode desejar de Nicolas é desprezo.

OPA, A BICICLETA É MESMO UM MEIO DE TRANSPORTE.

Pensa Lucas chegando à porta de casa, de volta da escola, sem ouvir nenhum xingamento. Tudo bem, ele veio pedalando rápido, de fone de ouvido, música alta, mas ainda assim não ouviu nada ou não teve tempo de ouvir NENHUM xingamento, não viu nenhum dedo do meio. Ninguém gritando em sua direção. De repente sobre duas rodas ele é mais masculino, hein? Precisa usar mais essa bicicleta. Pode usar de fato como um meio de transporte, não só como lazer nos finais de semana. Já valeu só pelo olhar orgulhoso do pai quando ele tirou a bike da garagem de manhãzinha. Foi por essas e outras que os pais se mudaram para aquela cidade – para o filho poder ir para a escola de bicicleta... tudo certo então, esse agora é seu novo meio de transporte.

– Eae, Carlinhos – Lucas diz para o vizinho quando para com a bicicleta na porta de casa. O menino está no portão com os amigos e vira a cara para ele. Cochicha algo com seus amigos pré-adolescentes e todos riem. Afe, agora Lucas é alvo de piadinhas até do vizinho de DOZE anos.

Em seu quarto, ele poderia estar fazendo os deveres, ele deveria estar estudando; em vez disso, está queimando horas e horas só pulando de um link para outro. Clica em "20 alimentos que você sempre comeu errado", de lá para "brinquedos que toda criança dos anos 80 já teve" e "os 30 momentos mais insanos da TV brasileira". Cultura inútil. Ele não consegue se livrar; quando vê, já está escurecendo lá fora. Hora de sair da internet. Vê então que Ellis está on-line – raridade hoje em dia. Só vai conversar rapidinho com ela e depois vai estudar para prova, promete a si mesmo.

– Eae, Ellis? – Ele tecla em seu inglês que dá para o gasto.

– Oi, Lucas, tudo bem? – Ela responde no seu português mais ou menos.

Ele odeia essa pergunta. Nunca vai estar TUDO bem. Então ou ele aceita

que é uma pergunta retórica, ou dá uma de chato e diz "nem tudo" e começa a reclamar da vidinha da cidade pequena, da falta de amigos, da solidão. Deve ter sido tudo isso que ajudou Ellis a se afastar dele, afinal. Ninguém quer namorar um *loser*. Ele pensa no que ela viu nele, para começar. Bem, como americana, talvez ela o achasse diferente, exótico, nessa aparência latina. Talvez isso a encantasse assim como ele se encanta por olhos claros, cabelos loiros.

– Tudo tranquilo. Saudades. Como estão as coisas por aí? – diz ele.

– Tranquilo – ela responde. Sem dizer que sente saudades, sem acrescentar muita coisa. Lucas aproveita para verificar as fotos mais recentes dela. Um mesmo menino aparece em várias delas. Um menino mais velho, mais forte, bem com cara de americano. É, ela tem coisa melhor.

Lucas ensaia no teclado tanta coisa para dizer. Ela foi sua namorada… ou quase. Foi sua amiga. Ainda assim, tem tanto que ela não sabe. Tanto que ele não pode dizer para ela. Sua namorada, a menina que você ama, não deveria ser a pessoa com quem você mais se abre no mundo, com quem tem mais intimidade? Para quem não precisa esconder nada? Ele pensa se eles tivessem transado. Ela conheceria seu lado mais íntimo, suas partes mais íntimas. Lucas estremece ao pensar nisso. Será que algum dia conseguirá se expor assim para alguma pessoa, alguma menina?

Quando ele finalmente encontra um assunto para continuar teclando com ela – Viu que saiu o trailer do novo filme dos Vingadores? –, ela já não está mais on-line. Ficou off sem nem se despedir.

O PROBLEMA É QUE LUCAS TERMINOU A PROVA RÁPIDO DEMAIS.

Fica sentado em sua carteira, olhando para a frente, ouvindo os cochichos de Vinícius lá atrás.

– Malucas, ei, Malucas! Me mostra a sete!

Lucas abaixa o olhar novamente para a prova, para fingir que ainda está fazendo, que está concentrado e não escuta o colega. Já levantou discretamente a folha na questão dois, na questão três, e o moleque atrás continua pedindo cola, demorando para colar.

– Levanta de novo, não consegui ver! – cochicha. Vinícius deve estar precisando de óculos, ele tem mesmo aquele olhar, de quem está sempre forçando a vista, mas se assumir o problema vai perder sua aura de revoltz, né? Imagina só, Vinícius já usa aparelho, imagina com óculos na cara. – Ei, levanta mais! Não tô conseguindo ver!

– Lucas, Vinícius. – A professora lança olhares para eles. – Vão fazer a prova quietinhos ou vou ter de ir aí? – Droga. Ela não percebe QUEM é que está colando? Não sabe que Lucas não precisa disso? Ele está à frente de Vinícius, inclusive, não teria como se virar para trás e colar do colega. A culpa não é dele. Se ele tentar dar uma de migué e recusar dar cola, o moleque vai aloprar mais com ele na saída.

Vinícius sossega por um tempo. Lucas fica no tédio de esperar o sinal para poder levantar e entregar a prova. Droga, não podia entregar assim que terminar?, bem mais fácil, se a professora quer evitar cola. Lucas fica sentado, cabeça baixa, pensando em nada, tentando não pensar, tentando não deslizar o olhar para Nicolas, na fileira lá da frente. Hoje ele veio de bermuda. Lucas não pode deixar de reparar no tornozelo dele, na batata da perna, músculos definidos, uma penugem loirinha por cima... Ah, que ótimo, agora ele está

secando a perna do colega. Lucas, quem você quer enganar?, ele pensa consigo mesmo. Você está secando a perna do seu colega!

Tá, mas não é *desejo*, ele se defende de si mesmo, é *admiração*. Ele não queria *ter* o menino, queria *ser* como ele. Forte, bonito, loiro. Bom, isso não é desejo da mesma forma?, Lucas argumenta consigo mesmo. Não, é *inveja*. Ah, como é difícil avaliar os próprios sentimentos. Ele é apenas ele mesmo, não pode entender o que se passa na cabeça dos outros, se é assim que se passa na cabeça dos outros, se é assim que se passa na cabeça de um gay!

– Malucas, o oito! – Vinícius cochicha alto demais e desperta Lucas de seus devaneios. A professora levanta novamente o olhar. O sinal toca. Ufa, salvo literalmente pelo gongo.

NUM CANTINHO DA QUADRA, ATRÁS DE UMA GUARITA, ESCONDIDO NAS SOMBRAS, LUCAS COME UM SANDUÍCHE.

Gostaria de ser um pouco mais invisível, mas é o que tem para hoje. O sanduíche é de atum, percebe na primeira mordida, ele também gostaria que fosse outro – achou que era salpicão de frango. Droga, os pais sempre falam que a infância, que a adolescência são as melhores fases da vida... Então se a coisa só piora o caso é grave. Tem isso de aturar patrão, ter de sustentar família, blá-blá-blá, na vida adulta. Mas pelo menos você pode fazer as próprias escolhas, ser quem você quiser, COMER o que você quiser. Quando você é moleque, até o sanduíche que você come no recreio é decidido pelos pais! E se ele reclamar por causa de um sanduíche de atum, vão falar que ele é mimado e reclama por bobagem, que muita gente nem tem o que comer, blá-blá-blá.

Fora o atum, seu recreio não tem recheio algum. O concreto da quadra, a sombra, a tentativa de ser invisível. Lucas não deveria fazer drama, ele sabe que está sozinho também porque quer, mas quais seriam as opções? Amizades de conveniência, tapa-buraco. Jonas, que era um colega mais amistoso, encheu o saco dele com todo aquele papo de igreja. E "isso é pecado" e "isso não é certo". Lucas não quer ser aceito como amigo só porque o menino acha que é pecado recusar – e ainda está disposto a fazer de tudo para "salvá-lo". Fora que ser visto com o Jonas... Tá, megavacilão ficar preocupado com quem ele pode ser visto, Lucas não quer mesmo ser um moleque preconceituoso. Mas não se identifica com toda aquela ideologia evangélica para vestir essa carapuça. Melhor então ficar sozinho, solitário, *lonely*, *loser*.

Repara em Nicolas, lá na frente da quadra. Junto dos outros meninos, rindo, conversando... Ele acabou de dar um tapão na cabeça do Vinícius? Vinícius ri. Poxa, um cara como ele pode entrar numa escola nova e dias depois já estar

zoando com todos da classe, totalmente integrado. É, talvez a adolescência seja a melhor fase da vida… para alguns. Aqueles que estejam no topo da cadeia, fortes, héteros, loiros num país de mestiços. Têm tudo isso e ainda são sustentados pelos pais. Certeza até de que esse Nicolas deve curtir seu sanduíche de atum. Ou então deve se manter à base de shake de whey protein. É, tem cara de whey protein.

Nicolas cruza então olhares com ele. Ops, Lucas fixou o olhar tempo demais. Tem essa coisa, se você fica olhando muito tempo para uma pessoa, a pessoa acaba olhando para você, mesmo que você esteja longe, à sombra, invisível. Nicolas vai na direção dele. Danou-se, agora Lucas vai arrumar treta com o faixa preta da escola. Os outros colegas acompanham Nicolas só com o olhar, rindo. Ele chega até Lucas e se agacha no chão.

– Tava me encarando?

– N-não… – Lucas gagueja. – Tava… tava só pensando, com o olhar perdido.

– Perdido em mim? – Nicolas está sério, de cara fechada.

– Não, cara, tô quieto aqui.

Nicolas abre um sorriso. – Como é seu nome?

– Lu-Lucas…

– Que cê tá fazendo sozinho aí, escondido?

– Tô… tô de boa, só passando o tempo, nada de mais…

Nicolas comprime os olhos, o examina.

– Você tem um ar misterioso… acho bacana.

Lucas engole em seco. Não, em seco não, sente o atum descendo pela garganta.

– Valeu. – Ele olha além de Nicolas. Vinícius e seus outros colegas estão lá longe na quadra, olhando para eles, rindo, esperando para ver o que Nicolas vai fazer. Nicolas se vira para ver para onde Lucas olha. Volta o olhar para ele.

– Do que eles estão rindo?

Lucas dá de ombros. Não sabe o que responder. Tem vontade de chorar. Não vai chorar.

– Que babacões – Nicolas comenta. – Quer ver eu tirar esse sorrisinho do rosto deles?

Lucas não responde. Não sabe se deve dizer sim, se deve dizer não. Nicolas está perto demais, perigoso demais. Então se aproxima mais ainda, a centímetros do rosto de Lucas. Vixe, vai rolar porrada, certeza. Mas o rosto está cada vez mais próximo. Tem algo esquisito aí.

– Q-que você tá fazendo? – Lucas consegue gaguejar.

– Você é gatinho, sabia? Meio estranho, mas eu gosto. Tem um jeito assim… descolado, alternativo…

Lucas engole novamente. Aquilo não pode estar acontecendo. Olha os lábios carnudos de Nicolas, o hálito quente dele soprando em seu rosto. Tem receio do seu próprio bafo de atum com cebola. (Produção, me consegue um Trident?)

– Eu acho que a gente devia dar um beijo – Nicolas continua. – Ia mostrar pra esses criançõe como a gente é *cool*. Vamos?

Lucas meneia a cabeça. Aquilo só pode ser uma armadilha. Ele não pode responder, não tem o que responder.

– Vamos?! – Nicolas pressiona.

– T-tudo bem…

Nicolas se adianta. E com seus lábios quase se tocando, Lucas ganha consciência. Droga, aquilo não é real. A consciência o faz despertar antes mesmo de o beijo acontecer.

Poooooooorra…

Lucas acorda em sua cama. Tudo bem, não precisava ser real. Um beijo daqueles na escola provavelmente ia trazer treta demais para a vida dele. Mas… não podia acontecer pelo menos no sonho? Ele não podia ter acordado um pouquinho depois, depois de o beijo acontecer? Estava tão real… até o gosto do atum em sua boca. (E vai ficar só nisso, só no gosto do atum.)

Lucas se revira na cama. Revira o sonho. Tobias acorda ao seu lado e o olha intrigado. Ia acontecer mesmo, com todas essas dúvidas na cabeça, essa… *admiração* pelo Nicolas, é claro que ele ia acabar sonhando. Lucas tenta entender

o significado do sonho, não pode se enganar. Não precisa de um dicionário de sonhos nem que ninguém interprete. Ele está apaixonado. A cueca armada não deixa dúvidas.

QUANDO VOCÊ É ADOLESCENTE, ATÉ SEUS SONHOS TÊM HORA PRA ACABAR.

Lucas tem que se levantar naquele horário irracional para ir para a escola. Acordar antes das sete da manhã para resolver equações matemáticas como se o mundo dependesse disso. Aquela fórmula tão crucial para salvar sua vida… numa prova bimestral, mas que pode ser esquecida, nunca mais usada, desprezada pelo resto da sua vida – faz sentido? Ele abre a gaveta. Veste a camiseta do Wolverine. Torce para que a camiseta possa conferir a ele um pouco da aura *badass* do personagem.

Garras de Adamantium não o protegem quando ele dá com Nicolas na entrada da classe, ele entrando, o colega saindo. Seu nariz quase bate no pomo de adão do outro, e Lucas já pode farejar um perfume quente, masculino, que ele não sabe se é perfume realmente, porque não conhece perfume de homem, ou se é o cheiro natural de Nicolas, porque isso ele não conhece mesmo. Um passinho para a direita, um passinho para a esquerda, um dribla o outro involuntariamente, tentando entrar, tentando sair, até que Lucas congela no lugar e Nicolas consegue contorná-lo sem olhar para trás.

Sente uma solidão terrível. O menino dos seus sonhos… aquele é o menino dos seus sonhos, quer ele queira ou não. Mas está lá, só na sua cabeça. No mundo real o menino nem sabe que ele existe, é apenas um obstáculo diante de uma porta aberta para ele driblar.

Também, você podia ser mais original, Lucas, ele pensa. Não gostou sempre dos filmes mais alternativos, das bandas mais obscuras, os games desconhecidos? Mas na hora de se apaixonar, é pelo menino fodão do colégio, que previsível.

A professora chega com a prova de matemática. Nicolas volta para a classe e se senta lá na frente. Lucas não pode evitar correr os olhos rapidamente para as

pernas do colega. Afe, de bermuda de novo… e ainda de chinelo. Devia ser proibido vir de chinelo para a escola. Lucas examina os pés de Nicolas, pálidos, alongados, bonitos. Será que TUDO nesse menino é perfeito assim? Ele jamais se atreveria a mostrar seus próprios pés em público. Os calos. Os dedos tortos. A unha do dedão que ele sempre esquece de cortar… Lucas se perde pensando nos próprios pés, olhando os pés do menino, e quando repara, Nicolas se virou para ele. Se você fica olhando muito tempo para uma pessoa, a pessoa acaba olhando para você – Lucas se lembra do sonho. Afasta o olhar. Afe, vai ser tudo igual a ontem: terminar a prova, ficar olhando pras pernas do moleque, ouvir Vinícius encher o saco pedindo cola.

LUCAS E DÊNIS SOBRARAM.

Lucas olha para o menino pálido, de óculos, ao seu lado. Os dois últimos a serem escolhidos para os times de futebol na aula de educação física. Por que eles têm de passar por isso toda vez? É só simbólico mesmo, eles não vão jogar, vão ficar no banco de reservas. Dênis ainda tem uma ótima desculpa, tem problemas de coração. Não pode fazer muito esforço. Ainda assim o professor acha que ele tem que pertencer a um time, só por pertencer. Como ele não pode jogar, também deixam Lucas de lado. E sempre fica um peso morto para cada time.

Há outros moleques que jogam pior do que ele... Tá, talvez não. Tem o gordão do Ulisses, que não joga nada, mas que acaba sempre sendo colocado no gol e tapa a entrada de qualquer bola. Vinícius também acaba sendo meio perna de pau, por ser cegueta, mas é fominha e às vezes consegue marcar um gol. Lucas vai pro banco de reserva e começa a jogar Flappy Bird. Há muito percebeu que não fazia sentido fingir interesse na partida, torcer, gritar, incentivar os colegas.

Os olhos estão na tela, mas sua cabeça está mesmo no sonho da noite anterior. Entre cada voo do passarinho, Lucas deixa o olhar escapar para a quadra. Nicolas está lá, jogando no seu time. Foi um dos primeiros a ser escolhido, claro. Tomou o lugar de Ulisses no gol. Bloqueia os chutes como um profissional. Passa a bola para os colegas com elegância. Grita ordens e xinga as barbeiragens. Caraca, mal entrou no colégio e já está xingando os colegas numa boa.

Lucas volta os olhos ao passarinho da tela de seu celular. Mas de tempos em tempos não pode parar de deixar os olhos migrarem de volta para Nicolas. Parado lá no gol, gritando, realmente entretido no jogo. Pelo menos agora calçou um tênis, não está mais de chinelo. Assistindo a uma jogada, Nicolas coloca as

mãos na cabeça e Lucas pode ver os pelinhos loiros debaixo de seu braço. Eles cruzam olhares e Lucas volta a olhar para a tela, para o passarinho. Não é fácil se concentrar assim.

O jogo da quadra vai esquentando-o, deve-se dizer, o do celular permanece morno, o sol do meio-dia está chegando e finalmente chega o momento pelo qual Lucas temia... ou ansiava. Suados, os meninos começam a tirar as camisetas. Ah, era só o que faltava. Ele mantém os olhos grudados na telinha, até que não resiste e levanta a cabeça. Nicolas está lá, no gol, de bermuda e peito nu.

Como um ser humano consegue ficar assim? Como um menino da idade dele pode ter um corpo desses, Lucas pensa. É pele, músculos, tudo encaixado no lugar certinho. Uma leve penugem loira desce do umbigo e entra pela bermuda. Meu Deus, o moleque tem *tanquinho* – Lucas não se surpreende, mas se impressiona. É um maremoto de sensações, que ele mal consegue descrever. Admiração, cobiça, inveja, desejo, vergonha, tristeza, melancolia. Até nostalgia. Como se ele já tivesse desperdiçado toda sua juventude. Como se já se encontrasse na terceira idade e lamentasse tudo o que não foi na juventude. Tudo o que não pôde ter na juventude. Nunca serei ELE na juventude, Lucas pensa. Eu desperdicei aquilo do qual todos os velhos têm inveja. É DISSO que eles têm inveja. E eu nunca serei como ele. Nunca terei alguém como ele. Estou condenado a mim mesmo.

Lucas sacode a cabeça e deixa o fatalismo ir embora. Tenta aproveitar um pouco só a bela imagem que tem diante de si. Nicolas é uma beleza. E todos os meninos correndo em volta dele parecem mais desconjuntados, inacabados. Alguns ainda têm corpo de criança. Outros têm braços longos demais para o tronco. O tronco muito fino e os braços curtos. Nicolas é um garoto finalizado à perfeição.

Quando percebe, Nicolas está olhando para ele também. Lucas está semiboquiaberto, com o olhar vidrado, perdido em meio a tantas fantasias, desejos e delírios que seu novo colega desperta. Nicolas franze a sobrancelha,

provavelmente irritado com aquele olhar. Então uma bola é chutada e ele instantaneamente reverte para o modo de defesa, interceptando o lance e recebendo gritos de comemoração dos meninos. Todos saltam sobre ele, comemorando. Eles o abraçam, suados, sem camisa. Boa desculpa, pensa Lucas. Depois eu é que sou gay! Lucas grita também, disfarçando o foco de seu entusiasmo para o jogo.

Os meninos se afastam e Nicolas fica lá no gol, ofegante, sorridente, meio sem graça. Que lindo. Lucas então recua mais no banco e tenta retornar ao Flappy Bird. Seu passarinho dá de cara no cano.

AO MENOS O SANDUÍCHE HOJE É DE SALPICÃO.

Lucas constata quando morde o lanche no recreio. No salpicão a mãe sempre acerta. Deve ser por isso que ele ainda não se arriscou a fazer ele mesmo seu próprio lanche. Ou talvez seja porque ele gosta da surpresa, o oráculo do sanduíche: se o recheio é atum, seu dia vai ser uma merda; se o recheio é de frango, talvez ainda haja esperança. Ou é o contrário? Tipo, se vem atum, seu dia vai ser melhor, então é um motivo para você se forçar a comer. No sonho, o atum dava sorte. Quer dizer, mais ou menos. Dava sorte porque rolava o beijo... mas não rolou o beijo. E dava azar porque o beijo rolaria com bafo de atum. Se o sonho tivesse continuado, se o beijo tivesse rolado, de repente o menino teria vacilado. "Isso é atum?", ele diria. E daria uma desculpa para ir embora e nunca mais voltar. Diria aos colegas que a ideia do beijo foi do viadinho do Lucas. O sonho se tornaria pesadelo. Talvez tenha sido melhor mesmo ele ter acordado.

E com o olhar perdido, pensando no sonho, Lucas nota que o olhar encontra Nicolas novamente, do outro lado da quadra, conversando e rindo integrado com os colegas, como no sonho. E, como no sonho, Nicolas repara que Lucas está com os olhos nele. Vinícius e os outros também. Droga. Agora riem maldosamente e cochicham algo com Nicolas. O menino não responde, só caminha firme em direção a Lucas, num cantinho da quadra, atrás de uma guarita, escondido nas sombras, comendo um sanduíche.

– Tava me encarando? – Nicolas diz agachando-se diante de Lucas.

– N-não... – Lucas gagueja. – Tava... tava só pensando, com o olhar perdido. – Je-sus, isso sim é o que se pode chamar de déjà-vu, pensa Lucas.

– Como é seu nome? – Nicolas pergunta. Continua parecendo com o sonho, talvez com algum detalhe diferente.

– Lu-Lucas...

– Lulucas? Que porra de nome é esse?

– Não, é só Lucas. Lucas.

– Lucas Lucas?

– Lucas.

– Lucas Lucas Lucas?

– Só Lucas! Uma vez só! – Lucas quase grita. Opa, foi mal. Não quer desafiar o colega, só está nervoso demais.

– Se é uma vez só, devia ser Luca. Se é "Lucas" quer dizer que é mais de um, plural, não é?

Lucas torce a boca. Poderia responder que "Nicolas também é mais de um, mas é melhor ficar quieto. Não sabe se Nicolas está lá para tirar sarro da cara dele, socar a cara dele ou lhe dar um beijo. Obedecendo o roteiro do sonho, Lucas espia os colegas atrás de Nicolas, no final da quadra. Eles continuam rindo e olhando para os dois em expectativa.

– Você é estranho sabia? – Nicolas diz. Disse apenas "estranho", no sonho era algo como "gatinho, mas estranho." Lucas até cogita perguntar: "estranho, mas gatinho?" Nunca que ele teria coragem de falar isso em plena consciência. Só consegue dizer:

– Sabia.

Nicolas comprime os olhos, pensando no que dizer. Lucas deve ter dado a resposta certa. Nicolas então estende a mão.

– Bem, meu nome é Nicolas, prazer. Sou novo aqui na escola.

Lucas pega a mão do colega. Ele aperta forte. Au!

Nicolas complementa:

– Se tiver algo pra dizer pra mim, diz de uma vez, tá? Não fica me encarando, é feio.

Lucas engole, faz que sim, gagueja:

– F-f-foi mal.

Nicolas se levanta, lança mais um olhar para Lucas, lá de cima, se vira e sai cruzando a quadra.

AQUI O CAPÍTULO COMEÇARIA COM LUCAS CHORANDO NO BANHEIRO.

Mas a questão é que o banheiro do colégio não oferece a mínima privacidade. São três banheiros coletivos, para todos os meninos, e não tem como trancar a porta. Nem mesmo dos reservados, a maioria está com a fechadura quebrada. Os que têm fechadura têm problemas com a privada; o máximo que dá para fazer num lugar desses é mijar, e olhe lá. O choro nem é tanto problema. Lucas já se pegou em situações piores, com o intestino solto, e a escola era o pior lugar para se estar. Agora ele só tem que engolir o choro, mas não engole. Já fez a prova do dia, não quer mais ficar na escola e consegue fugir cabulando as últimas aulas.

A bicicleta com que ele veio vem bem a calhar. Lucas pedala para longe, rápido, passando por sua casa, saindo da cidade, chegando às ruazinhas de terra, que nem ficam tão longe assim. Pega uma trilhazinha entre as árvores. Quando vê, está na beira do rio; desce da bicicleta, senta-se no chão e finalmente deixa as lágrimas rolarem.

Sente-se tão solitário. Sentado sozinho, lá, à beira do rio, pelo menos ninguém vai incomodá-lo. O dia está claro, os pássaros cantam, uma garça-branca fica à espreita, buscando algum peixe. O rio até que está bonito e ele agradece por ter aquela paisagem para se isolar. De repente, numa cidade grande, ele nem teria para onde fugir, apenas trancar-se no quarto. A mãe batendo do lado de fora – perguntando se está tudo bem, se ele não quer comer um lanche. Como é difícil ser você mesmo, fazer as próprias escolhas, saber o que você realmente quer. As lágrimas rolam fartas e Lucas revira a mochila procurando algo para servir de lenço. Só tem mesmo a manga da camiseta.

Aos poucos vai sossegando. A paisagem ajuda a acalmar. A garça-branca consegue pegar o peixe e caminha lentamente para a beirada para comê-lo em

paz. Então surgem outras garças. Querem aquilo que ela tão pacientemente conseguiu conquistar. Lucas busca no fundo da mochila um pacotinho de balas para si mesmo. Balas de ursinho. Adora aquela bagaça, mas nem isso pode comer tranquilo na escola sem os colegas tirarem sarro.

Enquanto come, Lucas repara numa figura bem ao longe, também na margem do rio. É um homem? Sim, e parece estar pescando. Hum, se homens e garças ainda pescam naquele rio, não deve estar tão poluído assim. O pai o convidou tantas vezes, Lucas recusou. Convenceu o pai de que aquele rio não prestava para pescar. Ele não gosta mesmo de peixe, mas podia ter sido um programa divertido, sei lá... se bem que precisa ter paciência para ficar sentado horas à beira de um rio, os mosquitos picando. Ai! Lucas bate num mosquito que pica seu pescoço. É, ele prefere ficar na frente do computador. Será que se morasse em São Paulo, se não tivesse pai, daria mais valor àquela vidinha?

Droga, o pescador também reparou em Lucas. Agora está vindo na sua direção. Acho que é hora de sair dali. Lucas se levanta, limpa a terra da calça. O homem se aproxima. É um cara magrelo, meio esfarrapado, coberto de tatuagens, uma vara de pesca improvisada. Parece algo entre o hippie, o punk e o mendigo. Talvez os três. Lucas sente o cheiro forte que vem dele.

– Opa, beleza? – diz o estranho.

– Belezzzz – diz Lucas já levantando a bicicleta para ir.

– Tava dando uma bola aí? – pergunta. Lucas não tem certeza, mas acha que o cara se refere a fumar maconha.

– Não, não. Só estava vendo o rio.

– Saquei. Quer dar uma bola? – o homem oferece.

– Tô de boa – Lucas responde timidamente.

– Também sempre venho pra cá – o homem continua –, fico meditando na vida... Me arruma uma aí? – O homem aponta para o saquinho de balas que Lucas tenta apressadamente enfiar na mochila.

– Pode ficar – Lucas passa o resto do saquinho todo para ele.

– Valeu. Senta aí – o homem diz sentando-se na grama.

– Preciso ir. Meu pai tá lá atrás com o carro me chamando – Lucas mente.

– Bah, não tem carro nenhum lá atrás – o homem diz, segurando a bicicleta. – Tu tava chorando?

– Não... é alergia... do mato...

– Hum... – O homem senta-se no chão com o pacote de balas.

Lucas não sabe muito bem o que fazer – se puxa a bicicleta e vai embora, se tenta não irritar o homem. Observa os dedos dele afundando no pacote de bala, finos, sujos, as unhas encardidas. O homem pega um punhado de ursinhos e oferece para Lucas. – Quer?

Lucas balança a cabeça. – Valeu, já comi muito.

– Senta aí – o homem insiste.

Lucas segura a bicicleta. – Eu preciso mesmo ir.

– Ir pra onde? Que pressa toda é essa na sua idade?

Lucas dá de ombros. Repara nas tatuagens borradas, desbotadas, que cobrem o pescoço do homem, os braços. O fedor que emana dele.

– Eu já fui como tu, sabia? Com a sua idade. Sempre certinho. Preocupado em fazer tudo o que me mandavam. Obedecer papai, mamãe, a sociedade... – Ele para um pouco e contempla o horizonte. – Terminei o colégio, fiz faculdade, me casei, tive filhos...

Lucas acha difícil de acreditar naquilo. Observa o homem com mais cuidado, quantos anos deve ter? Não parece tão velho assim, a cara um pouco craquelada de sol, uns olhos esverdeados... O cara devia ser bonito, até, quando mais jovem, com um bom banho, tirando aquelas tatuagens... Afe!, pensa Lucas. Agora eu estou secando até um mendigo.

– Um dia, tava de férias – o homem continua – num lugar como este. Olhando a natureza, os bichos, pensando em como eu tava desperdiçando minha vida. Esperando a permissão do meu chefe para poder tirar trinta dias de férias por ano. Esperando os trinta dias entre trezentos e oitenta do ano pra ser feliz... esperando minha mulher concordar comigo no lugar para viajar... simplesmente decidi não voltar. Desde então estou por aí, caminhando pelo

mundo.

Lucas assente. Não inveja o homem. Queria poder tomar as próprias decisões, ser quem é de verdade, mas definitivamente não queria estar sujo e fedido dormindo ao relento, "trezentos e oitenta dias por ano".

– Não sinto falta de nada. Tenho isso, o mundo. – O homem estende os braços para a paisagem. – Se estou cansado, eu durmo; se estou com fome, sempre arrumo algo para comer. Uma hora atrás, um boyzinho me deu umas cervejas. Agora mesmo, estava com vontade de comer um doce, daí te encontro com as balas...

Lucas pensa em dizer ao homem que aquilo se chama mendigar, mas não fala nada.

– O que eu preciso mesmo, tenho dentro de mim. A vida, a experiência, o conhecimento. Sabe que falo onze línguas?

Lucas ergue as sobrancelhas. Nem tem certeza de que há uso para onze línguas.

O homem então cai na risada. – Tô tirando uma com tua cara, rapá. Mal falo português. Ha-ha-ha. Nunca tive família, não, pai, mãe e mulher, só é eu e meu irmão. Não fiz faculdade nem nada. Vivo solto na vida desde que me conheço por gente.

Lucas concorda novamente.

– Bom, eu tenho família, e preciso ir.

O homem assente.

– Tá, vai nessa. E valeu mesmo pelas balas.

FELIZMENTE MATHEUS ESTÁ SEMPRE, SEMPRE ON-LINE.

Lucas pode contar com ele quando precisa contar algo, perguntar algo, quando precisa de companhia. Matheus está sempre lá, do outro lado da tela, a algumas centenas de quilômetros, em São Paulo.

– Então, tá rolando uma coisa na escola que não sei direito... – Lucas fala.

– Conta aí. Aproveitando, você viu a foto do Douglas? Kkkk. Muito sem noção a mona. Até me bloqueou, mas eu vi pelo outro perfil...

– Queria te contar... – continua Lucas tateando. Matheus sempre é melhor em falar do que ouvir mesmo. Deve achar que os dilemas de Lucas, as historinhas dele na escola, são muito infantis. Lucas gosta de ouvir o amigo, as coisas que ele apronta por São Paulo. Mas de vez em quando gostaria de ter um ouvinte um pouco mais dedicado.

– Não, sério. Vai lá e dá um like na foto, só de zoeira. Ele vai saber que foi ironia da sua parte. Ele sabe que você é meu amiguinho – Matheus prossegue.

– Cara, posso te contar uma coisa?! Tô precisando de um conselho! – Lucas insiste.

– Tá, Lucas, tô ouvindo, claro, mas vai lá na foto enquanto isso... Por sinal que foto foi aquela que você postou, aquele rio com aqueles pássaros? Tava brisado? Kkkkk.

– Eu acho que tô apaixonado por um menino do meu colégio! – Lucas solta.

Matheus fica em silêncio por um tempo do outro lado. Então:

– Kkkkkkk! Não creio! Finalmente saiu do armário, bicha!

Lucas torce a boca. Já começa a se arrepender de ter contado. – Não vem com essa de "sair do armário", Matheus. Só acho que tô a fim de um menino aí. Primeira vez. Não sei muito o que fazer.

– Ai, bicha, normal. Já era hora, né? Quem é o boy?

Lucas suspira.

– Um menino aí, que acabou de entrar na minha classe.

– Acabou de entrar e a senhora já está caidinha? Rolou beijo? Pegação?

– Porra, Matheus! Tô te contando uma coisa íntima e você fica de zoeira!

– Deixa disso, Lucas. Só tô cu-rioso.

– Ele nem sabe direito que eu existo. Eu só... só acho que sinto atração.

– Bom, eu sempre soube que a senhora era chegada na coisa, né?

Lucas ferve por dentro. Essa mania de Matheus de chamar no feminino, usar essas gírias de gay, isso irrita... Tá, às vezes é engraçado, mas também irrita. – Por que as pessoas acham que sabem tanto sobre mim? Eu nunca fiquei com um cara. Já tive namorada. Eu não sou gay. De repente sou só... bissexual. Ou curioso, sei lá.

– Cu-rioso, é o que digo, isso sim. Kkkk – Matheus caçoa.

– Olha, esquece tudo o que te falei, tá?

– Ai, não seja tão sensível Lu-kas! Kkkk.

Lucas desconecta. "Meu computador acha que sou gay. De onde ele tirou isso eu não sei." A música do Placebo tocando no quarto é a trilha perfeita para a vida de Lucas. "Too Many Friends", amigos demais, que ele nunca vai conhecer realmente. Estão só do outro lado da tela...

Já está quase na hora do jantar. Ele vai para a sala e ajuda a mãe a pôr a mesa.

– Que milagre – diz ela. – Veio antes de eu chamar, está me ajudando... – Coloca a mão na testa dele. – E não está com febre!

Lucas se afasta. Está mesmo sozinho. Os pais, que deveriam conhecê-lo como ninguém, são as pessoas mais distantes do seu mundo. Por que tem coisas que ele consegue discutir com um cara que ele nunca viu na vida, ou com um desconhecido à beira do rio, e seus pais, que deveriam cuidar dele, não podem saber? Lucas entende que eles querem o melhor para ele. Mas talvez o melhor seja algo que ele não pode ter. Talvez uma vida normal, com amigos, uma namorada, família, seja algo que simplesmente não foi feito para ele. E ele odiaria dar essa decepção aos pais.

– Está tudo bem na escola? – a mãe pergunta.

– Tudo bem. – Pelo menos nesse quesito ele pode ficar tranquilo que não decepciona, isso é, se a mãe fala sobre notas.

– E as provas? – ela completa.

É, ela fala sobre notas.

– Está tranquilo. Só falta a de Português, mas é sussa.

A mãe sorri.

– Para você foi sempre tão fácil, né? Essa coisa de escola, de prova. Não imagina que angústia era para mim… eu me matava de estudar. Queria tanto ter seguido em frente, ter feito uma faculdade. Mas tinha que ajudar em casa, depois conheci seu pai…

Ele não responde. A mãe acha que a escola é mais fácil para ele só porque ele tem boas notas. Não sabe que a escola é tão mais do que isso, que ser um bom aluno *dificulta* outras coisas, como ser aceito pelos colegas, ter amigos…

Lucas sente o cheiro.

– Que é que tem pro jantar?

A mãe bagunça o cabelo dele.

– Frango à milanesa, arroz e mandioquinha.

É, às vezes os pais acertam. #melhorcomidadomundo.

LUCAS JÁ ESTÁ NO TERCEIRO FILÉ DE FRANGO. E COMERIA MAIS UM.

Tenta se conter, deixar pelo menos um filé na travessa, não para os pais repetirem, mas para ele poder fazer um sanduíche no dia seguinte. A única coisa que chega perto de frango à milanesa quentinho é sanduíche de frango à milanesa frio. Tobias o observa ao seu lado no chão. É, o cachorro também adora frango à milanesa.

– Que apetite, hein? – diz o pai, sorrindo.

– É magro de ruim – acrescenta a mãe. – Eu como que nem um passarinho e estou essa bola.

– Tá gostosa. – O pai aperta a coxa da mãe. Lucas revira os olhos.

– Mas o Lucas pegou de volta a bicicleta – o pai acrescenta. – Tá fazendo atividade física, tô gostando de ver.

– Eu não estou "fazendo atividade física", só estou usando a bicicleta como um meio de transporte, para ir pra escola.

– Já é alguma coisa – diz o pai.

– Você podia tomar o exemplo e fazer o mesmo, hein? – a mãe aconselha o pai. – É só dar uma arrumada na sua bicicleta velha; chegaria rapidinho na firma...

O pai balança a cabeça, mastigando seu último pedaço de frango.

– Imagina chegar no trabalho todo suado. Não dá para mim. Mas de repente a gente podia dar uma volta no feriado, que tal, Lucão? Explorar um pouco as trilhas perto do rio.

Lucas dá de ombros. Não vai contar aos pais que esteve lá essa tarde mesmo.

– Eu preferia ir para São Paulo – insiste.

A mãe suspira. – Esse papo de novo...

– Ah – lembra o pai –, o Tavares me falou da festa do filho dele na sexta, você

vai, não vai?

– Não – diz Lucas. – Nem fui convidado.

– Claro que foi. O Tavares mesmo insistiu para que você fosse.

– Pai, eu não sou amigo do filho dele. A gente nem se fala. Não vou conhecer ninguém na festa.

– Bobagem – diz a mãe. – Ele não é da sua sala? Claro que vai ter gente que você conhece.

– É uma oportunidade de você se enturmar mais – acrescenta o pai. – Vai sim, filho. Pode ir e voltar a hora que quiser. Olha que não é qualquer pai que deixa isso.

– Eu não vou. Nem morto.

A MÚSICA É RUIM, O POVO É CHATO; LUCAS SE ARREPENDE DE TER IDO À FESTA.

Encostado num canto, bebendo a sétima Coca-Cola, Lucas se ocupa mexendo no celular. Curte fotos, manda mensagens, tenta fazer sua festa particular on-line, dentro da festa do Marcos, filho do Tavares. Não está lá tão divertido. Ele checa o horário de cinco em cinco minutos e pensa se já ficou o suficiente, se já pode ir embora. Não passou nem uma hora.

– Te espero na minha festa – disse o Marcos secamente na escola. O Tavares, colega de trabalho do pai de Lucas, provavelmente obrigou o filho a convidá-lo. E ele estava decidido a não ir. Mas daí ia arrumar treta com o Marcos, com seu próprio pai... mais fácil dar uma passada rápido e voltar cedo, de bicicleta.

– Que tipo de otário vem pra uma festa de bicicleta? – diz Vinícius assim que ele estaciona na porta da festa.

Lucas dá de ombros. – É um meio de transporte, ué.

– Afe, você chega todo suado, fedendo – coloca Ulisses, o gordo do grupo dos zoões.

– Eu uso desodorante – argumenta Lucas, e já se arrepende. Os moleques caem na risada. – Ui, ui, "eu uso hidratante Monange" – caçoa Vinícius com seus dentes tomados pelo aparelho, e as risadas aumentam ainda mais. Ririam de qualquer coisa, de todo modo, ele devia ter ficado quieto. Felizmente não falou o que gostaria realmente: "*Você* chegaria fedendo, Ulisses, porque é balofo e sua como um porco. Eu não." E é verdade. Apenas recentemente Lucas começou a usar desodorante, com a meia dúzia de pelos que nasceram em suas axilas.

Entrando na festa, é como ele esperava... PIOR do que ele esperava. Não conhece quase ninguém, nem de vista – de onde o Marcos tira tantos amigos? Acho que são os meninos do clube. É, todos os moleques populares da cidade

frequentam o clube, Lucas não. Até foi sócio, durante a infância, mas nunca frequentou, nunca praticou esportes e, depois de insistirem muito, os pais decidiram que não valia a pena ficar pagando as mensalidades; venderam o título.

"Bem, se não tem quase ninguém que você conhece na festa, melhor ainda!" Lucas parece ouvir a voz do pai em sua cabeça. "Mais chances de fazer novas amizades." Não é assim que funciona. Ninguém faz amigos numa festa... Lucas acha. Na festa você encontra quem já conhece. Amigos você faz... on-line. Gente que conhece nas redes sociais, com quem já teclou. E, como sempre, todo mundo com quem Lucas tecla está a centenas de quilômetros daquela festa.

Daí ele pensa no real motivo de ter ido à festa. Será que foi mesmo para agradar ao pai, para não criar briga com Marcos? Lucas, não minta para si mesmo, ele pensa. Na verdade ele foi à festa só por uma coisa...

Avista Nicolas num canto, bebendo e paquerando uma menina da classe, a Laís. É, acabou de chegar à cidade, de entrar na escola, e já tem amigos, já tem paqueras, já foi convidado para a festa. É ele quem Lucas queria ver lá, fora da escola, no meio do feriado, uma chance de encontrar novamente o menino dos seus sonhos. Só não pode esperar nada disso. Lucas fixa o olhar no celular para não ter mais treta com ele, desde aquele dia na quadra eles não tinham mais se visto. Quando Nicolas passa por ele, Lucas não consegue evitar de levantar o olhar, dar uma conferida no menino. Pelo menos não veio de chinelo e bermuda pra festa.

– Uau, não acredito que você está aqui – diz Laís, a menina que conversava com Nicolas, surpreendendo Lucas.

– Pois é, conheço o Marcos há muito tempo... – Lucas diz num sorriso amarelo. Aquilo é verdade. Lucas conhece, sim, Marcos há muito tempo. Em muitos churrascos da firma, Marcos era o único moleque da sua idade, e os pais de ambos achavam que isso já era o suficiente para eles serem amigos. Nunca foram. O moleque convidando-o para jogar futebol, e Lucas ruim de bola. O moleque querendo tacar pimenta no churrasco, e Lucas achando uma ideia de

mula. Teve um ano em que eles jogaram Fifa, mas até no futebol do game Lucas era perna de pau – preferiria jogar um survival. Pois é, eles se conhecem há muito tempo. E há muito tempo não são amigos.

– Nunca imaginei – Laís continua. – Vocês são tão diferentes. Não achei que ia encontrar você aqui. Eu mesma só vim porque meu pai meio que me obrigou. Eles trabalham juntos.

– Quem é seu pai? – Lucas pergunta.

– Carlos... Guimarães – ela complementa. – O pessoal chama de Guimarães mesmo.

– O Guimarães? – Lucas sabe quem é. Não é *colega* do pai dele nem do Marcos, é o chefe. Laís então é filha do chefe. Morar em cidade pequena é uma merda mesmo. Ele fica quieto.

– E minhas amigas todas foram para São Paulo, sobrei aqui.

– É, eu queria ter ido também – Lucas coloca.

– Minha mãe acha São Paulo perigosa, blá-blá-blá, e a gente se mudou para essa cidade para ter uma vida mais segura, em contato com a natureza, blá-blá-blá.

– Nossa... Meus pais falam exatamente a mesma coisa.

– Acho que todos os pais são iguais. – Laís ri. Lucas acha o sorriso dela simpático... bonito até. Ela é uma menina bacana, bonita. Estava agora há pouco paquerando o Nicolas, por que veio falar com ele?

– Queria ter ido na Comic Con, só vai até domingo – Lucas diz.

– Nossa, eu dava TUDO para ir à Comic Con – diz Laís.

– Sério? Não achei que menina gostasse...

Laís faz uma careta para ele.

– Ai, não vem com machismo...

Lucas ri. – Foi mal. Marvel ou DC?

– Marvel, claro, de longe.

Uau. Resposta certa. A cada segundo Lucas gosta mais dela. – Viu o trailer novo dos Vingado...

Vinícius passa tirando sarro dos dois.

– Ui! Malucas agora arrumou uma namoradinha! – E vai embora rindo. Lucas fica vermelho.

– Não liga pra ele – diz Laís. – Esse moleque é tão infantil.

Lucas não liga. É até bacana que achem que eles estão ficando. De repente até... Pô, Laís não é de se jogar fora. E veio lá puxar papo com ele...

– Achei que você estava paquerando o Nicolas... – diz Lucas timidamente.

– Que Nicolas? – ela pergunta.

Como assim, "Que Nicolas"? Será que existe alguém que não saiba quem é aquele menino novo? – O moleque novo que entrou na escola, loiro? Vi vocês conversando lá no canto.

– Ai, não. Aquele moleque se acha. Metido a machão.

– Pois é...

– Ficou sabendo que ele deu uma surra no Mathias? Aquele menino do oitavo B?

– Sério? Pô, que covardia... – Lucas não sabia daquilo. Mas acha uma covardia mesmo. Talvez o Nicolas não seja o príncipe perfeito que ele imagina. Ele está se deixando levar por um rostinho bonito.

– Prefiro muito mais a companhia de um cara sensível, inteligente... – Laís pisca para ele. Lucas não está acreditando. Aquilo está acontecendo mesmo. A menina dispensou o Nicolas para ficar com ele?!

– Eu adoro os gays. Acho vocês tão engraçados, estilosos...

De repente cai a ficha para Lucas. Ele engole em seco.

– Como é que é?

– Não tenho o menor preconceito, gato. Acho corajoso você ser assim, assumido, no meio de tanta gente homofóbica dessa cidadezinha. Por falar nisso, já foi naquela boate que tem saindo da estrada, a Luxúrya? Morro de vontade...

– EU NÃO SOU GAY NÃO, VIU?! – Lucas fala um pouco alto demais. Felizmente ninguém ao redor parece ter prestado atenção.

Laís olha para ele sem entender.

– Como assim?

– Por que todo mundo nesta droga de cidade acha que sabe tanto sobre minha vida?!

– Ai, desculpa, Lucas. Não queria me meter. Só achei que... que era óbvio!

– E é óbvio que você se mete demais na vida dos outros, igualzinho a todo mundo daqui.

Lucas se vira para ir embora. Aquela festa já deu.

LUCAS TINHA DÚVIDAS SE UM CADEADO SERIA SUFICIENTE PARA PROTEGER SUA BICICLETA.

Agora não tem mais. A bicicleta está com OITO cadeados, corrente nas rodas, prendendo a estrutura no portão. Uma pegadinha dos colegas. Lucas tenta usar sua própria chave nesses novos cadeados que encontra, claro que não abre. Prenderam a bicicleta e ele não tem como tirá-la dali. Olha ao redor para ver se encontra Ulisses, Vinícius, Marcos rindo da cara dele. Não tem ninguém. Isso não o alivia, ele vai ter de voltar à festa e procurar os caras, pedir as chaves para soltar a bicicleta, já sabe que vai ser motivo para mais encheção. Ou isso ou ir embora a pé mesmo. Chegar em casa e ter de explicar ao pai por que deixou a bicicleta lá. Daí o pai vai pedir satisfações ao Tavares, o Tavares dando sermão no filho, Marcos descontando em Lucas de volta na escola. Saco.

– Perdeu a chave? – diz Nicolas sentado na sarjeta a alguns metros. Ótimo, agora tem o fodão da escola para zoar com ele também. Lucas nem tinha reparado nele ali.

– Você está com as chaves? – pergunta Lucas.

– Eu? Por que ia estar com as *chuas* chaves… – Nicolas responde com a língua enrolada. Lucas percebe que ele está visivelmente embriagado. Pior ainda. Treta com bêbado é que ele não quer arrumar.

– Peraí, deixa eu ver *che conchigo*. – Nicolas se levanta cambaleando e se aproxima dele. Revira os cadeados. Parece querer ajudar de fato, mas o que ele espera, arrombar o cadeado no muque? Tira um clipe do bolso. Ah, beleza, o cara deve ser ladrão profissional, tem todas as manhas para abrir cadeados. Nicolas deixa cair o clipe no chão. Então o pega novamente. Lucas observa. Trêbado, o menino não consegue nem enfiar o clipe dentro da fechadura.

– Você já fez isso antes? – Lucas pergunta.

– Não, mas já vi numa *porchão* de filme…

Finalmente Nicolas acerta o buraco da primeira fechadura. Se ele levar esse tempo para tentar arrombar as oito, Lucas não vai sair de lá esta noite. Nicolas vira, revira o cadeado. – Era mais *fáchil* nos filmes…

– Pode deixar, Nicolas. Deixa, eu me viro.

– Calma, tô quase *concheguin*…

Nicolas então se afasta bruscamente de Lucas, em direção a uma moita. Lucas o vê golfando e afasta o olhar. É, os fortes também vomitam. Alguns meninos observam da frente da casa e riem. Lucas não sabe muito o que fazer – com a bicicleta, com o colega. Nicolas vomita mais algumas vezes, então se senta na sarjeta, ofegante, com a cabeça entre as mãos.

– Tá… Tá tudo bem? – Lucas se arrisca.

Nicolas apenas faz que sim, com a cabeça ainda abaixada. Lucas continua lá, diante da bicicleta, sem ter como soltá-la. Decide ir até o colega na sarjeta. Timidamente, senta-se ao seu lado.

– Quer que eu te pegue uma água, alguma coisa?

Nicolas balança a cabeça.

– Eu estou bem. Só bebi um pouquinho demais…

Isso é óbvio. – Não quer uma Coca? Açúcar é bom para bebedeira – Lucas diz. Não sabe por experiência própria, mas já leu muita gente comentando. É, as coisas que cada um aprende nos filmes…

– Refrigerante não faz bem pra saúde – diz Nicolas.

Lucas não sabe se o menino está de zoeira. Pensa em dizer que álcool faz pior ainda. Não quer passar recibo de cabaço. Ele mesmo só bebeu Coca-Cola a noite toda. Nunca foi de álcool. Não sabe qual é a graça, aquele gosto amargo. Entende ainda menos com o povo sempre reclamando do dia seguinte, da ressaca; beber pra quê?

Não fala nada disso para Nicolas. Só o observa, a cabeça abaixada. Pode parecer estranho, mas o porre o faz ainda mais bonito, pálido, os lábios bem vermelhos, um jeito vulnerável, desprotegido. Seu rosto parece tão liso, tão macio. Parece não ter ainda um fio de barba. Lucas mesmo já barbeou seu

bigode ralinho que começou a nascer… uma vez.

Nicolas então se levanta bruscamente. Sai andando. Cambaleando. Cabeça ainda abaixada, seguindo pela rua.

– Você está bem para caminhar? – Lucas pergunta, realmente preocupado.

Sem se virar, Nicolas faz um sinal vago com a mão. É quando um carro cheio de jovens passa em alta velocidade por ele, quase o atropelando. Buzina. Os moleques gritam:

– Quer morrer, bebum! – E partem velozmente.

Lucas assiste ao colega se afastar. Suspira para si mesmo. E levanta-se para acompanhá-lo.

OS DOIS MENINOS SEGUEM LADO A LADO.

Lucas coloca de vez em quando a mão no ombro de Nicolas para ajudá-lo a se equilibrar. – Eu tô bem, eu tô bem – Nicolas diz afastando-se de Lucas e quase trombando num poste.

– Você sabe direito para onde está indo? – Lucas pergunta, desconfiado do senso de localização do menino.

– Sei. Moro no final daquela rua – Nicolas diz sem muita convicção. É lá onde Lucas mora. Ao que parece, os dois são praticamente vizinhos.

– Qual é o número da sua casa? – insiste Lucas.

Nicolas meneia com a cabeça.

– É uma casinha de madeira, pintada de azul.

Lucas não se lembra de nenhuma casinha de madeira azul em sua rua. No meio do quarteirão, eles param. Nicolas gira no eixo. – Não tem uma padaria por aqui?

– Nesta rua não. Tem duas ruas para baixo. Como é o nome da padaria?

Nicolas bufa. Lucas está pedindo demais mesmo. O cara não lembra nem do nome da rua, vai lembrar do nome da padaria? – É que eu me mudei faz pouco tempo. Estou meio perdido ainda.

– Percebe-se – comenta Lucas.

Nicolas senta-se de novo na sarjeta. Abaixa a cabeça. Lucas pensa se ele vai vomitar novamente. – Só preciso descansar, estou um pouco tonto. Valeu por me acompanhar, pode ir nessa.

Lucas senta-se ao lado dele novamente. – Não vou te deixar desse jeito. Você sabe mesmo onde é sua casa? Não quer ligar para seus pais?

Nicolas balança a cabeça.

– Meu pai está de plantão esta noite. Só preciso organizar um pouco as ideias que já me encontro.

– Você tá acostumado a beber assim? – Lucas pergunta.

Nicolas balança novamente a cabeça.

– Não, né? Se estivesse, não estaria nesse estado. Nem sei direito o que bebi. Os moleques foram trazendo cerveja, vodca, catuaba, capeta…

– Eca.

– E eu não conheço ninguém. Tava meio perdido naquela festa. Queria me enturmar. O álcool ajuda a gente a se soltar. Até demais…

– Até demais – Lucas concorda. – Achei que você já era amigo de todo mundo.

– Amigo de quem? Acabei de me mudar pra essa cidade.

– Eu sei. Mas já tava todo enturmado… eu mesmo moro a vida toda aqui e não conhecia quase ninguém daquela festa.

– Talvez a cidade não seja tão pequena quanto parece.

– É pequena sim, pode acreditar.

– Eu tava planejando conhecer melhor a cidade neste feriado… vinha um amigo meu me visitar, o Silas. Mas acho que não vem mais… não sei muito o que vou fazer nesses dias…

– Sei exatamente como você se sente – Lucas responde.

Nicolas não responde. Permanece com a cabeça abaixada, quieto. Lucas tem medo de que ele adormeça lá mesmo, na rua. De onde eles estão sentados ele pode ver sua casa, no final da rua… é uma ideia bem absurda. Imagina o que os pais vão pensar de ele chegar com um amigo bêbado. Mas, pensando bem, talvez os pais gostem só de vê-lo chegar com um *amigo*.

– Olha, você vai acabar dormindo aí… não quer dar um pulo na minha casa? De repente tirar um cochilo. É logo ali. – Lucas pensa se acrescenta um "ninguém precisa saber", mas tem medo de insinuar qualquer coisa que devesse ser um segredo. Não, não há nada de errado nele convidar um colega de classe para dormir em sua casa. Todos os meninos fazem isso. Safadeza seria ele convidar uma *menina*.

– Não, eu tô bem. Só preciso descansar um pouquinho, pode ir – Nicolas

responde virando de lado e deitando-se em posição fetal em plena sarjeta.

Lucas não se arrisca a insistir e parecer que está pressionando. Não saberia mesmo o que fazer com o menino em seu quarto, em sua cama… essa ideia já lhe parece absurda… mas agora tão possível… que ele começa a se empolgar… Droga. Lucas tenta pensar em Nicolas vomitando em seus lençóis – era só isso que iria acontecer mesmo. Depois os pais iriam dizer que ele está se envolvendo com más companhias. Nem esses pensamentos conseguem desestimular sua excitação.

Ele observa Nicolas deitado, tão indefeso. As mãos amparando o rosto. Dormindo assim parece uma criança, nada do bad boy que veio tirar satisfações com ele outro dia. Como pode ter dado uma surra no coitado do Mathias? Será que tem namorada? Bem, ele acabou de mudar de cidade. Deve ter deixado uma menina de coração partido lá em São Paulo. Que sorte seria conquistar o coração de um menino desses. E que tristeza o perder tão cedo. Provavelmente Nicolas também é submisso aos desejos dos pais. Pode ser forte, fodão, lindo, mas, se os pais decidem que querem se mudar para o interior, o filho tem que vir. Não pode fazer ainda suas próprias escolhas. No fundo eles não são tão diferentes assim.

Lucas não se contém. Passa a mão pelo rosto do menino. Nicolas se remexe um pouquinho, abre um sorriso, ainda com os olhos fechados. Que lindo. Lucas se aventura nos cabelos dele. Tão loiros, lisos. Como gostaria de acordar todo dia com aqueles cabelos ao seu lado no travesseiro. Nicolas parece estar gostando do cafuné e Lucas já fica feliz só de poder estar lá, com aquele menino, passando a mão nos cabelos dele.

Nicolas então abre os olhos lentamente. E se levanta num sobressalto. – O que você tá fazendo?!

Lucas tira a mão rapidamente.

– N-nada… é que você estava dormindo…

– Eu tava dormindo e daí você se aproveita para passar a mão em mim?!

– Não! Eu só… estava passando a mão no seu cabelo. Queria ver como era

assim, loirinho.

– Ah! Sai fora, viado!

Nicolas se vira e sai correndo pela rua. Lucas permanece lá, sentado na sarjeta. Sozinho.

PARTE II

NICOLAS

“ESTE É O NICOLAS. ELE VEIO DE SÃO PAULO.”

A professora o apresenta para a classe e Nicolas já busca com os olhos uma carteira vazia para se sentar. Todos os rostos curiosos estão virados para ele. Nicolas tenta avaliar o que tem diante de si, quem é quem, onde ele se encaixa.

– Pode falar um pouquinho de você, Nicolas? – a professora pede. Precisa mesmo? Ele esperava poder entrar na turma nova sem estardalhaço, apenas encontrar um lugar vago, se sentar e copiar o que estava na lousa, mas já sabia que não seria assim. Mudar para uma escola nova, uma cidade nova, no meio do semestre, faz com que ele seja o único aluno novo, e tudo o que ele quer é ser um menino como outro qualquer.

– Meu nome é Nicolas, vim de São Paulo, estou na classe de vocês – ele diz. Todos riem. Nicolas acompanha o olhar de simpatia e solidariedade de todos. Ele sabe que sua aparência e sua postura estão a seu favor – sempre abrem portas. Espera corresponder ao personagem e não estragar tudo.

– Não quer contar um pouco das coisas que gosta de fazer? Por que se mudou para cá? – ela insiste.

Ele não pode ir aos poucos, ir sentindo o terreno, tateando para saber o que contar, como se relacionar com seus novos colegas? – Não, tô de boa – Nicolas deixa escapar espontaneamente. Recebe mais risos de aprovação.

A professora passa então a dar suas credenciais.

– Nicolas é faixa preta de caratê, já ganhou alguns campeonatos; temos um atleta na sala!

Hum, na verdade ele é faixa marrom ainda, falta o exame para chegar à preta, mas não se atreve a corrigi-la. Melhor que ela passe o serviço por ele. Nicolas tem orgulho, mas sempre acha meio pedante ficar contando vantagem sobre suas conquistas no caratê. Isso só gera antipatia dos outros – ou ficam receosos ou querem desafiá-lo para a briga. Nicolas não quer se meter em mais confusão.

Mudou de escola para começar do zero. Não precisar provar para mais ninguém sua força.

– Só espero que também seja aplicadinho nos estudos. – A professora termina com um sorriso e ele finalmente pode pegar uma carteira lá na frente para se sentar.

Recebe uma folha de exercícios de química. Ah, tinha de ser química. Ele mal conseguia acompanhar no colégio antigo, e não consegue entender exatamente o que está sendo pedido agora. Não adianta mudar de colégio, mudar de cidade, as fórmulas, problemas e equações são algo que ele vai ter de encarar de um jeito ou de outro, se quiser terminar os estudos. E vai ter de terminar os estudos, vai ter de entender de química, de física, de matemática, mesmo que o que ele queira de fato seja ser atleta profissional, de repente abrir sua academia quando ficar mais velho, ensinar outros moleques. Se não forem seus pais querendo ver as notas, seu sensei vai cobrar isso. Não basta ser um bom atleta, nem na academia, o sensei faz questão que os alunos também tenham boas notas na escola. Eu devia entregar uma folha de exercícios dessas pra ele, Nicolas pensa. Daí quero ver se ele é mestre mesmo.

Nicolas pousa a caneta na folha. Não sabe nem por onde começar, aquilo não faz o menor sentido.

– Se precisar de uma ajudinha para se atualizar com a matéria pode falar comigo, tá? – diz a menina mestiça sentada ao lado dele, com sorriso aberto e uma piscadinha. Nicolas agradece.

É BOM PODER VOLTAR A PÉ PARA CASA.

A distância é tranquila, o trajeto é seguro e Nicolas pode seguir pensando na vida. Não é exatamente um caminho *lindo*, como se imaginaria de uma cidade do interior (ou como ELE imaginaria de uma cidade do interior), tomado de árvores, estrada de terra, gente voltando para casa a cavalo. Nada disso. As ruas são asfaltadas, cheias de comércio e carros passando como numa cidade qualquer, talvez como um bairro periférico de Sampa. Ainda assim, é bem mais tranquilo. Não precisa pegar ônibus, metrô, não precisa de carro, e Nicolas não precisa ficar alerta. Não é parado a cada duzentos metros com "ei, boyzinho, me arruma um trocado", "ei, alemão, tem um cigarro?". Ser loiro neste país já faz com que todo mundo te veja como boyzinho, como turista, como estrangeiro, cheio da grana.

Agora, no caminho para casa, o máximo que Nicolas recebe é olhares curiosos de pré-adolescentes. Menina de doze, treze anos, em grupos, vendo-o se aproximar e cochichando umas com as outras. Secando-o com o olhar. Afastando-se com risinhos. Nicolas sorri para si mesmo.

Passando por um terreno baldio, vê uma coruja. Em plena luz do dia. Está pousada perto de um buraco no chão. Deve estar vigiando a toca. Puxa, primeiro bicho silvestre que vejo, ele pensa. Nicolas se aproxima para espiar e a coruja se ouriça. Pia para ele. Calma, amiguinha.

A casa de Nicolas é bem menor e mais desajeitada do que o apartamento em São Paulo. Ninguém que entrasse nela o chamaria de boyzinho. Ainda assim, ele não deixa de se sentir mais confortável. Não tem mãe, não tem irmã, não tem empregada nem padrasto para controlar sua vida. Agora é só ele e o pai.

Ele chega em casa e o pai está no trabalho. Tem horários estranhos, que variam a cada dia. Hoje ele só deve voltar tarde da noite. Nicolas encontra a louça do café da manhã ainda na pia. Agora, se ele quer pratos limpos, tem que

lavar. Abre a geladeira: ovos, salsicha, o resto de alguma carne que não está cheirando muito bem. Bom, se encontrar pão talvez consiga fazer um cachorro-quente. Não encontra pão. Pega umas moedas que encontra numa lata e vai comprar um sanduíche na esquina, para viagem.

– Vai maionese, alemão? – pergunta o chapeiro. Nicolas pega um xis-egg-bacon-tudo.

Come em frente à TV. Só meia dúzia de canais. O pai ainda tem televisão de antena. O sanduíche é bom, daqueles que não se come em São Paulo, farto, carne boa; nessas horas Nicolas acha que nunca vai conseguir ser vegetariano, como seu melhor amigo Silas. Ele sabe que é mais saudável, e claro que tem consciência do sofrimento dos animais, mas... é muito complicado essa coisa de ser vegetariano, todas as restrições de cardápio. Nicolas até gosta de se arriscar na cozinha, mas tem dúvidas se encontraria proteína de soja numa cidadezinha daquelas. Vai precisar importar whey de São Paulo. Pois é, Silas, ele pensa, os bois vão ter que me perdoar.

Comendo o sanduíche e lembrando-se de Silas, ele pensa em mandar uma mensagem. Silas disse que o visitaria agora no feriado. Precisa confirmar. Bem, o pai também não tem Wi-Fi e os créditos de Nicolas acabaram. Não tem internet em casa. Tudo bem, fica pra depois. Nicolas pode assistir a Adam Sandler na TV.

A tarde avança e já é hora de ele ir para o treino de caratê. O quimono está sujo e fedido do treino anterior, mas vai ter que vestir assim mesmo. Precisa se acostumar à nova dinâmica de morar com o pai. Se quer roupa limpa, precisa botar ele mesmo para lavar. Se quer comer, precisa cozinhar. Nicolas sente-se como se já tivesse virado adulto e saído da casa dos pais. Ele saiu da casa da mãe. Isso já é bom. Não se lamenta mesmo pelas mudanças, é só questão de se acostumar.

NICOLAS FIXA-SE NA PÁGINA EM BRANCO, TENTANDO NÃO OLHAR PARA O RELÓGIO.

Sabe que o tempo logo vai acabar e ele ainda não conseguiu responder uma única questão da prova. Não vale nota ainda para ele, mas isso não melhora muito sua situação. – Não se preocupe, que é só para avaliarmos como está seu nível – a professora disse ao lhe entregar a folha. E se ele entregar a prova em branco a professora vai imaginar que seu nível é o pior de todos, que ele não está no nível dos outros alunos, deve ser mesmo mais um atleta burro que só cuida do corpo e não tem nada na cabeça.

Nicolas escuta lápis trabalhando ao seu redor. As cabeças baixas, concentradas. Todos estão conseguindo responder. Olha para seu lado e a menina mestiça está sentada tranquila, com a prova já toda preenchida. Ela olha para ele e sorri. Ele sorri torto e volta-se de novo para a folha. Tem medo de olhar o relógio e descobrir que já acabou o tempo. Meu Deus, esses números, esses enunciados. Ele não faz ideia do que estão pedindo. Começa a questionar se foi realmente boa ideia ter mudado de cidade, de escola. No último ano ele passou raspando, depois de todas as provas, recuperações, uma choradinha por uma chance a mais. E, no final, o resultado mínimo possível para não tomar bomba. Este ano ele estava se esforçando de verdade, estava pelo menos dando um pouco mais de importância para a escola, e as notas continuavam apenas na média. Mas agora num colégio novo, outros professores, ele não teria tantas chances. Tô ferrado, deste ano eu não passo, pensa.

É um dia bonito, ensolarado, céu azul. Nicolas espia pela janela e não se conforma de estar trancado dentro daquela sala. Poderia estar explorando a cidade lá fora, conhecendo o rio, se metendo no meio do mato. Devia ter trazido sua bicicleta que sempre ficou encostada em São Paulo. Nessa cidade ela teria um bom uso. De repente ele consegue comprar uma usada. Precisa dar uma

pesquisada.

Está quente na sala. Mesmo de bermuda e chinelo, Nicolas está suando. Vira para trás e vê o ventilador ligado nos fundos da sala, não chega até ele. Tem um moleque magrelo olhando para ele de canto de olho. Cara de CDF. Nicolas volta-se à folha. Precisa ao menos fingir que está preenchendo algo. Parado assim, ele dá na cara que não conseguiu responder uma única questão.

Então o sinal toca.

– Entreguem as provas, por favor – a professora pede.

Nicolas se levanta como os outros, mas deixa a fila se formar na frente dele. Não quer que vejam que ele deixou tudo em branco. O CDF continua espiando-o de canto de olho. Deve estar desdenhando o aluno novo, atleta, cabeça-oca. Nicolas comprime a prova contra o peito para que o outro não possa espiar. Os alunos vão entregando e saindo. Umas meninas entregam e começam a puxar assunto com a professora, perguntando sobre o peso da prova e dos trabalhos, e blá-blá-blá. Saco, entreguem e saiam da classe de uma vez! Nicolas queria entregar e se desculpar a sós com a professora. Ela o vê parado atrás das meninas e se adianta. – Como foi, Nicolas?

– Desculpa, professora – ele diz corando. – Como entrei agora, não sabia o que ia cair, não estudei, acabei não preenchendo.

– Não preencheu nada? – a professora pergunta incisiva. As meninas ainda estão ao lado dela, e agora também têm a atenção voltada para ele.

– Não. Eu sabia algumas, mas achei melhor não responder, já que ainda preciso me atualizar mais na matéria e tal. Só quis ver o que caía.

A professora suspira.

– Mas era exatamente para termos uma noção do que você já sabe… tudo bem, entrega assim.

Ela pega a prova das mãos dele. As meninas continuam olhando-o com um sorrisinho no rosto. Agora ele não tem tanta certeza de que seja um sorrisinho de admiração, parece mais chacota.

No intervalo encontra o grupo de meninos que parecem ser os fodões da

classe. Estão reclamando da prova.

– Ela faz de propósito para sacanear com a gente, só pode ser – um magrelo de aparelho reclama da professora. Ele levanta o olhar quando Nicolas se aproxima. – Ei, você é o moleque novo, né? – Ele cumprimenta e se apresenta como Vinícius. – Que tá achando da escola?

Nicolas dá de ombros.

– Normal. Escola, né? Nada de mais. – Nicolas tenta aparentar descaso.

– Eu vou dar uma festa na sexta – diz um deles chamado Marcos. – Aparece lá que vai ser bom para você conhecer o pessoal todo, fazer amigos.

– Bacana. Valeu – responde Nicolas.

– Esse aí vai roubar todas as minas, pode apostar – diz um gordinho que se apresenta como Ulisses.

– Já vi que a Íris estava de olho nele – diz Vinícius. –Aquela japinha não é de se jogar fora.

Nicolas ri sem graça. O assunto migra rapidamente da prova para meninas e então caratê. Os meninos querem saber das medalhas que ele já ganhou, os golpes que ele sabe dar. Nicolas começa a contar dos campeonatos, dos amigos, mas logo percebe que está se empolgando demais ao falar da sua paixão. Puxa o freio de mão e tenta ser mais contido nos detalhes, não contar tanta vantagem. É sempre estranho tentar se enturmar com quem não é do esporte. Ele sempre luta para encontrar outros assuntos. De toda forma, os meninos são simpáticos e receptivos. É, ele pensa, acho que vou conseguir me encaixar aqui.

NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, NICOLAS É O PRIMEIRO A SER ESCOLHIDO PARA O TIME DE FUTEBOL.

Os meninos nem sabem se ele joga bem, Nicolas fica com receio de decepcionar. Não é porque ele é atleta que tem necessariamente de ser bom de bola. Caratê não tem nada a ver com futebol. Mas ele tem bons reflexos, acha que se garante no gol.

– Sacanagem, pô, eu sempre fiquei no gol – protesta Ulisses, o gordinho, que parece ter sido escolhido para o time apenas pela amizade, não pelo talento para a bola.

– Mas agora o Nicolas é que vai ficar – diz Marcos, o capitão do time. – Você pode ficar na defesa.

Se Nicolas não se achava grande coisa no futebol, seus colegas são vergonhosos. O jogo é mais uma sucessão de acotoveladas, joelhadas e xingamentos. Ainda bem que não está no ataque, pensa Nicolas, que se alguém viesse com cotovelada para cima dele era capaz de ele revidar bonito. Ele vê o professor no canto da quadra, apitando e estimulando o jogo. Isso deveria ser uma AULA de educação física, não? O professor não parece estar ensinando muita coisa, mal faz o papel de juiz. Bom, pelo menos uma nota decente ele deve conseguir nessa escola – a de educação física.

Algumas meninas jogam vôlei numa quadra menor, improvisada ao lado. A maioria fica conversando pela quadra – não querem jogar para não estragar a unha, não querem borrar a maquiagem, não querem ficar suadas. Quem quer que organize essas aulas deve achar que o esporte não é tão importante para elas.

Está um calor dos infernos e alguns meninos tiram a camiseta. Se eles podem, eu também posso, pensa Nicolas. Tem consciência de que seu físico vai impressionar em meio a tantos meninos desconjuntados, e isso é bom. É bom ele

poder intimidar sem ter de abrir a boca. Assim ninguém se mete com ele.

É só tirar a camiseta e ouvir risinhos das meninas no canto da quadra. O CDF da classe também continua secando-o, lá do banco de reserva. Típico, foi o último a ser escolhido e fica lá, remexendo no celular, levantando de tempos em tempos o olhar para Nicolas. Que ele quer, será que é gay? O menino percebe o olhar de Nicolas e disfarça, aquilo já está dando nos nervos. Talvez Nicolas devesse vestir a camiseta de volta.

A bola é chutada para o gol e Nicolas agarra com facilidade. Os meninos se empolgam e saltam sobre ele, abraçando suados. Nicolas acha meio nojento. Não é pra tanto, foi um chute tosco, qualquer um conseguiria defender. As meninas também comemoram no canto da quadra. Vai ser fácil ser herói por aqui.

VOCÊ SALVOU O TIME, NICOLAS!

Os meninos comemoram com ele a vitória de um a zero. É, foi vitória apenas porque ele não deixou que tomassem nenhum gol, mas o ataque em si foi capaz de marcar só um. Ainda assim, Marcos, o capitão, parece estar orgulhoso. Ulisses, o antigo goleiro, está cabisbaixo num canto.

– Foi só um jogo de educação física, gente – Nicolas se justifica com humildade. Não é mesmo motivo de tanta comemoração, não vale nada, campeonato nenhum. Talvez aqueles meninos só queiram um motivo para comemorar e acreditar que estão conquistando algo, depois dos desempenhos sofríveis nas provas.

– Você é muito ninja! – diz Vinícius. – Mostra uns golpes de caratê aí pra gente?

– Deixa disso, moleque – Nicolas tenta desestimular os colegas. Vinícius insiste. Os meninos começam a formar um coro pressionando. Ele não tem escolha. – Pensa rápido! – diz Nicolas soltando um uraken contido na orelha de Vinícius.

O moleque leva instantaneamente a mão ao ouvido.

– Ai, cara... – Nicolas pensa se não exagerou um pouco. Os meninos todos riem e Vinícius se junta a eles.

– O cara é ninja mesmo – diz Marcos. – Olha só o muque dele – acrescenta, apertando o bíceps de Nicolas.

Ulisses que estava quieto e cabisbaixo se intromete na conversa. – Olha só, aquele boiolinha tá de olho aqui. Deve estar a fim do Nicolas.

Nicolas olha para onde Ulisses aponta, num cantinho da quadra, e vê aquele mesmo CDF, sempre de olho nele. Será que é paquera de fato? Era só o que faltava, entrar numa escola nova e já ter de passar por isso.

– Rá-Rá-Rá. A gente achando que o Nicolas ia roubar todas as minas, mas

ele conquistou mesmo o Victor Meyniel dos pobres – Vinícius diz e todos riem.

Aquilo não está indo nada bem. De um segundo para outro arrumaram uma desculpa para tirar com a cara dele. Precisa impor respeito. – Vou lá falar com ele – Nicolas diz.

Ele se afasta e ouve os outros cochichando.

– Vixe, eu que não queria estar na pele do Malucas…

Nicolas cruza a quadra e o menino afasta o olhar para o próprio sanduíche, disfarçando. Chega até ele.

– Tava me encarando? – Nicolas diz agachando-se para ficar ao nível do CDF.

– N-não… – ele gagueja. – Tava… tava só pensando, com o olhar perdido.

Nicolas dá uma rápida conferida nele. Um moleque magrelo, com uma franja caindo no rosto, jeans surrado e camiseta do Wolverine. Tem uma pinta entre o CDF e o alternativo. Será que é gay mesmo?

Nicolas pergunta o nome dele. Os outros meninos tinham dito algo como Victor, mas parece que na verdade o menino se chama Lucas – é o que ele diz gaguejando. Está nervoso, parece prestes a cair no choro. Pô, que tem de errado com esse moleque? Até parece que eu sou um monstro…

– Você é estranho, sabia? – Nicolas diz. Não consegue entender qual é a desse menino. – Bem, meu nome é Nicolas, prazer. Sou novo aqui na escola.

Dá um aperto firme e forte no colega para mostrar que é um cara decente, que é homem e não está ali para arrumar confusão. – Se tiver algo pra dizer pra mim, diz de uma vez, tá? Não fica me encarando, é feio.

Então se vira para seus novos amigos, do outro lado da quadra. Eles estão olhando com ansiedade, e quando ele chega de volta, eles caem novamente na gargalhada.

– Que foi isso, Nicolas, achei que ia dar uma coça nele! – diz Marcos.

– Parecia mais que vocês iam dar um beijo – diz Ulisses.

Nicolas se justifica. – Só fui trocar uma ideia. Para que ia bater num frangote daqueles? Seria covardia.

– É. Se você batesse, ele é que se apaixonava de vez – diz Vinícius, e todos se dobram de rir.

Nicolas suspira e busca de volta com o olhar o menino magrelo do outro lado da quadra. Mas ele não está mais ali.

“EI, BOYZINHO. EI, BOYZINHO. ME COMPRA UMA CERVEJA?”

Diz o riponga na porta do supermercado. Nicolas passa lá na volta da escola, porque lembra que em sua casa não tem nada de comida e não pode ficar almoçando xis-tudo todos os dias. Foi preparado para fazer compras básicas para casa.

– Não prefere um salgado, de repente uma fruta? – Nicolas oferece generosamente ao pedinte. O homem é esquelético, e deve estar com fome.

– Nah, queria mesmo uma cervejinha.

Bom, pelo menos ele é sincero, pensa Nicolas. Não está pedindo trocado para comprar comida, para acabar comprando cachaça. – Tudo bem, te trago uma cerveja. – O homem lhe manda um polegar de joinha.

O mercado é mais precário do que em São Paulo, não tem nada importado e nada muito sofisticado, mas é bem mais barato. Ele vai se abastecendo de isotônico, peito de frango, meia dúzia de batata-doce, duas cervejas para o homem na entrada. Ah, falta papel higiênico em casa também. Dois homens morando sozinhos – ele e o pai – e parece que é ele quem vai ter de botar ordem na casa. Passa por prateleiras pelas quais ele nunca passou antes: detergente, desinfetante, Diabo Verde. Para que diabos será que serve um Diabo Verde? Lembra-se de que não encontrou sabão em pó em casa para lavar o quimono. Esforça-se para se lembrar se a casa ainda tem o básico: sal, manteiga, pasta de dente.

Na hora de pagar, a caixa aponta o valor para ele na tela.

– Four… Four… Five… – ela diz num inglês macarrônico. Deu quarenta e quatro e cinquenta.

Ich spreche Deutsch, “eu falo alemão”, Nicolas pensa em responder. Já está acostumado com aquilo.

– Eu sou brasileiro – diz Nicolas com um semissorriso. A caixa sorri de volta.

– Ah, é que estou fazendo curso de inglês. Sempre procuro uma oportunidade para praticar. E você com essa cara de gringo…

Cara de gringo. Ele também está acostumado a ouvir aquilo, embora não saiba exatamente o que seria. Cara de japonês, cara de africano, cara de índio. Não tem todo mundo cara de pertencer a outro mundo neste país? Nicolas tem sangue alemão, sim, e um pouco de português, um pouco de italiano, muito de brasileiro, como todo mundo. Mas por algum arranjo dos genes ele ficou com uma aparência que tomam por estrangeira. Ele nem fala inglês direito. Muito menos alemão. Só decorou algumas frases para impressionar.

Encontra o riponga novamente na saída e passa as duas cervejas.

– Valeu, boyzinho.

– Não sou boyzinho – diz –, meu nome é Nicolas.

– Ah, foi mal, Nicolas. Meu nome é Josias.

Ele estende a mão. A mão é encardida, mas seria grosseria da parte de Nicolas não cumprimentar. O homem abre uma cerveja com um estalo.

– Servido? – Nicolas sacode a cabeça.

– Valeu. Eu não bebo. – Na verdade ele nem poderia comprar cerveja porque é menor de idade. Mas ninguém se importa com aquilo.

– Olha, fica com isso de presente. – O riponga passa a ele uma ponta de baseado. Nicolas pensa em recusar, mas não quer fazer desfeita. E até que a visão do baseado é tentadora. Nicolas agradece e guarda no bolso. Não imaginava encontrar um pedinte como aquele naquela cidadezinha.

– Você é daqui da cidade? – Nicolas pergunta.

– Não, não, vim de longe, nem sei mais. Já tive em tantos lugares que agora a estrada é minha casa.

– Saquei – diz Nicolas. – Eu mesmo também acabo de me mudar para cá. Ainda não sei direito qual é meu lugar.

– O ser humano foi feito para migrar, rapá. É a nossa natureza. Quando a gente percebe isso e desiste de tentar se enraizar num só lugar, a vida fica muito

mais fácil. Eu nunca fico tempo suficiente num lugar para ter problemas, dívidas, compromissos.

– Saquei... Bom, eu ainda tô na escola, ainda dependo dos meus pais...

– Saia da escola! Não dependa de ninguém! – argumenta o cara. – Tu não vai conseguir acertar sua vida enquanto a vida não for de fato sua.

Nicolas assente. Faz sinal de joinha para o cara.

– Bom, preciso voltar para minha casa...

– Pra casa da mamãe, tu quer dizer – o homem caçoa.

– Na verdade, é a casa do meu pai.

– Claro, a casa do papai. Sempre é a casa de outra pessoa.

A BAGUNÇA DA CASA ATÉ QUE TEM SEU CONFORTO.

Se Nicolas deixou as meias no chão da sala, sabe que encontrará as meias no chão da sala. Se deixou cueca suja no chão do quarto, ninguém vai reclamar. E se agora tem que cozinhar seu próprio almoço, também pode comer o quiser. Nada de "você não pode dizer que não gosta antes de experimentar", ou ter de encarar uma massa pesada quando ele queria mesmo uma refeição rica em proteína para prepará-lo para o treino. Agora é ele quem decide. E ele decide fazer muito peito de frango com batata-doce, para deixar também para o jantar, já que demora tanto para ficar pronto...

Demora muito para ficar pronto, Nicolas percebe. Devia ter comprado algo mais rápido de preparar. Passou a manhã toda na escola, jogou futebol, chegou com fome e agora tem que esperar uma hora para a comida ficar pronta no forno. Essa era a vantagem de ter uma cozinheira em casa: a comida quentinha quando ele chegava. Decide matar um tempo na lan house.

Nicolas nunca foi muito de internet, não se expressa muito bem por escrito. Até tem um perfil no Facebook, mas quase nunca entra e os amigos que tem por lá são os amigos que via diariamente no caratê, na escola. Talvez agora seja um bom momento para acessar mais, se ao menos seu pai tivesse conexão em casa...

De toda forma, a lan house fica logo na rua de trás. O cara do caixa pede RG, CPF, comprovante de residência e antecedentes criminais para liberar uma máquina.

– Eu só quero checar meus e-mails. Rapidinho cara – Nicolas argumenta.

– São as normas, sueco. Não pode acessar sem registro.

Com uma nova nacionalidade ele corre de volta para casa, pensando se um sueco teria mesmo que apresentar o passaporte. Verifica o frango e as batatas no forno – ainda não estão prontos. Volta para a lan house com os documentos.

Só tem spam, e-mails da federação, mensagens de meninas que ele nem lembra direito quem são. Procura se seu amigo Silas está on-line. Nada. Deixa uma mensagem. "Sdds de vc brow." Não tem mesmo muito mais a falar. "Você vem afinal no feriado?", ele acrescenta. O amigo não falou mais nada sobre aquilo.

De volta em casa, o almoço passou bem do ponto – o frango está seco e a batata está quase queimada. Vai ter de ser isso. E pior que ele fez em grande quantidade.

Come novamente na frente da televisão. Desta vez passa *O Pestinha* na Sessão da Tarde – ele não entende quem pode achar graça numa coisa daquelas, é um filme retardado até para crianças. Mas o que incomoda mesmo é algo na sua bunda. Ele se levanta, tira a manta do sofá e vê uma mola solta, já escapando pra fora. Pô, pai, você precisa trocar isso aí. Sua mãe jamais manteria um móvel naquele estado. Seu apartamento em São Paulo estava sempre impecável. Então Nicolas percebe que tem que parar de fazer comparações mentais, que agora sua realidade é aquela. Que ele quis isso e não adianta nada ficar lamentando o que ficou para trás.

Olha no relógio e ainda faltam duas horas para o treino. Se tivesse uma bike, poderia dar um rolé pela cidade. Deveria pegar os livros do colégio novo para ir se atualizando na matéria. Tem preguiça de tudo e fica apenas jogado no sofá. Lembra-se do começo da adolescência, quando todas suas tardes eram assim, um tédio constante. Sem amigos na escola, sem motivações, passava horas ouvindo música, fumando maconha. Até que a mãe descobriu e ameaçou expulsá-lo de casa, mandá-lo morar com o pai. Ele era uma vergonha para a família, um mau exemplo para a irmã mais nova, a meia-irmã. Nicolas se esforçou para melhorar, e conseguiu. Depois que o padrasto o matriculou no caratê, ele encontrou disciplina, colocou a cabeça no lugar. Foi a melhor coisa que aquele cara fez por ele na vida, ou a única coisa de bom que aquele cara fez. Melhorou a relação da família por um tempo – e com as medalhas e os troféus que começaram a chegar, até tiveram certo orgulho dele, por pouco tempo. Logo

a mãe reencontrou motivos para ele ser uma decepção. As notas baixas no colégio. A dedicação excessiva ao esporte. – Isso deveria ser um *complemento* à sua vida, não a motivação principal – dizia ela, que obviamente queria que o filho se tornasse advogado, engenheiro, não um atleta profissional.

Pensando em tudo isso, Nicolas tira a ponta de baseado do bolso, presente do Josias. Há tanto tempo que não fuma. Não faz mal dar só uns pegas, né? É só uma ponta mesmo. Ele pega o fósforo do fogão e acende. Volta à Sessão da Tarde.

Tanto esforço e termino assim. Fumando de tarde no sofá, morando com meu pai, tudo que tentei evitar quando entrei no caratê. O que será que deu errado?

Mas bastam alguns pegas para ele perceber que não há nada de errado. Não importa o que a mãe ache. Ele sabe o que quer da vida. Agora é dono do seu próprio nariz. Está morando com o pai, já tem amigos no colégio novo e seu melhor amigo vai visitá-lo no feriado. Em alguns meses vai ser faixa preta de caratê e basta conseguir cruzar os últimos anos do ensino médio para poder seguir com sua vida sem dar satisfação a ninguém. Vai ficar tudo bem. Está tudo lindo. E *O Pestinha* na televisão na verdade é engraçado pra danar.

CHAVES ESTALAM NA PORTA E NICOLAS DESPERTA COM A SALA NO ESCURO.

Já é noite. Ele perdeu o treino de hoje. Dormiu a tarde inteira no sofá. O pai está voltando para casa e ele se levanta rapidamente, tentando disfarçar.

– Oi, filhote – diz o pai meio cambaleante entrando em casa. Está visivelmente bêbado. Nicolas não precisa nem disfarçar os próprios olhos inchados e se esforçar para se mostrar acordado. Pensa se ainda resta cheiro de maconha na sala, mas o pai também não parece em condições de identificar.

– Já comeu? – o pai pergunta. – Posso preparar um macarrão... ou de repente pedimos uma pizza? – O pai abre a geladeira e contempla as possibilidades. Está se esforçando para interpretar seu papel de pai, mas não está nada convincente.

– Fiz bastante comida no almoço, pai. Deixa que eu esquento pra gente.

– Ah, beleza. Esqueço que meu filhote não é mais criança. – O pai sorri torto e se estica para pegar uma garrafa de cachaça de cima da geladeira. – Quer um gole? Só um golinho, hein?

– Não, tô de boa.

O pai bagunça o cabelo de Nicolas, vai para o sofá e liga num programa policial sensacionalista. Nicolas fica na cozinha, esquentando a comida para o jantar. O frango está seco, a batata-doce quase queimada. Mas escolhendo os melhores pedaços, se não esquentar demais, talvez dê para passar. O pai já está torto mesmo.

Entrega o prato de comida ao pai no sofá. Senta-se ao lado dele com outro. Cada dia o pai chega num horário, e desde que Nicolas se mudou para lá, ainda não se sentaram a uma mesa para comer uma refeição decente juntos. Poderia ser pior. Na casa da mãe, o jantar era a tortura diária obrigatória, onde ele passava por uma bateria de interrogatórios sobre as notas na escola, suas relações de amizade, planos para o futuro. A mãe e o padrasto sempre procurando

motivos para implicar e diminuí-lo, não importando o que ele desejava da vida e para o que se dedicava.

– Então… como está a escola? – o pai pergunta. Nicolas sabe que não é uma cobrança, é só o pai tentando fingir que se importa. Nicolas dá de ombros. – Tudo normal. Acabou de começar, né? Mas já fiz amigos.

O pai sorri. Olha para o filho com um olhar que Nicolas não consegue precisar se é de orgulho ou apenas embriaguez. Nicolas desvia o olhar, constrangido.

– Você se tornou um menino tão bonito, né? Forte, disciplinado. Tenho certeza de que vai muito longe na vida, viu? Você vai longe.

O pai coloca a mão no ombro de Nicolas, aperta. Nicolas sorri sem graça. Quer que o pai pare com aquilo. Mas no momento seguinte o pai só piora.

– Promete para mim que você não vai terminar como seu pai, promete? Promete para mim que você vai fazer algo de importante da sua vida, vai encontrar uma mulher que preste, cuidar da sua família…

– Pai… – Nicolas o interrompe. O pai tira a mão do ombro dele e volta a comer o frango. Eles mastigam em silêncio por alguns segundos. O apresentador vociferando na tela preenche o silêncio.

– Que comida é essa afinal? Você que fez? – diz o pai, olhando para o frango duro espetado no garfo.

– Isso, eu que fiz. Aprendi a fazer, porque é bom para o treino. Peito de frango, que é pura proteína, e batata- doce, que tem baixo índice glicêmico. Quer dizer, vai liberando a energia aos poucos no organismo…

O pai assente alheio, sem prestar atenção realmente, está mais concentrado no programa de televisão. Nicolas o observa, magro, curvado, o bigode já grisalho, os olhos azuis como os dele, mas já fundos e com olheiras, a cabeça careca. Será que ele vai terminar assim também?

– Pai, acho que agora no feriado vem um amigo de São Paulo me visitar… tudo bem, né?

– Claro, claro… – o pai responde sem dar muita atenção. Nicolas se pergunta

o que Silas vai achar daquela casa, daquela bagunça, do pai dele... Será que o pai vai conseguir passar um fim de semana sem beber? Bom, eles não vão ficar trancados em casa. Se o tempo ajudar, eles podem explorar a cidade. De repente consegue arrumar duas bicicletas para eles.

Na televisão, o apresentador incita o linchamento de um pedófilo que foi capturado pela polícia. O pai acompanha concordando com a cabeça.

– Safado. Para isso que deveria ter pena de morte. Esses veados nojentos tinham é que queimar na cadeira elétrica. Agora foi pego e o que acontece com ele? Vai só pra cadeia, lá vai virar mulherzinha do pessoal e vai é gostar!

Nicolas se levanta e deixa o pai protestando com a televisão. Precisa colocar o quimono e outras roupas para lavar se quiser ter roupa limpa. Guarda o resto do frango e da batata-doce na geladeira. Pelo menos já tem garantido o almoço de amanhã.

NO DIA SEGUINTE, NICOLAS É MANDADO DIRETO PARA A COORDENAÇÃO.

Nem tem tempo de se sentar em seu lugar na sala. O professor o dispensa da prova e ele segue para falar com o coordenador. Questiona-se sobre o motivo. Imagina que seja pela prova que não preencheu. Ou pode ser pelo CDFzinho com quem falou ontem? Qual era o nome dele mesmo, Lulucas? Bom, Nicolas não fez nada de mais, só foi tirar satisfações. Não quer mais se meter em briga. Não tem por que o moleque ter reclamado daquilo com a coordenação.

– Bom-dia, Nicolas, como está sua adaptação no colégio? – o coordenador diz abrindo um sorriso quando ele entra na sala. Parece um sorriso meio falso, mas ainda assim é um sorriso. Nicolas não deve ter sido chamado lá para tomar bronca.

Ele dá de ombros. – Normal. Quer dizer, acabei de entrar. Mas está indo tudo bem. – Nicolas toma a cadeira oferecida na frente do homem. É um senhor nos seus quase cinquenta anos, careca, com uma grande aliança dourada no dedo.

– Os meninos estão recebendo você bem?

Os meninos e as meninas, Nicolas pensa em dizer. Torce a boca.

– Estão. Normal. Já fiz uns amigos... – Ele não sabe mesmo aonde o cara quer chegar com aquela conversa.

– Que bom. Sei que os meninos da sua idade podem ser terríveis com os novatos. Mas acho que *você* não vai ter problemas para se enturmar – ele conclui. Nicolas assente. – Na verdade, me preocupa mais em como você vai se adaptar na questão dos estudos... – Ah, então é aquilo mesmo. A prova não preenchida. O histórico escolar. Como confirmação, o coordenador tira uma pasta com a ficha de Nicolas e coloca os óculos para examiná-la. Nicolas permanece esperando, constrangido. Observa a sala, os diplomas; há um porta-

retrato na parede, do coordenador com uma garotinha, provavelmente a filha. – Estava dando uma olhada nas suas notas. Entendo que você teve muitas dificuldades ano passado…

– Eu me recuperei no final do ano. Estudei muito, fiz aulas particulares. Este ano minhas notas já estão melhores – justifica-se Nicolas.

O coordenador examina as notas dele na ficha.

– Sim, um pouquinho melhores. Mas ainda não tenho certeza de que consiga acompanhar a classe com tranquilidade. Nós exigimos um alto nível dos alunos aqui.

– Claro… – Nicolas abaixa a cabeça, envergonhado. Se acham que ele não pode acompanhar a turma, nem deviam tê-lo aceitado naquele colégio.

– Não que duvidemos de sua capacidade, nada disso. Mas quem sabe não seja bom você fazer umas aulas particulares; deixa eu ver aqui… – o coordenador continua examinando o histórico escolar de Nicolas – … de Matemática, Química, Física, Biologia… de repente Português também? Podemos indicar bons professores para te dar umas aulas de tarde, com preços em conta.

Ah, que beleza. O pai não tem dinheiro nem para pagar o treino dele de caratê – ele conseguiu uma bolsa pelo desempenho nos estaduais. E agora ele vai ter de pedir aula particular de tudo quanto é coisa. Maravilha.

– Ou de repente você consegue a ajuda de um algum colega nos estudos? – o coordenador sugere como se lesse os pensamentos dele.

– Eu acho que consigo me virar, diretor…

– Coordenador. Sou coordenador. Mas pode me chamar de Moisés.

– Vou me dedicar mais, seu Moisés. Confie em mim.

O coordenador suspira. – Claro, claro, eu confio, claro que confio, como não? É só que às vezes o próprio aluno não tem o melhor julgamento sobre quando precisa de ajuda, sabe? Me contaram que você ganhou alguns campeonatos de judô. Entendo que, na sua idade, talvez você prefira se dedicar a isso, de repente até queira seguir carreira no esporte, mas mesmo para isso é preciso estudar. Você não vai ser jovem e em forma para sempre, não é mesmo? Uma hora vai ter

que se aposentar das quadras... é quadra que se fala em judô?

– É caratê, na verdade. E é "dos tatames". Acho que se fala "dos tatames".

– Isso. Um dia vai ter de se aposentar dos tatames, daí um diploma pode fazer toda a diferença.

– Eu sei disso, pode acreditar. Já ouvi muito isso da minha mãe. Eu estou me dedicando mais aos estudos.

O coordenador sorri, pouco convencido.

– Muito bem. Mas pense com carinho em ter aulas particulares, ou ao menos a ajuda de um colega com boas notas, sim? Hoje você está dispensado das provas.

NICOLAS JÁ VOLTOU PARA CASA, JÁ COMEU SUA BATATA-DOCE E AINDA TEM UMAS BOAS HORAS ATÉ O TREINO DE CARATÊ.

Hoje ele não vai se perder chapando-se no sofá, até porque não tem mais ponta nenhuma de baseado. Então pensa no que fazer para preencher o tempo. Adolescência é mesmo um período de tédio – tantas vontades, tantos desejos, tantas possibilidades frustradas pela falta de dinheiro, falta de coragem, falta de permissão. Cidade nova, vida nova, e ele ainda se encontra com menos alternativas do que em sua vidinha restrita na casa da mãe.

Sentado no sofá, Sessão da Tarde, hoje passa um filme da época em que o Johnny Depp era jovem, era bom, era bonito e tinha de fingir que era esquisito para provar que era bom. Nicolas aperta o controle remoto para desligar, o controle remoto não obedece. Pilhas gastas. Ele se levanta e caminha até a TV.

Pensa que é capaz de o Silas estar em casa a essa hora. Não consegue mesmo falar com ele pela internet, e seu celular está sem créditos. Então Nicolas decide usar o fixo do pai; precisa confirmar se seu amigo vem visitá-lo agora no feriado.

– Oi? – o amigo atende. Nicolas ouve uma balbúrdia ao fundo.

– Silas? É o Nico.

– Oi?

– Oi. Tá me ouvindo? O Nico.

– Fala, Nicão. Tá onde?

– Aqui, na casa do meu pai. Você tá onde?

– Tô no Burger King com o Farias e o Douglas. Fala com ele, pera…

Nicolas ouve ruídos indistintos, xingamentos, uma música alta de fundo.

– O arrombado foi falar com a mina dele.

– Que você tá fazendo no Burger King? Achei que você não comesse hambúrguer…

– Os moleques quiseram vir. Eu gosto dos onion rings. E tem refil de refri de graça. Mas e aí, tudo certo? – pergunta Silas.

– Tudo certo, só preciso me acostumar…

– Cara, cê acredita que o sensei chamou ontem o Douglas para puxar o alongamento? Não, muito sem noção. E o Douglas ficou se achando, tipo, "sou o novo Nicolas da academia", sabe?

– Sem noção…

– Tá bom o treino aí? Como é a academia?

– É bacana… O sensei é foda, né? É que ainda não me enturmei…

– Pode crer… – Silas se afasta do telefone e grita para os colegas: – Ei, viado! Cadê minha Coca, porra?! – Volta ao telefone. – Meu, esse Douglas é muito vacilão.

– Pô, tô com saudades, brow – diz Nicolas.

– Também, cara – diz Silas. – Não vem no feriado?

– Não, acabei de me mudar, né? Sem chances. Você não disse que vinha para cá?

– Praí? Que vou fazer aí?

Nicolas suspira.

– Me visitar, né?

– Cara… é longe… Não tem o que eu fazer aí.

– Você disse que vinha…

– Nico, eu tenho… – Silas afasta-se do telefone novamente. – Porra, não acredito que você fez isso! – Ele larga o telefone entre risadas. Nicolas espera com o telefone no ouvido até o amigo retornar. – Desculpa, Nicão. Tá uma zona aqui. Preciso ir.

– Bom, então é isso, né? A gente não se fala há mais de uma semana, você não responde minhas mensagens, decide que não vem pra cá e nem me avisa! É isso né? Eu tava te esperando! – Nicolas está furioso, mas se esforça ao máximo para "conter o espírito de agressão", como diz o lema do caratê.

– Cara, deixa de viadagem. Quando você vier pra cá a gente conversa, tá?

Beijo na bunda. – E Silas desliga.

Nicolas permanece na sala, com o telefone na mão, fervendo por dentro. Ele abriu mão de tudo, de tudo. Achou que era um cara forte, achou que estava preparado para tudo na vida. Achou que podia viver num novo lar, uma nova família, podia reconstruir sua vida numa nova cidade e deixar tudo para trás. Mas sente que não tem mais nada lá de onde veio, e nada ainda para onde foi.

Ajeitando-se entre as almofadas, a mola solta, Nicolas aninha-se e chora no sofá. Nunca se sentiu tão sozinho em toda sua vida.

O TREINO DE CARATÊ DIVIDE O ESPAÇO COM AULA DE BALÉ, SAPATEADO E JIU-JÍTSU.

Em São Paulo, Nicolas chegava cedo à academia e passava o dia todo lá. Esticava o treino, fazia alongamento, ajudava a puxar aula dos mais novos. Agora ele tem só suas duas horas de treino encaixadas entre um bando de outras aulas que a academia oferece. Ele prometeu a si mesmo que treinaria mais por conta própria. E o sensei concordou em dar treinos extras para ele aos finais de semana. Nicolas espera que seja o suficiente. Ele não se empenhou tanto esses anos todos para vacilar agora. Um dos motivos que fez com que ele decidisse se mudar para a cidade do pai foi exatamente o sensei, seu professor daqui, que ele já conhecia dos campeonatos. Sabia que estaria em boas mãos.

Mas falta muito mais, ele não pode se enganar. Os colegas, a academia, todo o incentivo extra que ele tinha para treinar. Era mais do que apenas aulas – ele havia encontrado sua turma, seu lugar no mundo. Quando começou com as aulas, era um moleque franzino, zoado pelos colegas na escola, sem disciplina e motivação. No caratê conheceu Silas, que, apesar de ser apenas poucos meses mais velho, já era bem mais desenvolvido, disciplinado, o fera da academia, que vencia todos os campeonatos. Mais impressionante foi que Silas o aceitou como amigo. Treinou com ele, acreditou no seu potencial, fez de Nicolas o atleta que ele é hoje. Eles se tornaram inseparáveis. Mas agora parece que Silas não se importa mais.

Nicolas espera com os outros meninos enquanto termina a aula de balé. Ao seu lado há faixas amarelas, verdes, uma roxa, muitas brancas, ninguém faixa marrom, todos mais novos do que ele. As bailarinas vão saindo da sala, lançando olhares insinuantes. Nicolas se sente desconfortável – seu quimono ainda está úmido e, apesar de ter sido recém-lavado, ainda está fedendo a cê-cê. Ele precisa aprender a usar direito a máquina de lavar da casa do pai.

O professor chega.

– Nicolas, tudo bem com você? Faltou ontem…

– Desculpe, sensei, estava ainda terminando de ajeitar minha mudança, me atualizando nas matérias do colégio e tal, não consegui vir. – A verdade é que ele ficou chapado de maconha assistindo ao filme *O Pestinha* no sofá, mas isso ele jamais iria contar.

– Está certo. O estudo em primeiro lugar.

O sensei pede para ele puxar o alongamento e logo eles começam o treino. São só duas horas e ele tem que desperdiçar fazendo os katas mais básicos, com um bando de moleques perdidos. Na hora de treinar os ataques, o sensei o coloca em dupla com um moleque magrelo, faixa amarela e mais novo do que ele. – Nicolas, fica de olho no soto uke do Mathias, que ele precisa melhorar.

Nicolas está acostumado a ensinar os faixas mais baixas, na academia antiga fazia isso direto. Faz parte do seu treino, e afinal de contas ele está lá como bolsista. Só que nessa academia agora o nível é sofrível, não tem ninguém que chegue nem aos pés dele, aos pés de Silas. Vai ser difícil progredir assim.

Mathias, o garoto que treina com ele, parece levar tudo na brincadeira. Com o menor avanço de Nicolas o moleque se torce todo e coloca as mãos sobre o rosto, se protegendo. – Cara, faz direito! Isso daí não é defesa – protesta Nicolas.

O menino ri.

– Você tá vindo com tudo também. Não é pra encostar.

– Claro que é pra encostar! Como você vai se defender assim? Não vou te machucar, é só você bloquear como o sensei ensinou.

No próximo soco que Nicolas avança, o menino sai correndo para trás, rindo. O sensei repara e chama a atenção. – Mathias, leve o treino a sério!

– Ele tá pegando muito pesado, psor.

– Tô fazendo como tem que ser – justifica-se Nicolas.

Eles continuam o treino, e quando Nicolas avança um novo golpe, o menino dá pulinhos para trás, ainda com aquele sorrisinho no rosto. Nicolas não deixa por menos e continua avançando, soco atrás de soco, até que o menino fica

encurralado na parede e Nicolas o acerta com um kiai, um soco em martelo – tetsui uchi – bem na boca do moleque.

Mathias leva as mãos ao rosto, Nicolas vê o sangue e imediatamente percebe que exagerou.

– Deus do céu, Nicolas! Que porcaria você tem na cabeça! – O sensei corre para acudir o menino. Nicolas recua, envergonhado.

– Foi... foi sem querer... Ele não estava fazendo as defesas direito.

– E é assim que você ensina alguém bem menos preparado do que você?!

Os meninos todos se arrulham em volta de Mathias. O sensei examina a boca dele. Parece que quebrou um dente e está com o lábio cortado. Pede para outro aluno ir buscar gelo. Nicolas espia, se desculpa e oferece ajuda.

– Nicolas, sai daqui. Me espera lá na minha sala – diz o sensei.

O DIA COMEÇOU COM NICOLAS OUVINDO SERMÃO NA COORDENAÇÂO DA ESCOLA. AGORA A TARDE TERMINA COM ESPORRO NA ACADEMIA.

– Que você tem na cabeça, Nicolas! Parece que não aprendeu nada nesses anos todos de treino. – Na sala do sensei, Nicolas escuta de cabeça baixa. – Que adianta as suas medalhas, a faixa marrom, se você se esquece do básico do lema de caratê: ‘‘respeito acima de tudo’’, ‘‘conter o espírito de agressão’’. Esqueceu-se disso?

– Não, senhor.

– Bom, então fez de maldade mesmo? Porque eu não acredito que um carateca como você não saiba controlar um golpe básico daqueles.

– O moleque não tava levando o treino a sério. Ele...

– Então você arrebenta a boca dele! – o sensei interrompe. – Olha, Nicolas. Se o Mathias não leva a aula a sério, é problema dele, dele e do pai. É ele quem está pagando as aulas e jogando dinheiro fora.

Nicolas fica vermelho de vergonha. O sensei está deixando claro que Mathias é um aluno pagante, enquanto ele está ali de bolsista.

– Para quem você acha que vai sobrar quando o pai dele o encontrar agora com os dentes todos quebrados?

– Pra mim – Nicola fala baixinho.

– Não! Pra mim! Aqui pra academia! No mínimo eu perco um aluno, isso se não ganhar um processo.

– Eu assumo a culpa, claro. Eu pago o dentista...

– Você assumir a culpa não me adianta de nada. Eu sou o responsável aqui, o professor, o adulto. Percebe a situação em que você me coloca?

Nicolas apenas faz que sim com a cabeça. Imagina como vai de fato pagar o dentista do moleque. Agora tem que pedir dinheiro ao pai para aulas

particulares da escola, para remendar a boca estourada do Mathias... pode esquecer de vez de comprar uma bicicleta usada.

O sensei bufa.

– Pode ir embora hoje. Aproveite o feriado para pensar no que fez. Vou conversar com o pai do menino e decidir o que fazer. Vou ligar para seu sensei em São Paulo também, o Messias, pra saber como andava sua postura por lá.

Nicolas faz menção de argumentar mais um pouco. Então não vai ter treino no fim de semana, no feriado? Será que segunda-feira tudo volta ao normal? Pensa em perguntar se ainda vai ter a bolsa na academia, mas acha melhor deixar as coisas esfriarem. Ele se levanta.

– Desculpe mais uma vez, sensei. Com licença. Oss. – Ele faz o cumprimento do caratê e vai embora.

NICOLAS VOLTA PARA CASA AINDA VESTIDO DE QUIMONO.

Logo se lembra de que aquilo é um erro. Aprendeu cedo em São Paulo, após uma de suas primeiras aulas, ainda faixa branca, ainda franzino, quando voltou para casa vestido com o quimono. Ouviu provocações no caminho todo, moleques desafiando para a briga, velhos tirando sarro, percebeu como era considerado *poser* andar de quimono fora da academia. Desde então sempre se trocou no vestiário, ainda que, inicialmente, tivesse de ouvir então piadinhas dos alunos mais velhos.

– Olha o chassi de frango! Tá forte, hein, galego?

Pouco a pouco ele ficou forte realmente. Cresceu, desenvolveu-se, deixou de ser criança. Trocar-se na academia passou a fazer parte de seu processo de reafirmação. Pouco a pouco começou a notar olhares de admiração, ouvir elogios até, tímidos, contidos, de colegas que o admiravam de fato, ou o invejavam, e tentavam expressar isso da maneira mais masculina… ou menos gay possível.

– Tá um monstro, hein, Nicão? Tá tomando suplemento?

Agora ele volta para casa alto, forte e de quimono. A faixa marrom na sua cintura transmite até aos mais leigos que ele não está só de pose. E ainda… ele repara numa pequena mancha de sangue no peito, deve ter vindo do Mathias. Ele transmite de fato a imagem de um atleta das artes marciais. Porém não escapa da chacota quando passa na frente de um bar. Pinguços barrigudos imitam golpes que viram nos filmes e caçoam dele chamando para a briga. Bêbado perde mesmo a noção do perigo, pensa Nicolas. Tem vontade de dar uma coça naqueles caras todos, mas a última coisa de que precisa agora é brigar com bebum na porta de bar.

– Deixem o moleque – escuta uma voz conhecida, vinda de dentro. Vê seu pai, sentado a uma mesa com outros pinguços e uma baita periguete, com

maquiagem borrada e acima do peso. Quando cruza olhares com Nicolas, o pai fica visivelmente envergonhado. – E aí, filhão. Tô relaxando um pouco aqui com o pessoal do trabalho. Daqui a pouco já volto para casa. Quer que eu leve alguma coisa para comer?

Nicolas apenas balança a cabeça. Não consegue responder. Vergonha de ver seu pai ali, perceber o que ele se tornou. Não tem ninguém mesmo no mundo com quem ele possa contar.

Se ao menos o sensei puder perdoá-lo, dar uma chance a mais. O que Nicolas fez de tão errado, afinal? Foi aquele Mathias quem não estava levando a aula a sério. E o que ele esperava? Está no treino de caratê, poxa, não no de balé! Normal se machucar um pouco. Nicolas mesmo já quebrou um dedo uma vez, tem uma pequena cicatriz no supercílio, vive cheio de roxos nos braços, nas pernas. O moleque só quebrou um ou dois dentes. O dentista arruma isso rapidinho.

O dentista... Nicolas pensa novamente na conta que deve vir para ele. Será que se falar com o pai quando ele estiver bêbado ele consegue o dinheiro numa boa? Bom, ele vai descobrir, porque o pai está *sempre* bêbado.

NICOLAS ENTRA NO CHUVEIRO PENSANDO EM SILAS.

O amigo prometeu que o visitaria no feriado. Ele esperou tanto por aquilo. Alguém com quem ele pudesse conversar, dividir sua nova vida. Por mais que tivesse certa vergonha da bagunça da casa nova, das bebedeiras do pai, Silas é seu melhor amigo, Nicolas não precisaria ter cerimônia com ele. Seria alguém com quem explorar a cidadezinha. Poderiam treinar um pouco também...

Agora Nicolas encontra-se diante de um feriado de três dias – sexta, sábado e domingo – sem nada para fazer. Bem, há a festa do colega de escola no dia seguinte, mas ele ainda não conhece ninguém direito, não tem amigos de verdade. Ainda se comporta com cautela diante deles, não fica à vontade. Menos ainda poderia discutir sobre sua nova vida com o pai, as inseguranças na escola, o sermão que teve de ouvir na academia. Nicolas tem que passar por tudo aquilo sozinho, em silêncio.

A água cai quente demais do chuveiro elétrico, então muito fria. Nicolas não consegue acertar a temperatura e o volume ideais, vai alongando os minutos no chuveiro, fazendo com que o banheiro todo se esquente com o vapor, como numa sauna, criando o clima aconchegante que só a ducha não garantia.

E os pensamentos de Nicolas migram de volta a Silas. Seu amigo tão seguro, forte, moreno, que parece não ter dúvidas de nada. Para ele a vida parece tão fácil, tão simples. Nicolas queria ser como ele – mas será que Silas não pensa assim sobre o amigo também? Será que não acha que Nicolas é tão forte, seguro quanto tenta aparentar? Será que Silas não tem também suas crises, suas inseguranças?

Os pensamentos de Nicolas passeiam por Silas e por todo o corpo dele. O peito rígido, liso. Os ombros largos. Os lábios carnudos e o cabelo raspado, a pele entre o indígena e o mulato. Não é a primeira vez que pensa no amigo assim

– é cada vez mais frequente. Nicolas entende que é mais do que admiração, é desejo. E perguntou-se tantas vezes se apenas a amizade entre eles seria suficiente. Teria de ser. Ele teria de se contentar em serem apenas amigos, melhores amigos, já foi muito ter conquistado isso. Jamais poderia tomar uma iniciativa, tentar algo mais…

Pode apenas em pensamento, fantasias, sozinho no banheiro, embaixo do chuveiro, pensa no amigo de uma forma que o amigo nunca saberá. Tenta visualizar os detalhes de seu corpo. As imagens que conseguiu captar disfarçadamente, ao se trocar no vestiário. Pensa em seus lábios se tocando, seus corpos se entrelaçando, loiro com moreno, masculino com masculino, não opostos, não complementares, mas coincidentes, um confirmando o outro, o gosto, o cheiro, assegurando a Nicolas o que ele é, qual é seu lugar no mundo. Não tem como fugir daquilo. Aquela é a verdade, aquela é a sua paixão.

Então a porta do banheiro se abre. O pai entra. – Opa, filhão. Preciso dar uma mijada urgente, desculpe aí.

Nicolas recua no boxe semitransparente. Tenta se esconder entre as mãos. Escuta o pai desaguando longamente na privada. Não era esse tipo de intimidade que queria ter com ele.

– Desculpe pelo pessoal do bar… – o pai continua vacilante enquanto se alivia. – Eles são gente fina, só perdem um pouco a noção quando bebem. Eles não sabiam que você era meu filho.

Nicolas não responde. Ainda está ofegante, tentando voltar a respiração ao normal, disfarçar seu estado. Não tem certeza do que o pai viu. O banheiro está turvo pelo vapor, e o pai ainda mais turvo pelo álcool.

– É véspera de feriado, né? – o pai se justifica. – Então todo mundo quis relaxar um pouco depois do trampo, natural. Vou ter plantão só de sexta para sábado. A gente não tem que acordar cedo amanhã. Você também não tem aula, tem?

– N-não… – Nicolas responde pigarreando. Parece que o pai não termina

nunca de mijar. Deve ter tomado um barril de chope inteiro. Então Nicolas finalmente ouve a descarga. Ela vem acompanhada de um jato gelado do chuveiro. – Caralho! – grita Nicolas.

O pai o espia no boxe, rindo.

– Foi mal. Vai sair hoje? Encontrar alguma gatinha?

Nicolas balança a cabeça, constrangido.

– Não, estou cansado do treino. Vou ficar por aqui. – Não precisa mais se esconder, seu estado de empolgação diminuiu rapidamente com o papo broxante do pai.

– Bem, vou deixar você tomar banho em paz. Eu mesmo tenho uma gata me esperando lá na sala. Rê-Rê-Rê. – O pai pisca para ele e sai do banheiro.

A PERIGUETE DO BAR ESTÁ NA SALA COM O PAI.

Gorda, maquiada, com um top pequeno demais para a barriga que sai para fora, um cabelo loiro demais para a pele morena, as raízes escuras. Ela e o pai bebem cerveja e riem na sala, ouvindo um disco do Amado Batista, ou Nelson Ned, ou Agnaldo Timóteo, um desses cantores bregas das antigas, que para Nicolas são todos iguais. Quando Nicolas chega à sala, o pai está se levantando e tirando a vagaba para dançar.

Nicolas pensa em como aquele homem pode ter sido casado com sua mãe. O quanto ela, que hoje é uma perua esnobe, deve ter sido diferente no passado, para se apaixonar por um homem daqueles. Ou o quanto ele, o pai, foi outra coisa quando jovem. Durou pouco, de toda forma. Nicolas nem se lembra dos pais morando juntos, se separaram enquanto ele ainda engatinhava. Sempre viu pouco o pai, nos finais de semana, depois uma vez por mês. A mãe sempre implicava. Quando ela se casou novamente, e teve outra filha, o pai saiu de cena de vez. E agora Nicolas tem a oportunidade de se reaproximar dele. Mas encontra um completo estranho.

– Vou dormir então – Nicolas faz questão de dizer chegando à sala. Quer dar a dica para o pai abaixar um pouco o som, não fazer tanto barulho. Parece que ele é mesmo o adulto da casa.

– Opa, filhão, tão cedo assim? – o pai pergunta enquanto enlaça os braços na cintura generosa da mulher.

– Toma uma cervejinha com a gente – a mulher diz para ele com um sorriso malicioso.

– Valeu, eu não bebo.

– Meu filho é atleta – diz o pai num orgulho bêbado. – Mostra uns golpes de jiu-jítsu aí, Nico.

Nicolas nem responde. Apenas acena.

– Boa-noite para vocês.

Enquanto se afasta, ouve a mulher rindo novamente. Ele a escuta ao entrar no quarto. – Com todo respeito, Rubens, mas seu filho é um tesãozinho.

Nicolas se deita em seu novo quarto, pequeno e abafado. A cama é estreita e cheira a mofo. Está cansado, desanimado, mas não tem certeza de que conseguirá dormir tão cedo. Os problemas de sua nova vida rondam sua mente. A falta de Silas, as dificuldades na escola, seu destino incerto no caratê. Ele tenta argumentar consigo mesmo que é só o final do dia, as decepções do dia, amanhã ele acordará mais disposto e otimista.

Mas lá no fundo da mente está a questão que sempre esteve, e que cada vez mais insiste em vir à superfície para ser respondida. O que será de fato da vida dele, do futuro dele, de sua família? Ele não tem dúvida do que gosta, de quem é ele. Nicolas é homossexual. Pode ser forte, masculino, não tem nada a ver com a imagem da bichinha que divulgam na mídia. Só que não tem dúvidas da atração que sente – e suas escolhas afetivas, seus relacionamentos, a própria família que ele quiser constituir vão ter que surgir a partir disso. Por um tempo ele tentou se convencer de que poderia ser bissexual – era só encontrar a mulher certa. Agora não se engana mais.

Sua experiência com mulheres não é das menores (nem das melhores). Sempre há alguma rondando por perto. Na antiga academia, MILFs e tiazonas tomavam as aulas a partir do final do dia, depois do expediente. E estavam sempre de olho nos moleques novos da academia, os jovens e adolescentes, especialmente nele. Foi com uma dessas que ele perdeu a virgindade… ou quase. Ele bem que tentou. No começo achou que conseguiria, estava tudo funcionando direitinho. Mas não conseguiu manter a excitação tempo o suficiente para completar o serviço. Broxou. Ela foi compreensiva, carinhosa, maternal até. E manteve a brecha aberta para uma nova tentativa, num novo dia. Nicolas passou a evitá-la, sem deixar de contar vantagem para Silas, é claro. Aquele lá era especialista em comer as trintonas da academia.

Com os meninos Nicolas tinha mais experiência… ainda que tenham sido

apenas meninos. Na pré-adolescência, antes de a coisa se tornar perigosa de fato, Nicolas teve suas brincadeirinhas com o primo, com um ou outro amigo. Todos os meninos fazem isso, não fazem? Não significava nada. Os meninos crescem e deixam isso para trás. Ele cresceu, e a ideia foi tomando novos significados em sua mente. Ele nunca havia de fato estado com um homem, não sabia como faria, como seria. Mas queria.

E conseguiria conciliar isso com uma vida plena, feliz? Poderia ser um atleta íntegro, um sensei respeitado mantendo isso escondido, em segredo? Teria algum dia a chance de se assumir? Nicolas sempre teve desafios mais imediatos para vencer – as provas do bimestre, as cobranças da mãe, o campeonato da vez –, então sempre preferiu deixar essas perguntas para depois. Ele tinha tempo. Tudo se resolveria naturalmente, ele preferia acreditar. Só que agora o dilema de sua sexualidade parecia cada vez mais urgente e ansioso.

NICOLAS CHEGOU CEDO DEMAIS À FESTA.

Passou a sexta inteira de feriado jogado pelos cantos. Tentou dormir até mais tarde, mas se deitou muito cedo na noite anterior e sete da manhã já estava desperto e sem sono. Sentou-se na sala para ver televisão: só tinha a programação matutina da televisão aberta – programas evangélicos e desenhos animados, não, obrigado. Foi até o mercadinho da esquina e comprou pão, ovos e presunto. Enquanto fazia o café foi surpreendido pela periguete do pai, que veio até a cozinha vestindo só uma longa camisa masculina.

– Acordou cedo, gatinho.

Nicolas sorriu torto. Ofereceu um café, uma omelete, um misto. A mulher aceitou tudo. Ele cozinhou enquanto ela o observava, secando de cima a baixo.

– Você não parece nada com seu pai – ela comentou com a boca cheia enquanto mastigava o pão. Ele não sabia se devia ficar lisonjeado ou ofendido.

Logo o pai também saiu do quarto e perguntou se a mulher não preferia tomar café na padaria. Nicolas acabou fazendo café para os três. E antes que eles acabassem, ele saiu para arejar na rua. Não tinha muito o que fazer sem aula, sem treino, sem amigos, numa sexta de feriado com o comércio fechado, sem bicicleta para explorar a cidade.

O resultado foi que, logo que escureceu e deu o horário de início da festa, ele já estava lá, na casa do Marcos. O colega o recebeu meio sem graça, apenas com os familiares mais próximos e os pais.

– O pessoal todo chega um pouco mais tarde. A gente coloca às oito no convite, para o povo chegar lá pelas dez, onze...

Nicolas percebeu que havia cometido uma gafe chegando tão cedo. Não tinha intimidade nenhuma com Marcos para isso. Mas o pai dele se esforçou para deixá-lo à vontade.

– Então você é o menino novo da escola? Deve ser difícil entrar assim, no

meio do semestre – quis saber Tavares, o pai de Marcos.

Nicolas deu de ombros. – Não é tão ruim, não.

Tavares o conduziu pela casa. – Bem, fique à vontade, não só hoje na festa, digo. Estamos à sua disposição para o que precisar aqui na cidade, não é, campeão? – ele perguntou ao filho, que fez que sim com a cabeça. – O Marcão conhece todo mundo da região, os meninos do clube, da federal, pode te apresentar muitos amigos, a mulherada. Rá-Rá-Rá. Quer uma Coca-Cola, um guaraná? Ou uma cervejinha? Cervejinha tá liberado, viu? Eu sei que a maioria dos amigos do Marcos tem menos de dezoito… mas aniversário é só uma vez por ano, né? Rê-Rê-Rê.

Nicolas aceitou uma cerveja. Então seguiu Marcos para o quarto dele. O amigo começou a mostrar sua coleção de aeromodelismo – sonhava em ser piloto de avião.

– Se tudo der certo, ano que vem já entro no colégio da Aeronáutica – Marcos disse.

Nicolas tentou mostrar entusiasmo, mas os sonhos do garoto não diziam nada para ele. Voltaram para a sala, para a família e a festa. Logo começaram a chegar os amigos mais próximos, alguns colegas de classe. Chegou Vinícius, que parecia ter uma grande fofoca para contar a todos.

– Gente, esse Nicolas é foda mesmo. Que você fez com o baitola do Mathias?

Afe, em cidade pequena as coisas se espalham rápido…

– Que Mathias? – pergunta Marcos.

– Mathias, aquele folgadinho do oitavo B? – Vinícius explica. O pai de Marcos levanta o olhar, curioso.

– Filho do Gonçalves? Conheço o Mathias.

– Então – continua Vinícius. – O Nicolas arrebentou com a boca dele no caratê. Parece até que tiveram que levá-lo para o hospital lá no Vale…

– Não arrebentei com ninguém… – Nicolas tenta argumentar, observado por todos na sala.

– Disseram que tiveram de fazer uma dentadura completa pra ele. E que ele

pediu uns dentes de tubarão para arregaçar com o Nicolas.

– Pfff, você tá de sacanagem, Vini – diz Marcos.

– Nah, que ele fodeu com a boca do moleque é verdade.

– Eu não fodi com a boca de ninguém – defende-se Nicolas. – Eu só acertei um soco de leve na boca dele, porque ele não estava levando o treino a sério.

– Ahhh, mas é bom mesmo – diz outro menino. – Que aquele mané tava se achando só porque começou a treinar caratê.

– É verdade que ele cuspiu sangue e desmaiou? – Vinícius pergunta. Tavares olha com censura o novo amigo do filho, deve estar achando que Nicolas não é uma boa influência.

– Gente, foi só um acidente. Essas coisas acontecem no treino. Normal.

– Normal quebrar os dentes de um colega? – pergunta a mãe de Marcos.

– Ouvi dizer que vão processar seus pais até – acrescenta Vinícius. – Que sua mãe está lá no hospital pagando todo o tratamento.

– Eu nem tenho mãe – argumenta Nicolas, o que não é exatamente verdade, mas não é totalmente mentira. *Naquela cidade* ele não tem mãe.

– Está explicado – diz a mãe de Marcos e sai da sala.

– Bem, meninos, vamos mudar de assunto? – diz felizmente o pai de Marcos. – Tenho certeza de que o colega de vocês está bem. Quem quer cerveja?

COM A FESTA AVANÇADA, OS PAIS DE MARCOS JÁ NO QUARTO, AUMENTOU CONSIDERAVELMENTE A OFERTA DE BEBIDAS, DROGAS, CIGARROS.

Ulisses tirou uma garrafa de vodca da mochila. Outro veio com um cigarro de maconha. Uma menina se ofereceu para fazer um capeta, e logo estavam batendo tudo o que encontravam pela frente no liquidificador. Nicolas aceitou a bebida. Manteria a boca ocupada e a conversa fluindo, mais fácil socializar assim. E enquanto socializava, até começou a achar Marcos realmente simpático. Até começou a achar Marcos bonitinho. Tentou afastar aquela ideia e se concentrar nas meninas da festa – ia ganhar muito mais se passasse por pegador.

– É verdade que você arrebentou a boca do Mathias? – pergunta uma menina da classe de Nicolas que ele ainda não sabe o nome.

Ele não sabe muito o que responder, como responder, o que ela quer saber. Verdade era sim, ele havia arrebentado a boca do Mathias. Mas isso era legal e ele deveria contar vantagem? Foi um acidente e ele devia se desculpar? Devia se desculpar como se fosse bobagem, como se ele não fosse capaz de controlar a própria força, o que era um pouco verdade? Ou suavizar o fato, foi só um machucadinho bobo, comum em todo treino? Naquela noite na festa ele já percebia que cada um interpretava a história de uma forma, e que para cada um ele era uma coisa: herói, vilão, um valentão babaca, um bad boy sedutor.

– Foi um acidente de treino – ele diz, procurando ser o mais sincero consigo mesmo.

– Sei – diz a menina. – Então pelo jeito você não é tão fodão no caratê assim, né? Não tem muita noção da coisa…

Nicolas bufa. Não sabe mais o que dizer. Até porque o álcool começa a afetar seu julgamento. Procura mudar de assunto. – Afinal, quem é você? Eu sou o

Nicolas, você sabe. – Ele lança a ela seu olhar mais sedutor.

A menina lança a ele um olhar penetrante. – É, eu sei quem você é, porque você é o maior panaca que acaba de chegar na cidade. Eu já sou uma menina comum, com certa inteligência e tal, nada de mais. Meu nome é Laís.

Nicolas quer engolir em seco, mas o gole do copo de capeta desce amargo pela garganta.

– P-Prazer... – ele diz. A menina apenas dá as costas e vai embora. Nicolas volta à cozinha para reabastecer seu copo de capeta. Está precisando.

Ele nunca teve jeito para chegar nas meninas, até porque não tem nenhum interesse real, mas as meninas sempre acabam chegando nele, e isso já garante sua fama. Porém se ele se acha desajeitado com o sexo oposto, os outros moleques são uma completa negação. Estão numa festa do ensino médio, com bebidas, drogas e música. Ainda assim, ficam as meninas para um lado, os meninos para outro. Marcos conta sobre os detalhes de um novo caça da FAB, e os amigos fingem interesse. Nicolas não tem muito o que dizer, mantém a boca ocupada com a bebida. Até que, de mansinho, a japa mestiça da classe se aproxima dele.

– Ooooi, Nico, tudo bem?

– Tudo bem... Ísis, né?

– Íris. O que você tá bebendo?

Nicolas estende o capeta para ela. Ela dá um gole e tosse. – Nossa, forte.

Ele sorri e dá outro gole largo, para impressionar. Não desce legal. Ele sente que está realmente passando do ponto. Os meninos logo ao lado espiam e se cutucam, notando o interesse da garota.

– Legal que você veio pra festa, assim já vai se enturmando com o pessoal – ela diz.

– Claro... – ele responde. Não tem muito mais o que dizer. Íris também parece revirar a cabeça para encontrar mais assunto para puxar. Existe um abismo de fato entre os meninos e as meninas, Nicolas constata. E essa distância acaba sendo transposta apenas por um interesse afetivo, sexual. Sem esse

interesse, o que Nicolas tem para conversar com aquela menina?

É quando a música muda e algo ultrapop ecoa ao longe, nas caixas de som. – Aí, adoro essa música! – diz Íris. Nicolas não sabe se ela está sendo sincera ou se está apenas aproveitando a deixa. Ele mesmo nunca foi dessas divas pop, prefere um reggaezinho, uma MPB, mas Íris se adianta e pega sua mão. – Vamos dançar?

Nicolas concorda e ela o puxa em direção à pista. Os meninos dão gritinhos de "uh-hu", incentivando o "pegador". Ao caminhar, ele percebe que o álcool realmente está batendo a toda, não consegue manter o equilíbrio. Na sala, com luzes piscando e música alta, ele se sente mais tonto ainda. Olha ao redor e acha que estão todos olhando para ele – ou *todas*, porque a pista está tomada basicamente de meninas.

– Elas devem estar com inveja por eu estar com você – Íris diz gritando no ouvido dele. Ele sorri. Em seguida ela diz baixinho e insinuante algo que ele não consegue entender direito. Mas ele continua sorrindo e assentindo. Íris se aproxima e coloca as mãos no ombro dele, dançando coladinho, mesmo que a música seja bem animada. Nicolas tenta balançar minimamente no ritmo, mas sente tudo rodando. Ela olha para ele preocupada e pergunta algo que ele novamente não consegue ouvir, talvez se ele está bem. Ele continua sorrindo e fazendo que sim com a cabeça. Até que uma onda de náusea toma conta e ele tem que pedir licença e sair apressado. Encontra o banheiro trancado. Mas consegue chegar à calçada a tempo de vomitar.

SENTADO NA SARJETA, OLHANDO PARA AS ESTRELAS, AS ESTRELAS RODAM.

Nicolas abaixa a cabeça novamente. Sentiu-se um pouco melhor depois de vomitar, mas lentamente o enjoo vai se restabelecendo. A bebida não tem o nome de capeta à toa. Algumas meninas passam por ele saindo da festa, e riem. Ele quer aparentar estar o mais normal possível. Só está lá, de boa, tomando um ar. Mas imagina que sua cara esteja medonha. E a poça de vômito na calçada um pouco à frente depõe terrivelmente contra ele.

Enquanto descansa, avista o CDF da classe, Lucas, indo pegar sua bicicleta estacionada na frente da casa. Nicolas se surpreende por ele ter vindo, estava certo de que os moleques populares não gostavam dele. Lucas parece aflito, mexendo e remexendo no cadeado, sem tirar a bicicleta do lugar. De alguma forma, por algum motivo, aquele menino parece mais como ele, mais próximo. Nicolas identifica algo dele no outro.

– Perdeu a chave? – Nicolas pergunta ao menino.

Lucas leva um susto reparando em Nicolas sentado ali. – Você está com as chaves? – ele pergunta.

– Eu? Por que ia estar com as *chuas* chaves.... – Nicolas tenta responder, mas sua língua enrolada denuncia sua embriaguez. Não vai mesmo conseguir disfarçar. Ele se levanta, balança a cabeça para colocar as ideias no lugar e caminha até Lucas.

– Peraí, deixa eu ver *che conchigo*. – Ele não consegue. Continua enrolando a língua. Chegando à bicicleta, nota uma infinidade de cadeados prendendo-a ao portão. Deve ter muito roubo de bicicleta nessa cidade para Lucas ter se precavido assim. Nicolas encontra um clipe no bolso e resolve experimentar. Já viu numa porção de filmes gente abrindo cadeado assim. Mas mal consegue encaixar o clipe no primeiro dos cadeados.

Lucas parece impaciente ao seu lado.

– Calma, tô quase *concheguin*…

Nicolas sente então uma ânsia e se afasta bruscamente, em direção a uma moita. Novamente despeja o pão do café da manhã, a batata-doce do almoço e mais um mar de capeta. Afe, será que agora já deu?

– Tá… Tá tudo bem? – Lucas pergunta lá ao lado de sua bicicleta.

Nicolas apenas faz que sim, com a cabeça ainda abaixada. Caminha de volta à sarjeta e se senta. Não vai mesmo conseguir conversar e socializar com mais ninguém. Bela tentativa.

Timidamente, Lucas se aproxima e senta-se ao seu lado.

– Quer que eu te pegue uma água, alguma coisa?

Para que ele foi dar trela? Nicolas só quer ficar sozinho, em paz, a última coisa de que precisa agora é um nerd enchendo o saco:

– Eu estou bem. Só bebi um pouquinho demais…

E o menino insiste:

– Não quer uma Coca? Açúcar é bom para bebedeira.

Sangue! É bom para bebedeira, Nicolas tem vontade de dizer. Todas as frustrações e problemas dos últimos dias rondam em sua mente. A casa nova, o pai bêbado, as provas da escola, o esporro no caratê, a falta de Silas…

– Refrigerante não faz bem pra saúde – é o que ele diz.

Os dois ficam em silêncio naquela sarjeta. Nicolas de cabeça baixa, tentando se recompor, esperando que o colega entenda e o deixe sozinho. Mas ele percebe os olhos de Lucas sobre ele, examinando. Daqui a pouco alguém aparece aqui, vê a gente junto e vem tirar sarro, pensa Nicolas. Tenta reunir forças para voltar para casa. Aquela festa já deu.

LUCAS SEGUE NICOLAS PELAS RUAS.

Esse moleque não vai mesmo me deixar em paz, pensa Nicolas. Tenta ser mais firme a cada passo, mostrar-se mais sóbrio. Está tudo bem, está tudo bem. É bacana que o colega queira ajudá-lo, mas Nicolas não precisa mesmo daquilo. Eles nem são amigos de fato, mal se conhecem. Nicolas tenta despistar Lucas, pegar um caminho alternativo, não quer que o cara saiba onde ele mora, não quer dar essa intimidade. Além do mais, tem um pouco de vergonha da casa do pai, caindo aos pedaços.

Nicolas não consegue passar muita segurança ao caminhar. Seu passo é instável e ele quase é atropelado por um carro cheio de uma molecada. Olha só aonde a bebedeira o levou: Nicolas começou a festa com o dono da casa, com os fodões da escola, foi paquerado pela menina mais bonita, mas acabou na sarjeta com o CDF da turma.

– Você sabe direito para onde está indo? – Lucas pergunta a ele.

Agora Nicolas não está mais certo. Deu tantas voltas que não tem mais certeza da direção de sua casa.

– Sei. Moro no final daquela rua – diz, tentando passar convicção e esperando que Lucas o deixe em paz. Mas o menino insiste, pergunta o número da casa. Certeza de que vai querer que eu o convide para entrar, Nicolas pensa. Depois vai tocar a campainha toda tarde. Vai se achar o mais íntimo. Não, obrigado.

Nicolas gira no eixo, tenta se localizar. Na verdade, não tem ideia de onde está. E não tem nem mesmo internet e créditos no celular. – É que eu me mudei faz pouco tempo. Estou meio perdido ainda – ele é obrigado a confessar.

Senta-se de novo na sarjeta. Abaixa a cabeça. O enjoo passou, mas agora o cansaço está tomando conta dele. Nicolas não tem certeza se vai conseguir chegar em casa. De repente se tirar um cochilo... quando o sol nascer ele vai se localizar melhor.

– Valeu por me acompanhar, pode ir nessa.

Lucas senta-se ao lado dele. Insiste, oferece o telefone, puxa papo, não vai abandoná-lo. Tudo bem, ele até que tem boas intenções. Talvez Nicolas não tenha que bancar tanto o valentão com ele. Não precisa mesmo provar nada para aquele moleque.

– Tava meio perdido naquela festa – Nicolas acaba se abrindo. – Queria me enturmar. O álcool ajuda a gente a se soltar. Até demais... – Nicolas diz.

– Achei que você já era amigo de todo mundo – responde Lucas.

– Amigo de quem? Acabei de me mudar pra essa cidade.

Eles conversam um pouco sobre a cidade, sobre as amizades. Lucas até que parece legal. De repente eles até poderiam ser amigos, em outro contexto. O papel destinado a cada um já parece tão definido no ensino médio... ou você é da turma dos populares, ou dos perdedores. Ou faz as amizades certas ou fica sozinho. Nicolas sabe que tudo aquilo é uma bobagem, mas não depende dele, não é ele quem define a hierarquia das relações sociais.

Ele mantém a conversa fluindo por um tempo, logo a voz de Lucas vai ficando mais distante. Só um cochilo, só um pouquinho, em alguns minutos ele poderá acordar melhor, reencontrar o caminho de casa. Pouco a pouco ele vai apagando...

Silas está deitado ao seu lado, num saco de dormir no chão de um alojamento. Foram passar o final de semana longe de casa, num campeonato intermunicipal sem muita importância. O dia todo no ginásio. Medalha de prata para Silas e bronze para Nicolas. Silas está decepcionado, Nicolas empolgado. É a sua primeira medalha. A primeira prova de que talvez ele seja bom mesmo naquele troço. Faz parte de uma equipe. Está lá com amigos. Com a sua turma. Ele pertence. Os dois amigos conversam até tarde. Há outros meninos menores dormindo por perto, e ninguém tem coragem de mandá-los calar a boca, porque eles são os fodões da turma. As respostas de Silas vão ficando cada vez mais monossilábicas, até que ele percebe que o amigo dormiu. Nicolas queria estar dormindo abraçado a ele, mas aquilo já é bom demais. Estar ao seu lado.

Passarem o final de semana todo juntos. Ele adormece feliz.

E no sonho dentro do sonho Silas se vira para ele, acaricia seus cabelos. Aquilo não pode estar acontecendo. Nicolas sorri para si mesmo, com os olhos fechados. Sente a mão nos seus cabelos, roça suave nas maçãs de seu rosto. Sim, Silas está me fazendo carinho. Ele sente como eu sinto. Talvez ele não possa demonstrar agora, talvez a gente tenha de se contentar com dormir lado a lado, mas ele sente como eu sinto. Ele me ama como eu o amo. É só uma questão de tempo. Assim como eu consegui essa medalha de bronze, assim como eu consegui que ele se tornasse meu melhor amigo, eu ainda vou conseguir a medalha de ouro de tê-lo como meu namorado.

Então Nicolas abre os olhos e vê... Lucas acariciando seu rosto.

Ele se levanta num sobressalto.

– O que você tá fazendo?!

– N-nada... é que você estava dormindo... – justifica-se Lucas.

– Eu tava dormindo e daí você se aproveita para passar a mão em mim?!

Lucas gagueja desculpas. Agora Nicolas está desperto. E o álcool parece finalmente estar se esvaindo do organismo.

– Sai fora, viado!

Ele se vira e sai correndo pela rua, ainda sem saber qual é o caminho de casa.

PARTE III

LUCAS E NICOLAS

“EU ESTRAGUEI TUDO. BEM AGORA QUE A GENTE COMEÇAVA A SE ENTENDER.”

Lucas tecla com seu amigo Matheus. Manhã de sábado, depois da festa. Ele mal conseguiu dormir, revirando-se na cama entre sonhos, desejos e pesadelos. Deve ter sido a overdose de Coca-Cola que tomou na festa. E ainda toda a tensão da discussão com Nicolas. Levantou cedo e felizmente encontrou o amigo on-line. Matheus nem havia se deitado ainda, virado de uma festa.

– O que você esperava, bicha? Um bofe desses nunca ia dar bola pra você... – diz Matheus.

– Poxa, valeu mesmo. Você sabe como levantar meu moral.

– Ah, sem sacanagem. Você é *gatcheeenho*, claro, acho mesmo. Mas pelo que você falou esse Nicolas é todo bofão, bad boy, não tem nada a ver com você. Além do mais, nem deve ser gay.

– Claro que não é gay. E eu sei que ele não ia querer nada comigo. Mas podia ao menos ser meu amigo... Ele estava sendo simpático comigo. Parecia tão sensível, na verdade, tão desprotegido. Ficou contando da vida dele... Agora deve estar com raiva. Capaz de ser mais um para aloprar comigo.

– Você está apaixonado ou está com MEDO dele?

Lucas pensa um pouco. – As duas coisas... acho. Fiquei sabendo que ele arrebentou com um moleque mais novo da escola, que treinava com ele.

– Aí, porfa, né? Que cara babaca. Sua paixonite deve ser só porque o boy é magia, porque não deve ter nada na cabeça...

– Não, ele é um cara legal... acho. Algumas coisas não se encaixam, ele não é desses metidos a valentão. Não conheço direito, é verdade. Mas ele parece tão maduro, um cara sério, na dele...

– Que bate em meninos mais novos.

Lucas suspira. Talvez o amigo esteja certo. Ele não sabe quem Nicolas é

realmente. Deixou-se levar por aqueles olhos claros, aquele rostinho bonito e o físico de atleta.

– Deixa eu ver uma foto dele? – Matheus pede, como se lesse os pensamentos de Lucas. – Tô curioso pra saber quem virou sua cabecinha virgem assim… Aliás, quem virou suas DUAS cabecinhas virgens, Kkkkkkk!

– Muito engraçado, Matheus. Não tenho foto dele não.

– Ahhhh, não miguela.

– Sério, não tenho foto.

– Qual é o nome completo dele? Ele não tem perfil no Face?

– Não, acho que não. – Lucas já havia procurado, é óbvio. Espiou o sobrenome na lista de chamada e procurou no Facebook, deu um Google. Não achou muita coisa. Tinha alguns links sobre campeonatos de caratê, a colocação dele em alguns – o menino não era nada fraco mesmo – mas nada de fotos.

– Quem é que não tem perfil no Face hoje em dia? – Matheus pergunta.

Pois é. Nicolas era esse tipo de cara, sem vida virtual, cheio de amigos no mundo real, o oposto de Lucas.

NICOLAS ACORDA TARDE, COM GRITOS NA SALA.

Ainda está com a roupa da festa. Uma baita dor de cabeça. Tenta se lembrar de como chegou em casa. Flashes da noite passada flutuam em sua mente: Marcos mostrando seus aeromodelos, a japinha dançando com ele na pista, ele voltando para casa com Lucas... ah, acho que foi isso. O CDF o ajudou a voltar para casa. A ressaca moral se estabelece quando ele pensa no papelão que deve ter feito, vomitando na casa do amigo que acabou de conhecer, fazendo papel de idiota na frente do nerdzinho. Está fazendo tudo errado, começando tudo errado. Mudou de cidade, mudou de escola, achou que poderia começar do zero, num lugar onde poderia apenas assumir seu papel de cara equilibrado, atleta, bom filho, mas está metendo os pés pelas mãos, passando vexame. Com certeza todo mundo deve estar comentando dele e tirando sarro a essa hora.

Nicolas vai para a sala e encontra o pai gritando na frente da TV, assistindo a algum jogo de futebol. Já tem algumas garrafas de cerveja vazias na mesinha de centro.

– Oi, pai...

– Oi, filhão, foi boa a fest... VAI! VAI! – ele grita para a TV.

– Que jogo é esse em pleno sábado? – Nicolas pergunta.

– É a final – o pai responde. Nicolas não sabe final de quê, qual é o time, em que cidade acontece o jogo. Ele nunca foi do futebol. Mas não importa.

Abre a geladeira procurando um iogurte que comprou ontem, um Gatorade. Nada. O pai deve ter bebido. Ou a periguete. Ou os dois. Cogita pedir a ele uma boa receita para ressaca – provavelmente o segredo do pai é simplesmente nunca parar de beber. A única coisa que Nicolas consegue tirar da geladeira é um copo d'água.

Volta ao pai na sala, na frente da TV, já bebendo. Deprimente. – Pai, o que acha de a gente dar uma volta hoje? De repente ir pescar, você não gostava?

Nicolas lembra-se da única vez que foi pescar com o pai, no Pantanal, quando tinha uns sete, oito anos. Foi uma das poucas viagens que fizeram juntos. Algum prêmio que o pai ganhou no trabalho, ou alguma viagem de confraternização. Nicolas se lembra que era um bando de tiozões, num final de semana ou feriado sem as esposas, um ou outro filho adolescente, ele a única criança de fato. Já naquele tempo o pai era um estranho, que ele só via em ocasiões especiais. Já naquele tempo o pai bebia o dia todo, de manhã cedinho enquanto pescava na canoa, de noite no jantar com os colegas. De tarde, o pai dormia, e Nicolas brincava com as funcionárias da pousada. Ficava na barra das saias das mulheres enquanto elas arrumavam os quartos, cuidavam de seus afazeres, compensando a falta da figura materna. Como sempre na vida, Nicolas era adorado e adotado pelas mulheres, por onde quer que fosse. Seus cabelos loiros – naquela época ainda mais claros, quase brancos – e seus olhos azuis encantavam facilmente.

– Ô, filhão, pode ser outro dia? – o pai diz hoje sobre a pesca. – Tive plantão ontem. Acordei agora há pouco. Combinei de encontrar o pessoal lá no bar, no segundo tempo, para a gente ver o resto do jogo. Só estou esperando o intervalo... aliás, por que não vem com a gente? Os caras são bacanas.

– Hum, não, acho que não. Fica para outro dia então.

– Tudo bem, a gent... PORRA! JUIZ FILHO DA PUTA! – o pai grita para a televisão.

“AH-HÁ, ACHEI!”

– Eu sou o cara, Tobias! – Lucas exclamara para seu pug, que está deitado no chão do seu quarto, ao encontrar finalmente fotos de Nicolas. Após dias googleando, revirando o Face, tentando adivinhar apelidos e grafias alternativas, sem sucesso, Lucas tem a ideia de procurar fotos da festa da noite anterior. Nicolas pode até não ser um cara plugado – por mais estranho que isso seja hoje em dia – mas ninguém consegue evitar de ser fotografado, postado, compartilhado.

E lá está ele, no Instagram do Marcos, no Instagram da Íris, na maior parte das fotos da festa que Lucas encontra, na real, Nicolas está. Em algumas ele dá seu sorriso tímido, sério. Em outras parece até um pouco deslocado, no canto de uma roda de meninos. Numa ou outra dá para identificar de fato o estado em que ele ficou, *breaco*. Tem ele na pista de dança com Íris, com um sorriso já meio torto, sem jeito, o rosto vermelho. Há até um flagra dele sozinho sentado na sarjeta, com a cabeça abaixada, no Instagram do Ulisses. Lucas não encontra nenhuma dos dois juntos, e fica meio decepcionado com isso. Lucas mal consegue localizar a si mesmo em alguma das fotos; ele aparece cortado numa; no fundo, de papagaio de pirata, em outra. Nunca em primeiro plano, nunca objeto do retrato. Tudo bem. O que ele queria mesmo era encontrar uma foto de Nicolas.

Escolhe a melhor, em que só há Nicolas e Marcos – parece começo da festa – e recorta para que só Nicolas fique em quadro. Quando está admirando o rosto dele, grande na tela, a porta de seu quarto se abre.

– Fala, Lucão, tá um dia lindo. O que você acha de a gente dar uma volta?

É o pai de Lucas. Ele fecha rapidamente a imagem.

– Pô, pai, já falei para bater na porta! – Lucas queria mesmo era ter uma fechadura em seu quarto.

O pai dá um risinho malicioso.

– Tava vendo alguma coisa... picante?

Lucas revira os olhos. – Não, não tava vendo nada "picante", pai, só quero ter um mínimo de privacidade. – Há muito Lucas já se ligou que só é seguro ver coisas "picantes" quando os pais não estão em casa. E algumas coisas ele só pode fazer mesmo trancado no banheiro.

– Foi mal, filho. Às vezes eu me esqueço de que você não é mais criança... Mas então, vamos dar uma volta de bicicleta?

Pfff. Não esquece mesmo.

– Que ideia é essa de andar de bicicleta agora?

– Eu estava dando uma geral na minha. E acho que ela está prontinha pra rodar. Por sinal, cadê a sua, que não vi na garagem?

– Ficou na casa do Marcos... – Lucas diz. Ele ainda não havia preparado uma desculpa sobre aquilo.

– Na casa do Marcos? Você voltou a pé?

– Voltei – Lucas responde objetivamente.

– Você... você estava bêbado demais para pedalar, foi isso?

Lucas suspira. – Pai, tenho cara de quem bebeu ontem? Aliás, tenho lá cara de quem bebe?

O pai dá de ombros. Não sabe mesmo qual é a cara de um adolescente que bebe hoje em dia... ou qual é a cara de um adolescente que NÃO bebe. Lucas decide formular melhor as desculpas.

– Foi o Nicolas, um amigo meu. ELE que bebeu demais, e deixei a bicicleta lá no Marcos para acompanhá-lo até em casa.

O pai respira aliviado. Não só acredita como parece nutrir orgulho pelo filho ter um amigo, um amigo que bebe, e ser responsável o suficiente para ficar sóbrio, levá-lo até em casa. Seu filho é mesmo um ótimo amigo, e um adolescente maduro.

– Tudo bem. Mas então a gente pode passar lá de carro para pegar a bicicleta de volta, o que acha? Ou posso ligar para o Tavares e...

– NÃO! – Lucas diz rápido e alto demais. – Olha... pai, andei de bicicleta a semana toda. Até na festa eu fui ontem de bicicleta. Estou com a bunda doendo... – Hum, não, não é bem por aí que ele quer ir. – Não estou com saco mesmo, tá? Desculpe. No começo da semana eu pego a bicicleta com o Marcos.

O pai dá de ombros, resignado.

– Tudo bem. Eu entendo. Vou te deixar em paz, então. Quem sabe a gente não sai para comer uma pizza de noite, o que acha?

Lucas concorda. Uma pizza pode ser.

– Vou levar então o Tobias para dar uma volta – o pai diz e o cachorro levanta as orelhas ao ouvir seu nome. – Vem, vem amigão! – O pai sai de seu quarto levando o cachorro.

NICOLAS ESTÁ SENTADO SOZINHO, À BEIRA DO RIO, COM A VARA DE PESCA DO PAI.

Não tem certeza de que há algo para pegar naquele rio. Capaz de já estar poluído, como quase todos hoje em dia. Ainda assim a atividade é terapêutica, ficar sentado com os pés na água, imaginando o que corre por baixo, esperando a sorte dar uma pequena fisgada em sua linha para ele puxar.

A ressaca ainda não foi embora. Mas é melhor ficar sussa na beira do rio do que naquela casa abafada. Nessas horas um baseado vinha bem a calhar. É, hoje uns pegas cairiam bem…

– Eae, boyzinho! – diz Josias, o riponga, surgindo atrás dele. Nicolas nem o havia visto se aproximando.

– Pô, cara, deixa dessa de boyzinho.

– Foi mal. É Legolas, né?

– Nicolas.

– Nicolas… – O homem se senta ao lado dele. – Pegou alguma coisa já?

– Nada. Tem peixe nesse rio, afinal?

– Eita, é o que mais tem.

– Sério?

– Tem. Pacu, piranha…

Nicolas puxa os pés para fora d'água.

– Há-Há. Tô tirando com a sua cara. Tem peixe não. Só um lambarizinho ou outro.

– Ah…

Josias tira a erva do bolso e começa a bolar um baseado. Bem, até que a pescaria de Nicolas não foi tão em vão…

– Eae, a noitada ontem foi boa? Tá com uma puta cara de ressaca…

Nicolas ri. – Dá para perceber assim, é?

– Oxi, se dá...

– É. Eu me mudei pra essa cidade faz pouco tempo, sabe? Ainda tô meio deslocado, não tenho amigos. Acabei bebendo demais ontem numa festa, para me soltar.

– Faz parte, guri. Fez algum estrago? Acordou com uma baranga na cama? Rá-Rá-Rá.

Nicolas sorri sem jeito. – Nem... na verdade... eu não gosto muito de mulher, sabe? – Nicolas diz aquilo sem pensar. Não entende por que foi se abrir assim, tão rapidamente com um estranho. Talvez seja exatamente por isso, um estranho, morador de rua, que não pode julgá-lo.

– Oxi, é viado?

Nicolas faz que sim com a cabeça.

– Que desperdício, moleque bonito desses...

Nicolas não consegue controlar o riso.

– Mas tu tem que seguir o que acredita, cara. Se tu gosta de macho vai nessa, a vida é só sua. Quem é que pode te julgar?

Nicolas dá de ombros.

– As coisas não são tão fáceis quando a gente ainda é adolescente...

Josias acena em desdém com a mão.

– Tu tá falando dessa coisa de escola, de família, mesada, dos pais. Isso é tudo bobagem. A vida é tua, tu faz dela o que tu quiser.

Nicolas assente.

– É, eu sei. É que também não é fácil a gente saber exatamente o que a gente quer.

– Daí são outros quinhentos. Mas tem uma coisa que ajuda.

– O quê? – Nicolas pergunta.

– Isso. – Josias estende o baseado para ele.

LUCAS DESCOBRE QUE DETESTA SAIR PARA COMER PIZZA.

Ele adora pizza, claro. Mas ir a pizzaria é um dos programas mais toscos que se pode fazer num sábado de noite. Para começar, na pizzaria só estão os perdedores. Gente que sobrou. Quem não tem nada melhor para fazer na noite de sábado. Os solitários obesos. Famílias acima do peso. Pais que acham que estão curtindo com seus filhos, como no caso de Lucas. Poderia ser pior, ele pensa, mais tarde chegam os adolescentes bêbados, as turmas de amigos, que iriam tirar sarro por Lucas estar lá, com o papaizinho.

Pizza foi feita para comer em casa, ele pensa. A lógica de pizzaria não faz o menor sentido. O garçom trazendo a redonda até você, depois indo embora deixando a travessa fora do alcance, e você tendo de esperar para que ele decida voltar, decida oferecer um novo pedaço: "portuguesa ou frango catupiry?" Comer em casa é muito mais gostoso. Nessa noite, o pai decidiu levá-lo a um *rodízio* de pizzas, o que é ainda pior. Os garçons passam ainda menos, e com pedaços menos apetitosos. – Marguerita? – Lucas não ficou esperando quinze minutos por uma pizza de mozarela com manjericão. Cadê a quatro queijos, cadê a pizza de estrogonofe?

– E como foi a festa ontem? – o pai pergunta num daqueles vácuos constrangedores.

Lucas suspira. – Foi meio chato. Eu te falei, não sou amigo daquele pessoal, não tinha muito o que fazer lá...

– O filho do Tavares, o... Marcos? Ele não é legal?

Lucas dá de ombros.

– Ele é ok. Mas a gente não tem nada a ver. Ele é do grupinho dos populares, pai. Eu não sou assim.

O pai assente e sorri. Talvez pense "infelizmente". Gostaria que o filho fosse

do grupinho dos populares, mesmo que os populares não tenham nada na cabeça.

– Mas tinha alguns amigos seus, afinal, não tinha? Você não acompanhou um amigo bêbado até em casa?

– Bem, tinha o Nicolas – Lucas avalia bem o que pode dizer sobre o "amigo", o novo colega. – É um menino novo da escola, na verdade. Faixa preta de caratê.

– Uau – o pai diz. Deve estar impressionado de o filho ter um amigo faixa preta. – Ele é bacana?

Lucas pensa novamente no que dizer. "Ele é incrível, pai. Sério, é o menino mais incrível que eu já conheci. Sabe quando a gente vê aqueles personagens fodões da televisão, do cinema? Nicolas é tipo isso, só que na vida real. Ele é lindo, perfeito, e ao vivo. Cada expressão, cada palavra, não tem o que pôr nem tirar. Tá, ele é meio bobão também, parece meio deslocado, mas isso faz parte do charme dele, porque todo mundo parece querer levá-lo para casa. Ele é loiro, alto, olhos claros, ombros largos, é um cara maduro, na dele... É o homem que eu sonhei para mim." Lucas interrompe os pensamentos. Nunca poderia dizer ao pai tudo o que pensa, o que sente.

– Ele é ok. Meio que se acha, mas...

– Olha, filho – o pai interrompe. – Eu sei que o pessoal da sua idade já está bebendo, alguns talvez usem drogas. Eu já fui jovem. Não quero passar lição de moral sobre isso, mas quero que você tenha consciência de como essas coisas fazem mal, no psicológico e para a saúde. Pode parecer legal agora que seus amigos todos usam, mas não vai te trazer nada de bom, pelo contrário, pode te deixar sequelas terríveis com o tempo...

– Ai, pai, eu sei – Lucas protesta. – Pode parar. Eu não uso nada. Nem bebo.

– Acha que EU nunca usei nada? – o pai continua. – Claro, já fui jovem – o pai insiste, como se ele mesmo não acreditasse nisso. – Já experimentei maconha, uma vez. Eram outros tempos, né? Naquele tempo era uma coisa de liberdade. Por sorte não me viciei. Eu digo SORTE porque a gente nunca pode ter certeza. Não é só questão de escolha, tem essa coisa química do corpo, você

pode se viciar depois de só uma tragada. Depende da droga também. O crack. Seus amigos estão fumando crack?

– Pai! Claro que não! De onde você tirou isso?! – Lucas não entende aonde o pai quer chegar. Se quer alertá-lo do perigo das drogas ou se está levemente decepcionado que o filho nem cogita experimentar.

– Eu tenho lido nos jornais. O crack já chegou aqui nesta cidade. Ninguém está a salvo hoje em dia. A gente acha que essas coisas acontecem só em São Paulo, em cidade grande, mas hoje em dia...

– O pessoal da minha classe é tudo boyzinho. Imagina se eles iam fumar crack.

– Ah, mas hoje em dia não tem isso de classe social. Os boyzinhos são os que mais fumam.

– Tudo bem, pai. Mas não tô fumando crack, tá?

Lucas diz isso bem quando o garçom passa por eles. Tem um olhar constrangido quando pergunta:

– Brócolis com ricota?

O pai aceita um pedaço. Lucas começa a achar que uma pepperoni já seria pedir demais.

– Mas então... – o pai continua, engolindo. – E quanto às meninas? Tem alguma menina especial na sua classe? Alguém com quem você tenha mais... afinidade?

Ótimo, o pai tirou a noite para falar dos assuntos do manual: drogas, sexo, certeza de que vai perguntar se o filho ainda é virgem, se está usando camisinha.

– Não tem ninguém. Eu não levo muito jeito com as meninas...

– Ah, que é isso, Lucão. Eu lembro daquela americana que você conheceu no acampamento...

– A Ellis.

– Isso, Ellis. Era bem gatinha.

– É, mas faz tempo, ela já está em outra.

O pai o observa com carinho. Coloca a mão no ombro dele.

– Lucão, eu sei como é. Tem essa fase da adolescência em que as meninas querem os caras mais velhos. Talvez prefiram esse seu amigo aí, lutador de caratê. Mas isso passa, viu? Logo tem aquelas que percebem que o legal mesmo é um cara mais sensível, inteligente. Você ainda vai ter muitas namoradas, pode apostar.

– Duvido...

Lucas resolve ficar quieto, antes de entrar num terreno ainda mais perigoso. Se todo mundo já sabe que ele é gay, não deve ser muito difícil para o próprio pai perceber. E *essa* definitivamente é uma conversa que ele não quer ter num sábado de noite, numa pizzaria rodízio.

– Shimeji com couve? – pergunta o garçom passando com a bandeja.

JÁ É MANHÃ DE SEGUNDA E NICOLAS ACORDA MAIS DESANIMADO DO QUE NUNCA PARA A ESCOLA.

Não foi assim que ele imaginou seu final de semana numa cidade de interior. Não treinou, não pescou, não andou de bicicleta, não fez nada que preste. Acordou com ressaca, fumou baseado, ficou jogado pelos cantos. Até terminou domingo assistindo ao *Fantástico* com o pai, comendo pizza ruim. Sente remorso. Acha que sua vida está saindo do eixo. Agora tem que voltar à sua rotina de estudante e mal consegue acompanhar as matérias. Foda.

Chega à sala de aula, o primeiro com quem ele dá de cara é o Lucas. Lucas olha feio para ele. Deve lembrar em detalhes o papelão que Nicolas fez na festa. Nicolas mesmo só lembra de uns flashes. Passa reto por ele, que sai da sala. Nicolas vai para a carteira.

– Tá melhorzinho, Nico? – diz a japinha Íris sentando-se ao lado dele. Parece irônica. Seu sorriso menos carinhoso.

– Tô sim. É que não tô muito acostumado a beber – Nicolas responde com sinceridade, tentando resgatar sua imagem de rapaz centrado e responsável.

– Ae, Nicão! – Vinícius passa por ele. – Arregaçou na bebida sexta, hein?!

Nicolas sorri torto.

– Fiquei preocupada – acrescenta Íris. – Você sumiu da festa naquele estado. Podia ter pedido para eu te acompanhar.

– Não se preocupa não – intromete-se Ulisses, se aproximando –, ele foi para casa muito bem acompanhado, Rê-Rê-Rê.

– Pô, Nicão, você é foda. Quem era? Foi aquela loirinha prima do Marcos? Ela tava te comendo com os olhos – pergunta Vinícius. Íris parece decepcionada.

– Não, não voltei com ninguém. Só foi um colega que me acompanhou parte do caminho.

– O Nicolas voltou com o viadinho do Lucas – diz Ulisses.

– Sério? Porra, Nico, você podia ter voltado com a mina que quisesse e pega o MALUCAS?!

– Não *peguei* ninguém! Ele só me acompanhou uma parte do caminho, porque mora na mesma direção.

– Tá namorando! Tá namorando! – Vinícius canta caçoando.

Nicolas se levanta, de cara fechada.

– Para de sacanagem, moleque! – Só o tamanho e a postura dele já intimidam o magrelo Vinícius.

– É brincadeira, cara. Mas fica de olho nesse Lucas. Você conhece o ditado, que fiofó de bêbado não tem dono?

Nicolas dá um passo à frente e Vinícius se afasta rindo.

– Foi mal, foi mal. Rá-Rá-Rá.

Laís entra na sala e lança um olhar feio.

– Pelo visto tá querendo arrumar briga aqui na escola também?

– Deixa ele, Nico – argumenta Íris. – O Vinícius é um babaca mesmo. – Mas no olhar dela há uma certa desconfiança. Nicolas não pode culpá-la. Ele mesmo nem sabe direito o que aconteceu no final daquela noite. Nem sabe como voltou para casa.

LUCAS COMEÇA A MANHÃ DE SEGUNDA SENDO CHAMADO NA COORDENAÇÃO

Nem tem tempo de se sentar em seu lugar na sala. Chega e a inspetora dá o recado. Ele deixa as coisas na carteira e sai da sala – não sem antes dar com Nicolas entrando na sala. Lucas abaixa a cabeça, fica sério, não quer ter treta com o colega logo na segunda de manhã. Nicolas também olha feio para ele. O que Lucas pode fazer, se desculpar? Ele só tentou ajudar o menino. Só fez um carinho… tudo bem, ele sabe que pode ter parecido meio invasivo. O cara dormindo bêbado lá na sarjeta, e ele passando a mão no rosto dele, mas… foi só isso, pô. Foi só um carinho no rosto.

De toda forma, Lucas duvida que a chamada na coordenação tenha algo a ver com isso. "Você tentou abusar sexualmente de seu colega?", o coordenador perguntaria. Claro que não. Lucas receia o contrário, que seja algum papo sobre bullying, algum questionamento sobre "você tem sido incomodado por seus colegas", blá-blá-blá. Ele já teve aquela conversa antes. A escola adotou essa política provavelmente devido a tantas notícias de massacres, suicídios, assassinatos dos garotos vítimas de bullying, principalmente nos colégios americanos. Será que é isso? Acham que ele vai aparecer qualquer dia com uma arma fuzilando os colegas? Ou tem medo de que ele seja encontrado com os pulsos cortados?

– Bom-dia, Lucas, como andam as coisas? – o coordenador diz abrindo um sorriso quando ele entra na sala. Parece um sorriso meio falso, mas ainda assim é um sorriso. Lucas tem certeza de que o coordenador não vai com a cara dele, mas não quer demonstrar isso.

– Acho que tudo bem – Lucas diz sem dar importância. – Sem grandes crises. – Ele se senta. Tem vontade de dizer de uma vez: "Não vou matar nem morrer esta semana, não se preocupe."

O coordenador sorri mais enfaticamente, girando sua aliança no dedo. – Tem tido algum desentendimento na turma? Algum menino implicando com você?

Ah, é aquilo mesmo. Je-sus, eles realmente acham que vão resolver isso com essas conversas? Parece que diretoria, coordenação e tudo o mais esquecem completamente o que é ser um estudante adolescente quando passam para o outro lado.

– Tá tudo bem, Moisés, não se preocupe – diz Lucas querendo encerrar aquilo o quanto antes.

– Que bom. Mas não foi para isso que te chamei aqui. Você conhece esse seu colega novo, o Nicolas?

Aimeudeus! Lucas pensa. Ele vai mesmo me acusar de abuso sexual.

– C-conheço por alto... d-de vista.

– Pois então... ele é um bom menino... acredite. Ele é um bom rapaz. Ajuizado. Responsável. Tem alguns problemas na família, apenas.

– Hum...

– O fato é que ele chegou aqui no colégio não com o melhor histórico escolar, sabe? Teve uns problemas de aprendizado no colégio anterior, ele é um atleta afinal. Você sabe que ele é faixa preta de taekwondo?

– De caratê – corrige Lucas.

– Isso, caratê. Então, ele deixou os estudos meio de lado, sabe? Ele não se aplicou muito. E tem muito o que compensar. Assim eu pensei...

Ok, Lucas começa a entender para onde o papo está indo.

– Eu pensei que você podia ajudá-lo, como monitor, repassar com ele a matéria, que tal? Claro que, se for necessário realmente, vamos indicar professores particulares. Mas é que, pelo que eu sei, ele está passando por alguns apertos, morando com o pai, não tem muito dinheiro. Achei que podíamos tentar ajudá-lo primeiro com nossos melhores alunos aqui. – Nisso o coordenador abre um sorriso dos mais falsos.

– Moisés... eu estou longe de ser um dos melhores alunos... – Lucas diz sem falsa modéstia.

– Ahhhh! Que é isso, é claro que é! Eu tenho aqui, veja, espere... – Ele começa a remexer nas pastas e tirar fichas com as notas de Lucas.

– Eu sou um aluno mediano, de oito, nove... – justifica-se Lucas.

– Rapaz, rapaz! Não tenha vergonha das suas virtudes! Você é um aluno que só tira oito, nove em TODAS as matérias!

Bem, isso até que é verdade – quer dizer, em educação física Lucas tira seis, sete; nunca entendeu como são dadas as notas de educação física. Ainda assim, tem o Dênis que nas provas só tira dez...

– O Dênis talvez até tire notas um pouco mais altas – já acrescenta o coordenador. – Mas ele não leva muito jeito para ajudar os colegas, né? – Ele diz isso porque Dênis é um dos mais riquinhos do colégio. É cheio de problemas ou frescuras, asma, sopro no coração. Não se mistura. E provavelmente não aceitaria nenhuma oferta que o coordenador faria a ele em troca da ajuda do colega.

– *Eu* acho que você e o Nicolas teriam muito a se beneficiar dessa parceria. – Dessa vez Lucas tem que se esforçar para entender se o sorriso não é malicioso.

NICOLAS TOCA CONSTRANGIDO A CAMPAINHA DA CASA DE LUCAS.

Olha para os lados. Observa se alguém está espiando. Já se espalhou a fofoca de que ele voltou da festa com Lucas, agora a última coisa de que ele precisa é que os colegas vejam que um está indo na casa do outro. Nicolas irá para a casa de Lucas duas vezes por semana, terças e quintas, foi o combinado. Lucas até se ofereceu para ir à casa dele, mas Nicolas não queria dar essa intimidade, ainda mais depois do papelão que fez bêbado. Lucas iria conhecer a casa, o pai de Nicolas, e entenderia tudo. "Não é de se estranhar. É uma família de alcoólatras", é o que Lucas pensaria.

De cara Nicolas já vê que a família de Lucas é diferente. A casa não parece ser grande, mas é bem pintada, tem um jardim bem cuidado. A porta é aberta por uma senhora simpática, com cara de mãe (e não como a mãe perua de Nicolas). – Você é o amigo do Lucas, né? Ele está ansioso te esperando.

Lucas aparece logo atrás. – Mãe...

Nicolas entra na casa. – Com licença.

– Já almoçou? Quer uma limonada, alguma coisa? – pergunta a mãe.

– Não, não, obrigado, acabei de comer – diz Nicolas. Foi a desculpa, inclusive, para ele não precisar voltar da escola com Lucas, para não irem direto para a casa juntos e serem vistos novamente caminhando lado a lado. Nicolas disse que precisava almoçar em casa com o pai, e que tinha uma dieta específica para os treinos. Pegou o endereço e combinou de ir até a casa de Lucas de tarde, depois do almoço.

– Bem, sinta-se em casa então – diz a mãe de Lucas.

Os dois seguem para o quarto, um cachorrinho pug segue com eles. Nicolas pega o animal e senta-se na cama. Surpreende-se ao ver os pôsteres da Marvel, Muse, 30 Seconds to Mars. Sinceramente, ele esperava Lady Gaga ou Nicki

Minaj. Vê uma TV com um Play 3 num canto – faz tempo que ele não joga. Seria bacana se eles fossem de fato amigos, se ele não estivesse lá para estudar… Nicolas acaricia o cachorro, que se esparrama em seu colo.

– Gosta de cachorro? – pergunta Lucas.

– Adoro, mas minha mãe não deixava eu ter. Como é o nome dele?

– Tobias…

– Oi, Tobias. – Nicolas afina a voz e coça a barriga do animal, brincando. – Você é muito gostoso, viu? Que menino gostoso!

– Eu prefiro gato, na real – diz Lucas. – Mas minha mãe tem alergia…

– Gato é um bicho falso… você é muito mais gostoso, né, Tobias? – Nicolas continua fazendo festa no pug.

– Bom, qual matéria quer repassar hoje? – Lucas pergunta.

Nicolas dá de ombros. – A que você preferir.

– Você é que tem que saber no que tem mais dificuldade, Nicolas. Eu não sou professor. Só estou dando uma ajuda… porque o Moisés pediu.

– Desculpa incomodar, tá? – Nicola diz amargamente, soltando o cachorro. – Essa também não é minha ideia de diversão depois da escola.

– Deixa pra lá. Vamos apenas rever as últimas provas para saber no que você tem mais dificuldade. Matemática?

Nicolas faz que sim. Eles pegam as provas já corrigidas para comparar. Não há muito o que fazer, porque Nicolas não respondeu praticamente nada. Lucas tirou 8,5. Eles começam pela primeira equação, Lucas refazendo os cálculos enquanto Nicolas observa e copia do lado. O cachorro observa comportadinho deitado no chão. Nicolas não tem muita ideia do que está acontecendo, está basicamente só copiando. E Lucas parece perceber. Vai mais devagar no processo.

– Você está entendendo? Não basta apenas copiar, o importante é você *entender* o processo. Aqui…

– Olha, não precisa me tratar como burro, tá? – diz Nicolas. – Cada um se dedica a uma coisa na vida. Eu só não tenho a cabeça voltada para matemática.

– Não falei que você é burro – Lucas diz com sinceridade. – Eu mesmo não adoro isso aqui. Provavelmente se eu fosse bom em outra coisa, como você é no caratê, eu não me importaria mesmo. Mas é que não tenho nenhum talento especial. Eu só tiro oito nas provas e fico no computador.

Nicolas abre um meio sorriso. Até que Lucas é gente fina. – Então... – ele tateia para dizer. – Me desculpa por sexta. Sei que fiz um papelão. Eu não estou acostumado a beber daquele jeito. É que eu tava meio perdido naquela festa. Não conheço muita gente ainda. E o álcool ajuda a se soltar...

– Não, não, eu é que me desculpo, Nicolas. Eu não queria...

– Desculpar pelo quê? Você ainda me ajudou a voltar para casa, não foi? Eu tenho é que agradecer. E ainda aceitou me ajudar com as matérias...

– Deixa disso. Vamos voltar à prova.

Eles passam as questões, calmamente. Nicolas começa a achar que está entendendo, mas logo algo mais complicado surge e ele se perde completamente de novo. Lucas é paciente, não parece mesmo se importar com as limitações do colega. Por mais que não seja o ideal, Nicolas começa a achar que está fazendo o primeiro amigo de verdade naquela cidade.

Eles terminam no final da tarde, Nicolas tem que ir direto para o treino. Caminhando para a porta do quarto, ele agradece. – Valeu mesmo, Lucas. Você foi gente fina.

Eles se cumprimentam com um semiabraço, tocando o ombro. Lucas fica vermelho.

Nicolas aponta para o PlayStation 3.

– Qualquer dia desses quero ver teus jogos.

– Você tem Play também? – Lucas pergunta.

Nicolas balança a cabeça.

– Só joguei na casa de amigos.

– Quer levar emprestado? Na boa. Eu jogo mais no PC.

Ele balança a cabeça novamente.

– Valeu, preciso focar mais nos estudos agora, né? E ainda tenho treino todos

os dias. Por sinal, estou atrasado. Tchau, Tobias! – O cachorro vem correndo para ele e se despede fazendo festa.

Nicolas vai embora pensando que gostaria mesmo de ter aceitado o videogame. Mas acha que nem conseguiria ligar o console na única televisãozinha da casa do pai.

LUCAS NÃO PODE CONTER OS SORRISOS DEPOIS QUE NICOLAS VAI EMBORA.

Ele beija o cachorro e até o deixa lamber na cara. Nada está perdido, ele pensa. Ele e Nicolas ainda podem ser amigos, pelo menos amigos... ou *no máximo* amigos, mas podem ser. Ele não tinha ideia de como o colega receberia a sugestão do coordenador. Os dois estudarem juntos duas tardes por semana, aquilo poderia dar merda. Mas não, Nicolas é um cara legal! Legal mesmo! Tá, é meio perdidinho, não é o cara mais inteligente do mundo. Mas ainda é um cara... doce.

– Você aproveitou, hein, Tobias?! Seu danadinho! – Lucas brinca com o cachorro e se lembra do rosto sério do menino acompanhando os cálculos da prova, os olhos claros, Lucas ainda não conseguiu entender se são azuis, verdes, cinza... – aquela boca vermelha semi aberta, o nariz arrebitado. Lucas está cada vez mais apaixonado.

E a história da festa, quem diria, Lucas foi salvo pelo álcool – o álcool que o colega bebeu. Aparentemente, Nicolas não lembra de muita coisa. Melhor assim. Lucas se arrepende de ter avançado o sinal, mesmo que tenha sido só com um carinho no rosto. Amigos não fazem isso. E é isso que eles são: amigos. Lucas tem que se conformar. Já está bom demais. Já está ótimo!

Lucas fica on-line e encontra o amigo Matheus. Está louco para dividir o entusiasmo com alguém além do cachorro e ele é a melhor pessoa, seu melhor amigo, ainda que nunca tenham se encontrado pessoalmente.

– Não creio, a senhora toda cheia de dedos com o boy e o diretor te entrega de bandeja! – Matheus comenta.

– Rá-Rá-Rá, foi o coordenador. Mas, nossa, ele é muito fofo. Precisa ver a cara de cachorrinho perdido dele aqui, deitado na minha cama.

– Deitado na sua cama?! Bicha, a senhora é destruidora mesmo!

– Rarará, para de besteira, Matheus. Na cama estudando, digo.

– Estudando biologia?

Matheus não se cansa de tirar sarro. Lucas não liga, é o jeito do amigo. E hoje ele está de ótimo humor e os dois podem rir juntos.

– Ai, mas não tirou foto do boy? Quero saber se é tudo isso que você fala – diz Matheus. – Manda nudes!

– Kkkk, palhaço.

– Sério, nem uma selfie?

– Claro que não, né? Ia dar uma de mané falando: "Ei, vamos tirar uma selfie estudando matemática?"

– Tirasse disfarçadinho, fingia que tava mandando uma mensagem...

Lucas pensa nas fotos que encontrou da festa de Marcos. Resolve ceder.

– Tá. Eu encontrei uma foto dele no Insta. Vou te mandar. Mas não é para sacanear!

– Obaaaa!

Lucas escolhe a melhorzinha, aquela que ele recortou, tirando o Marcos e deixando só Nicolas no centro do quadro. A foto não consegue capturar todo o charme do menino, ao vivo ele é ainda mais bonito, mas vai servir. Lucas anexa a foto e manda para Matheus. O amigo leva alguns segundos...

– KKKKKKKKK! – Matheus ri solto.

– Você disse que não ia sacanear – responde Lucas.

– Não disse nada! KKKKKKK!

Lucas suspira. Já se arrependeu de ter mandado a foto para Matheus. Ele não leva nada a sério mesmo. E aquele assunto é muito íntimo, muito delicado para ele, talvez ele não devesse ter-se aberto com Matheus, que afinal é um estranho. Eles nunca se encontraram pessoalmente. Capaz de Matheus vir com olho gordo...

– Bicha... – Matheus responde depois de rir um pouco. – Eu conheço esse boy! É o Nico, ele era da classe do meu irmão!

Não pode ser, muita coincidência.

– Você está de zoeira, Matheus.
– Não tô, juro! E tenho muito mais coisa pra te contar. Tá sentado?

“ESFORÇAR-SE PARA A FORMAÇÃO DO CARÁTER!”

– Fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão! Criar o intuito de esforço! Respeito acima de tudo! Conter o espírito de agressão!

Todos os alunos gritam o lema do caratê, mas os olhos do sensei estão fixos nos de Nicolas. Ele sabe que o lema está certo, tanto na vida como no esporte, até porque não dá para ser um atleta de sucesso com uma vida desregrada. Mas saber e seguir são coisas muito diferentes. Esforçar-se para formar o caráter não garante que o caráter se forme. Ser fiel é fácil, o difícil é saber qual é o verdadeiro caminho da razão. Esforço e respeito não faltam a Nicolas, mas até que ponto o espírito de agressão deve ser contido para que um homem seja considerado HOMEM, forte, corajoso, destemido?

Nos últimos dias, Nicolas passou a duvidar da sua capacidade. Nos últimos dias, Nicolas tem se deparado frente a frente com suas... limitações. Será que ele pode ser um homem íntegro, forte, respeitado, um HOMEM de verdade? Ou será que sua própria natureza já o deixou incapacitado? Nicolas é gay e nunca vai poder mudar. O quanto isso vai influenciar na sua vida, nos seus sonhos, nas suas escolhas além de quatro paredes?

Termina a aula e o sensei chama Nicolas novamente no escritório. É a primeira aula que ele fez na academia, desde o ‘‘incidente’’ com Mathias. Na segunda-feira, o sensei pediu para ele não vir.

– Obrigado por me deixar voltar, sensei – diz Nicolas antes de tudo.

O professor assente. – Você é um bom menino, Nicolas. Um ótimo aluno. Mas precisa colocar a cabeça no lugar, ou não vai ser nada além disso. E já está na hora de você deixar de ser menino, de virar um homem e um atleta.

Nicolas abaixa a cabeça. Ele não tem certeza do que o sensei quer dizer. ‘‘Virar homem’’, talvez nunca seja para ele. Ele quer, quer seguir o verdadeiro caminho da razão. Gostaria de se abrir com o sensei e pedir o mapa, ou pelo

menos as indicações básicas, virar à direita ou à esquerda, mas acha que nunca poderá misturar aqueles mundos. O Nicolas atleta, forte, masculino não pode apresentar o Nicolas sensível, carente, delicado... imagine se todos na academia soubessem. Ele nunca mais conseguiria respeito. Ficaria até constrangido em dividir o vestiário com os outros meninos. Nunca se sentiria à vontade. Sua sexualidade é algo que só pode mesmo ficar entre quatro paredes. Mas sem nem uma porta, nem uma janela, como outro menino poderia entrar?

– Por sorte o pai do Mathias é um idiota – continua o sensei. – Ele trouxe o garoto aqui ontem, por isso eu pedi que você não viesse. Veio me passar um sermão porque estava me PAGANDO para eu ensinar o filho a bater nos colegas, não o contrário. Disse horrores do filho na frente dele, que, se fosse para o moleque aprender a ser homem na porrada, ele mesmo batia, não precisava da academia para isso.

– Ui... – Nicolas solta sem controle. Já está dando pinta.

– Pois é, eu disse então para ele procurar um psicólogo... pra ele e pro filho, que minha academia não ia se prestar a esse serviço. Aquela família tem grandes problemas para resolver e não vai ser aqui, ainda mais na porrada.

Nicolas tenta conter um sorriso. O sensei é um grande cara. Ele quase tem vontade de se abrir...

– Eu sei que você está passando por um momento difícil, Nicolas. Mudança de cidade, problemas em casa, todas as questões da adolescência e mais suas dúvidas pessoais...

Nicolas se adianta. – O problema nem é tanto as dúvidas, são as novas certezas...

O sensei estende a mão interrompendo.

– Sua vida pessoal não me interessa. Eu sou budista. Convivo com atletas evangélicos, católicos, ateus. Tenho um colega faixa preta que, acredite, gosta de apanhar da esposa. O que eu quero é que você tenha respeito pelo outro, seja íntegro consigo mesmo e comprometido com o que se propôs. Você está comprometido em ser carateca?

– Sim, sensei, com certeza. – Se há uma dúvida que Nicolas não tem é essa.

– Então o resto não importa para mim. Seja o melhor carateca que puder, e você já será um grande homem.

De repente Nicolas não sente a necessidade de dizer mais nada.

LUCAS ENTRA NA SALA E JÁ ENCONTRA NICOLAS SENTADO.

Eles cruzam olhares. Nicolas o cumprimenta com um leve aceno de cabeça. Deve ter vergonha de os colegas saberem que eles são amigos, colegas, o que seja. Lucas corresponde e vai para seu lugar. Sentado lá, só consegue ver as costas de Nicolas, a nuca, as pernas novamente nuas saindo da bermuda.

Não pode ser, não pode ser, Lucas pensa. Será que tudo o que Matheus contou é verdade?

– Kkkkk, eu conheço ele, Lucas. E ele é gay, certeza! – disse Matheus no dia anterior, enquanto conversavam on-line.

– Cê tá de sacanagem, Matheus. Se tem alguém que não tem NADA de gay é o Nicolas.

– Ai, coitadinha da senhora, tão inocente – caçoa Matheus. – Precisa mesmo cair no mundo gay para ver como são as coisas... esses bofes bombados na cama é que são...

– Matheus, mais respeito com o Nicolas, tá?

– Ui, ui, já tá defendendo o namoradinho...

– Para de zoeira e conta logo. Você conhece mesmo ele? Que história é essa?

– Conheço, conheço, bicha. Ele estudava no mesmo colégio que eu, colega do meu irmão mais novo, te disse. Ele era um moleque magrelo, todo delicadinho, meio afetado, que sofria horrores na mão dos outros. Meu irmão mesmo vivia tirando com a cara dele, como se não soubesse da bicha aqui que morava na mesma casa com ele, né? Meu irmão sempre foi invocadinho...

– Você deve estar se confundindo...

– Não estou não. Parece que até foi pego no banheiro com um coleguinha da turma dele. Mas isso eu não posso dar certeza, só conheço os boatos.

– Como você fala merda...

– Tô te contando o que eu sei. Talvez eu até consiga uma foto antiga dele com meu irmão. Preciso dar uma procurada.

– Mas como ele pode ter mudado tanto assim? Ele não tem nada de magrelo e nada de afeminado, te digo.

– Bom, quando eu me formei no colégio ele já estava bem mais saradinho. Não tava bombadão como na foto que você me mandou, mas já estava mais fortinho, arrumando treta com os caras que zoavam dele. Eu não sabia dessa história do caratê. Mas agora tudo faz sentido. Ele deve ter começado a treinar para escapar do "bule", kkkk.

– Nah, não... Cê tá viajando.

Lucas desconectou ainda meio descrente. Matheus é cheio de histórias. De repente estava com ciúmes... bom, se estava com ciúmes não ia dizer que o outro era gay. Deve ter se confundido, claro. Com um loiro qualquer... um Nicolas qualquer... um loiro chamado Nicolas... não é tão comum, mas não é TÃO raro. Pode ser...

Então logo de manhãzinha Lucas acordou e encontrou uma foto que Matheus enviou tarde da noite. Era mesmo Nicolas, mais novo, bem mais magro, bem mais... delicado, mas era Nicolas, não tinha dúvidas. Lucas nunca confundiria aquela boca vermelha naquele rosto pálido. Aqueles olhos de cachorrinho perdido...

Agora, sentado na sala de aula, Lucas olha para as costas largas do amigo... do colega... de Nicolas, e imagina tudo pelo qual ele pode ter passado. Ele era como eu, antigamente, pensa Lucas. Será que é gay mesmo? Um menino daqueles? É bom demais para ser verdade. Mas Matheus me garantiu. E Matheus entende bem dessas coisas...

O que eu faço agora?, pensa Lucas. No dia seguinte, Nicolas vai estudar novamente na casa dele. Aquele menino vai deitar-se na cama dele, abrir o caderno, rever os exercícios, brincar com o Tobias... será que ele conseguirá levar tudo normalmente sem contar o que sabe? Queria tanto poder perguntar se Nicolas é realmente gay. Não que ele tenha *chances* com ele. Não é porque dois

meninos da mesma idade, na mesma classe, dois amigos são gays que eles necessariamente precisam namorar, ou ficar, que seja. Nicolas poderia ter algo muito melhor, nunca que ficaria com Lucas. Mas... ao menos tinham uma ligação mais íntima agora, algo para compartilhar. Como Lucas arrumaria coragem para tocar no assunto?

LUCAS SEMPRE COMEU NICOLAS COM OS OLHOS, MAS HOJE ESTÁ DEMAIS.

Nicolas se sente incomodado. Ele sabe que Lucas é gay. Sem problemas, ele também é. Mas não precisa ficar dando em cima descaradamente. Até porque Lucas não sabe de nada. Nicolas nunca deu pinta nem abertura. Ele se esforçou muito para controlar os trejeitos, para ficar mais masculino, treinou e malhou para esconder qualquer traço de feminilidade. Não tem por que o Lucas ficar secando-o dessa forma.

Tobias salta na cama pedindo carinho e Nicolas afaga levemente a cabeça do cachorro, contendo-se.

– Nico... você tem namorada? – enfim Lucas pergunta.

Nicolas suspira. – Que pergunta é essa, cara?

Lucas dá de ombros. – Só pra saber. Não deixou nenhuma gatinha lá em São Paulo?

"Gatinha"? Nicolas sabe que Lucas não é chegado naquilo, capaz até de ter alergia também, e tenta simular casualidade, quando na verdade está interessado mesmo em saber se ele está disponível ou não.

– Deixei várias "gatinhas" em São Paulo. – Deixei também gatinhos, meu skate, esqueci minha bermuda favorita, pensa Nicolas. – Não estou na fase de me prender. Meu foco agora é o caratê... e os estudos. Vamos voltar para a prova?

– C-claro, claro. É que acho que a Íris está a fim de você, sabe? Aquela japinha... eu vi a forma como ela te olha. Achei que devia te dar um toque.

– Me dar um toque? – diz Nicolas.

– Te avisar!

Nicolas suspira.

– Malucas, o que não falta é gatinhas a fim de mim... – ele diz aquilo na

maior sinceridade, mas sabe o quanto pode soar pretensioso. Não faltam gatinhas para ele, os gatinhos é que estão sempre escondidos, no armário. Ele não sabe onde estão. O que ele não precisa mesmo é de Lucas dizendo que tal e tal menina estão a fim dele.

– Não me chame de Malucas – diz Lucas.

– Desculpe – Nicolas se desculpa com sinceridade. Mas que é um apelido engraçado, isso é.

Lucas passa mais um pouco a prova com ele, então volta ao assunto.

– Que menina da classe você acha mais gostosa?

– Lucas, que papinho é esse?! Até parece que VOCÊ é chegado em mulher…

Lucas gagueja um pouco, tenta verbalizar desculpas, decide se entregar. – É… não sou, por isso fico curioso… tipo… de que menina um cara como VOCÊ gostaria?

Nicolas se levanta, irritado.

– Olha, eu vou indo. Tenho treino mais cedo hoje.

– Mas a gente nem terminou de repassar a prova!

– É, mas do jeito que você está concentrado a gente vai terminar de madrugada. Semana que vem a gente retoma.

– Tá bom…

Nicolas sai do quarto e da casa de Lucas sem olhar para trás.

“TALVEZ VOCÊ ESTEJA CERTO, MATHEUS. TALVEZ NICOLAS SEJA MESMO GAY.”

– Talvez nada, bicha. Tá duvidando de mim? Tô te falando, essa Coca é Fanta.

Lucas segue noite adentro teclando com seu melhor amigo… seu amigo virtual… seu único amigo.

– Fiquei reparando nele, depois que você falou. Ele até que se contém, mas vez ou outra tem um trejeito, um jeitinho mais delicadinho…

– Isso é o de menos, Lucas. Acha que toda bicha precisa ter trejeito? As mais discretas é que são as mais bafônicas!

– Pode ser, pode ser. Mas o que eu faço agora? Tentei tocar no assunto com ele, com jeitinho, e ele ficou todo irritado, saiu correndo daqui.

– Dá para entender, do jeito que a bicha sofreu no colégio antigo, a última coisa que ele deve querer é passar o mesmo aí.

– Mas eu também sou! E a gente podia…

– Ah-há! Até que enfim a senhora admitiu para si mesma, hein? Demorou!

– Para de me irritar, Matheus! Estou falando é que comigo ele pode se abrir…

– Quer que ele se ‘‘abra’’ pra você? Eu jurava que você é que queria…

– Para, Matheus!

– Ai, calma, calma. Só estou querendo deixar o assunto mais leve. O problema é que você acha que só por vocês serem gays – e ele ser um *bofescândalo* – vocês precisam ser amigos. A verdade é que vocês não têm nada a ver, boneco.

– Isso é… bom, a gente ser gay numa cidadezinha dessas, na mesma classe, já não é alguma coisa?

– É alguma coisa. Não sei se é o suficiente.

– É… também não. Mas…

Lucas se abstém de fazer mais comentários. Não quer aborrecer o amigo com sua paixonite irracional. Há limites para a amizade, principalmente para a amizade virtual. O que ele sente realmente tem que ficar com ele. E o que ele sente realmente é que Nicolas é o único, o melhor, a maior paixão de sua vida. Se não for com ele, será com quem? Se não for com ele, qualquer outro não chegará nem aos pés. Esse é o problema, Lucas descobriu sua sexualidade com um garoto perfeito demais.

– Boa-noite, Matheus. Desculpa te encher o saco.

– Deixa disso, bi. Fica bem. As coisas vão todas se ajeitar. Não vão faltar meninos caindo aos seus pés, pode acreditar.

NICOLAS FINALMENTE TEM UM JANTAR SENTADO À MESA COM O PAI.

Já estava preparado para comer seu peito de frango com batata-doce, mas o pai apareceu com uma lasanha congelada. – Que tal variar um pouco, só hoje?

Nicolas pensa em sugerir um meio-termo. De repente pode até arriscar fazer um frango tailandês para o pai. Bem, não custa dar o braço a torcer uma vez na vida. O pai está se esforçando. Eles esquentam a lasanha no micro-ondas enquanto Nicolas põe a mesa. O pai não está bebendo, ainda que já tenha chegado em casa com hálito de cachaça.

– Como estão as coisas no trabalho? – Nicolas puxa assunto quando começam a comer.

O pai dá de ombros. – Igual todo dia. Um acidente aqui, um motorista bêbado lá...

Nicolas assente. O pai tem um trabalho pesado nas estradas, com horários irregulares. Não deve ser fácil. Talvez seja preciso mesmo beber toda noite, depois do trampo, para relaxar.

– Eu devo pegar a faixa preta em breve – ele explica. – Daí acho que consigo dar umas aulas, ao menos como auxiliar, vou conseguir ajudar aqui em casa.

O pai abre um sorriso triste para ele.

– Filho, não se preocupe com isso. Termine os estudos, pense numa faculdade. Pode ser de educação física, por exemplo, já que você gosta tanto de esporte. Mas pense na sua formação, não queira terminar como seu pai...

– Para com isso, pai! Qual é o problema de terminar como você? Você tem seu trabalho, paga suas contas, sustenta seu filho, pare de ter tanta pena de si mesmo.

O pai abaixa a cabeça, envergonhado.

– Se você detesta tanto sua vida, então tente mudar. Comece a procurar outro

emprego, pare de beber com essas periguetes, faça algo da sua vida. O que não adianta é ficar se lamentando. Você tem saúde, independência, não tem nada que te prenda.

– Meu Deus... você está igualzinho a sua mãe... – O pai suspira.

Depois do jantar, Nicolas deita-se em seu quarto abafado e pensa em ligar para o Silas. Não, o que ele vai falar com ele? Tem que deixar para trás mesmo. O que ele esperava do amigo é algo que ele nunca vai ter. É tocar a bola para a frente. Ele ainda vai conhecer um menino que corresponda a seus sentimentos. Pensa nos colegas da escola, passa mentalmente de um por um. Tem o Marcos. O Marcos é mesmo bonitinho... mas é outro sem chance. De jeito nenhum que o Marcos é. Nicolas se lembra de um ou outro menino que viu na festa, quem sabe... no caratê ainda não conheceu nenhum cara interessante. Bem, no caratê não é o melhor lugar mesmo para procurar... namorado. É um namorado que Nicolas quer? Imagina tentar esconder sua sexualidade com algo acontecendo de fato. Seria bem mais complicado. Não, não, Nicolas não quer arrumar mais essa confusão. Só não queria se sentir tão sozinho...

Nicolas pensa então no Lucas. Ele é gay, até já se assumiu para ele. Provavelmente o único gay que Nicolas conhece naquela cidade, só que não tem como Nicolas se abrir de volta. A forma como Lucas o come com os olhos, ele iria tentar tirar vantagem se Nicolas se revelasse. Ele iria pensar que há a possibilidade de eles serem algo mais. Por isso nem amigo de verdade eles podem ser. Não, sem chance.

NICOLAS, QUERIA CONVERSAR A SÉRIO COM VOCÊ.

Bom, antes de tudo eu quero que você saiba que pode contar comigo como AMIGO, amigo de verdade, embora a gente tenha se conhecido há pouco tempo. Sei que não sou o cara mais popular do colégio, mas sou um amigo fiel, e se você me der uma chance não vai se arrepender. O que quero te falar é que sei do seu segredo. Quer dizer, eu sei que você é homossexual, se é para usar essa palavra. Tenho um amigo que te conhece do seu colégio antigo em São Paulo. Ele me contou tudo o que você passou lá, e eu te entendo. Não precisa se preocupar, porque o seu segredo está seguro, claro. Eu só queria que você ficasse à vontade comigo. Pode não parecer, mas a gente tem muita coisa em comum, e poderíamos ser amigos, amigos íntimos de verdade, não apenas colegas de estudo. Eu gostaria. Gostaria muito. Você é muito especial para mim, pelo pouco que a gente se conhece. Promete que pensa com carinho nisso? Não precisa me responder na escola, claro, para não dar na vista. Pode ser na minha casa na próxima terça, ou antes mesmo por e-mail. Por e-mail é melhor, não acha?

Lucas ensaiou, digitou, apagou e redigitou a carta para Nicolas. Não tinha o e-mail dele, então tinha de entregar pessoalmente. Deixou para o final da aula de sexta, depois de passar a manhã toda, como de costume, olhando para as costas, para as batatas da perna do colega. Aquilo estava ficando insuportável. Eles precisavam conversar. Ele precisava deixar tudo claro. Ele sabia de Nicolas, ele também era gay, ele estava apaixonado. Não... não era boa ideia. Ele não tinha chance alguma com Nicolas, era óbvio. Ele só precisava deixar claro que sabia sobre ele. E que aquilo não era nada de mais, era tranquilo, os dois eram parecidos, podiam ser amigos. Sim, podiam ser amigos, podiam conversar sobre suas dúvidas, sobre meninos, sei lá. Era tudo o que ele poderia esperar. Se tentasse avançar o sinal – como na noite da festa – Nicolas se afastaria de vez. Ele tinha de levar tudo com leveza, conquistar a amizade. Daí, quem sabe,

algum dia, de repente com o tempo, Nicolas poderia sentir algo mais por ele. Era bem improvável, Lucas tinha consciência, só não era impossível. E amizade já era bom demais. Se pudessem ser amigos, melhores amigos, confidentes, já seria lindo.

– Olha, tenho uma anotação para você – diz Lucas, já trêmulo, entregando a carta dobrada no final da aula.

– Ui, ui, ui, Malucas decidiu se declarar finalmente! – diz Vinícius quase acertando na mosca.

Lucas suspira. Esperava tanto poder ter entregado discretamente, como se não fosse nada de mais.

– É só uma lista de exercícios, bobão.

– Sei, sei... kkkk – diz Vinícius zombando. Nicolas olha feio para ele e Vinícius fica quieto.

NICOLAS SEGUROU O BILHETE RECEOSO DE LER.

Ele já imaginava o que iria encontrar. Lista de exercícios uma ova! Aquilo era uma declaração de amor. Lucas estava passando dos limites – será que Nicolas já não deixou bem claro que não havia abertura, não havia interesse, não tinha a menor chance? O que se passava na cabeça daquele moleque? Nicolas estava se esforçando para eles se darem bem. Lucas até que era gente fina, e o estava ajudando nos estudos. Mas isso não dava a ele liberdade de tentar algo mais. Imagina, nunca, nunca que Nicolas ficaria com ele, nem que fosse o último garoto do mundo. Tá, talvez se fosse o ÚLTIMO, mas antes disso haveria muitas outras opções. Se Lucas conhecesse o Silas, se soubesse de quem Nicolas era realmente a fim, nunca que se atreveria a tentar algo.

Já saindo da escola, Nicolas teve enfim coragem de desdobrar o bilhete e ver o que havia lá dentro. *Nicolas, queria conversar a sério com você.* Ele começou a ler e localizou Lucas lá na frente, indo embora descendo a rua. S*eu segredo está seguro, claro. Eu só queria que você ficasse à vontade comigo...* Nicolas avança pelo bilhete e não acredita no que está lendo. Ele estava preparado para uma declaração de amor, mas aquilo é muito pior. Aquilo é... é... CHANTAGEM?! Sim, é isso, Lucas teve a coragem de chantageá-lo!

Ele sabe de tudo. De alguma forma ele descobriu. Conseguiu localizar um antigo colega de Nicolas e ouviu todas aquelas histórias que o perseguiram no colégio antigo. Filho da puta. Agora está usando isso para se aproveitar. Quer que Nicolas fique *à vontade com ele*, quer que sejam *amigos íntimos*. Se aquilo não é chantagem, o que é?

Nicolas corre para alcançar Lucas.

– Que você tem na cabeça?! – Ele surpreende o menino puxando-o por trás, pelo ombro.

– O-oi? Que foi, Nicolas? Viu meu bilhete?

– Sim, eu vi seu bilhete, seu cuzão! Não tem coragem de falar na minha cara e vem me chantagear com bilhetinho, né?!

– Não! Que é isso! C-cara... você entendeu errado! E-eu...

– Quem você pensa que é pra ficar investigando a minha vida? Eu mudei de cidade, larguei tudo pra começar do zero. Não vou deixar um CDFzinho como você estragar tudo!

– Ni-Nicolas, eu não fiz por mal, eu só...

Então eles percebem que não estão sozinhos na rua.

– Rá-Rá-Rá, finalmente o Nicolas resolveu dar um chega pra lá no Malucas! – diz Vinícius se aproximando.

– Eu já estava achando que tinha alguma coisa aí... – diz Ulisses com um sorriso maldoso.

Nicolas se vira tentando entender o que os meninos ouviram. – Deixem disso, o assunto é entre mim e o Lucas.

Mais meninos vão se aproximando, todos com sorrisos maldosos. – Sussa, Nico, há muito tempo que esse viadinho estava merecendo uma coça – diz Vinícius.

– É. Vocês não são namoradinhos, né? – pergunta Ulisses. – Eu acho que você tinha mesmo que dar um corretivo nele para acabar com essa dúvida...

Nicolas respira fundo. Aquilo está saindo completamente do controle.

– Eu não tenho que provar nada para ninguém, entendeu?! Fora daqui que quero terminar meu assunto com ele.

– Hum... isso me parece suspeito – continua Ulisses. – Quer ficar a sós com o viadinho?

– Sou viadinho mesmo! – diz Lucas numa súbita explosão de coragem. – Sou viado! Não tenho vergonha! E nem você, nem o Nicolas nem ninguém tem nada com isso!

Vinícius cai na gargalhada. – A bicha tá histérica! Kkkkkk!

Outros meninos se aproximam, não com tanto senso de humor.

– Se essa bicha quer levar pau, é isso que vai ter!

E um passa uma rasteira em Lucas, que cai no chão, outros se aglomeram, chutando.

Nicolas se adianta.

– Ei! Para com isso! Que vocês têm na cabeça?!

Vinícius e Ulisses o seguram.

– Fica fora disso, cara. Deixa a bichinha apanhar, que vai ser bom pra ele – diz Vinícius.

Nicolas vê meia dúzia de meninos se juntando e chutando Lucas, que fica caído no chão, encolhido, tentando proteger a cabeça com as mãos. Aquilo é demais. O que aqueles moleques estão pensando? Tudo um bando de frangos, que juntos se acham os fodões por atacarem um colega indefeso. Um colega da classe deles, que assiste à aula todo dia logo ao lado, que está sempre quieto num canto e nunca fez mal pra ninguém. Que está apanhando só por não conseguir esconder aquilo que Nicolas sempre tentou camuflar…

– Já chega! Chega! Parem com isso! – Nicolas diz se desvencilhando dos colegas.

– Não defende a bicha que fica pior pra você – diz Ulisses. Nicolas olha bem nos olhos dele, sabe que não deve fazer isso, mas não se contém. Acerta um soco bem nos dentes do moleque gorducho.

Ulisses se dobra cuspindo sangue. Pronto, acabei de colocar mais um pra lista, lamenta-se Nicolas. Ele avança desferindo socos entre a roda de meninos que chuta Lucas. Leva um tapa na cara, mas é um tapa mole e sem jeito. Outro vem puxar seu cabelo. São todos desajeitados e Nicolas não tem dificuldade em acertar um soco no estômago de um, chutar outro para longe. Os meninos mais espertos logo se afastam.

– Suas bichas, que vocês morram de AIDS! – diz um deles que foge para longe.

Nicolas ajuda Lucas a ficar em pé.

– Você está bem, cara? Deixa eu ver. Tá tudo bem?

Lucas afasta Nicolas com um empurrão. – Sai daqui! Não quero te ver nunca

mais! Eu te odeio! TE ODEIO!

Lucas foge correndo na direção contrária dos outros meninos. Nicolas fica sozinho, parado no meio da rua. Suas mãos doem. Ele olha para os nós dos dedos e vê marcas de sangue, um dente fincado. Em poucos dias conseguiu conquistar o ódio de todos os colegas, e principalmente do, quem sabe, primeiro novo amigo. Parabéns, Nicolas. Você está seguindo o lema do caratê à risca. SÓ QUE NÃO!

PARTE IV

LUCAS, NICOLAS, MATHEUS E LAÍS

MATHEUS SE REMEXE NERVOSO NA PORTA DA CASA.

Não sabe se aquilo foi uma boa ideia. Pediu emprestado o carro da mãe, pegou estrada, dirigiu mais de três horas e chegou à frente de uma casa aonde nunca tinha ido, de um amigo que ele só conhecia virtualmente. O amigo nem sabe que ele viria, ele nem foi convidado. Agora é tarde demais, já tocou a campainha e já escuta passos do outro lado.

– Boa-tarde... meu nome é Matheus, sou amigo do Lucas. Vim fazer uma visita, se não for incômodo – Matheus diz estendendo a mão para cumprimentar a senhora que abre a porta, provavelmente a mãe de Lucas.

– Que ótimo! Lucas está tão tristinho com o acidente. Vai ser bom ele ter um pouco de companhia.

– Acidente...?

– Isso, não ficou sabendo? Ele caiu de bicicleta. Parece que um carro passou feito louco dando fechada. E a gente acha que nessa cidade nossos filhos vão ter mais segurança... por sorte ele só ficou um pouco roxinho, mas perdeu a bicicleta.

– Que chato... – diz Matheus já entrando na casa. Então foi essa a história que ele contou para os pais. Ontem de noite, Lucas contou outra história on-line para ele.

– Você é colega da escola dele?

– Não, sou... do clube – diz Matheus desconcertado. Por algum motivo fica sem graça de dizer que é apenas "um amigo virtual que veio de São Paulo".

– Do clube? – questiona a mãe.

– O clube de games, que ele joga... a gente joga on-line...

– Ahh – a mãe diz abrindo um sorriso. – Eu me esqueço que a garotada jovem se conhece toda assim, pela internet. Lucas fica horas trancado naquele

quarto e para mim é como se ele passasse horas sozinho. Que bom que pelo menos hoje vocês podem jogar um pouco juntos – a mãe acrescenta, piscando para Matheus.

Na verdade, ele nem é fã de games, mas sabe que Lucas gosta. De certa forma é mais fácil a mãe comprar que os interesses que eles têm em comum são os games, e não MENINOS.

Ele acompanha a mãe até a porta do quarto de Lucas. Ela bate. – Lucas? Você tem uma visita.

Matheus entra no quarto e vê Lucas deitado na cama, enrolado nos cobertores com um cachorrinho pug. Ao vê-lo, Lucas instantaneamente levanta-se da cama.

– Matheus? Que você está fazendo aqui?!

– Lucas! – a mãe diz brava para ele. – Não seja mal- educado. Seu amigo veio ver como você está. Fique à vontade, Matheus. – Ela sai e fecha a porta.

A sós, Matheus olha o amigo pela primeira vez. É mais baixo do que ele pensava, parece mais novo – embora a diferença de idade entre eles não seja tão grande –, porém o que chama mais a atenção é o olho roxo, os hematomas.

– Fiquei preocupado com você, Lucas. Achei que podia estar precisando de um amigo... um amigo de verdade.

Lucas sorri um sorriso torto. Seu lábio também está inchado.

– Valeu. Falei para meus pais que tinha caído da bicicleta.

– Sua mãe me contou...

– Como você chegou aqui, afinal?

– Carro da minha mãe. Ela está acostumada a eu pegar emprestado no fim de semana, pra sair pra balada. Ela só não sabe que eu peguei estrada...

– E onde arrumou meu endereço?

– Ué, eu tinha de quando te mandei aquele livro do David Levithan, lembra? Que você nunca leu? Ficou chateado que eu vim, Lucas?

– Não, não, só estou surpreso mesmo. Foi legal você ter vindo.

Matheus se senta na cadeira em frente ao PC de Lucas. O pug desce da cama

e o olha com curiosidade. Então é dali que eles se falaram todo esse tempo. Já faz o quê, quase um ano? Daquela casa, daquela cidade, daquele ponto no mapa que ele nunca conheceria se não fosse por esses encontros fortuitos que a internet proporciona. Mesmo com o endereço, ele levou um bom tempo rodando, se perdendo, tentando achar no GPS. Matheus olha ao redor, pôsteres de Lady Gaga, Muse e 30 Seconds to Mars, pilhas de revistas em quadrinhos, os games… é um quarto de menino, ainda, adolescente. Lucas está naquela fase da vida, das mudanças, entre ser o que os pais esperavam e tornar-se si mesmo, assumir seus gostos e seu rumo.

– Não vai contar nada para seus pais? De repente é bom, Lucas, eles podem ajudar. Você não pode deixar que seus colegas continuem assim. Eles passaram do limite…

– Está tudo bem, Matheus. Acho que não vão fazer mais nada depois do que aconteceu.

– E o Nicolas? Francamente, bicha, que ideia foi essa de entregar bilhetinho?

– Pois é, não deu muito certo. Achei que por escrito eu conseguiria dizer direitinho o que eu estava pensando, sem mal-entendido.

– Quanto você tem tirado nas redações mesmo? – Matheus caçoa.

– EU tenho ido bem. Só acho que o Nicolas é que não é muito bom de leitura.

– Bom, isso é óbvio… – Matheus faz carinho no cabelo do amigo. Está feliz de finalmente conhecê-lo.

NICOLAS SE REMEXE NERVOSO NA PORTA DA CASA.

Está tentando fazer o que é certo. Chega de medos, chega de covardia. Ele sabe o que deve fazer. Vê a bicicleta lá, ainda presa ao portão, cheia de cadeados. Toca a campainha.

Tavares, o pai de Marcos, atende. – Opa! Nicolas, não é? Estamos de saída para um churrasco, mas entre, entre...

– Você não é mais bem-vindo aqui – Marcos diz surgindo atrás do pai.

– Que é isso, Marcos? Isso é jeito de receber seu amigo?!

– Ele não é meu amigo. Não recebo na minha casa quem bate nos meus amigos.

Tavares olha sem graça do filho para Nicolas, parado na porta, sem saber o que fazer.

Nicolas quebra o silêncio.

– Eu não vim fazer uma visita. Só vim buscar a bicicleta do Lucas, que vocês roubaram.

– Espere aí – diz Tavares se irritando –, você está acusando meu filho de roubo?

– Eu não *roubei* nada, foi a galera que prendeu aí, foi só uma brincadeira.

– Marcos – o pai diz cada vez mais vermelho –, você tinha me dito que o Lucas tinha *emprestado* a bicicleta para você...

Marcos dá de ombros.

– Então agora a brincadeira acabou e você vai soltar a bicicleta daí, para eu devolver para ele – continua Nicolas.

Marcos torce a boca ironicamente. – Eu nem tenho a chave desses cadeados...

– Então nós vamos trazer um chaveiro aqui e você vai pagar para abrir.

Marcos o olha com desprezo. – Olha aqui, moleque. Só porque você é faixa preta e o caralho acha que pode chegar aqui na cidade botando banca, batendo

em todo mundo, mas EU não tenho medo de você.

– Marcos! – diz o pai rispidamente. – Você vai ligar para o chaveiro e soltar essa bicicleta agora mesmo. E o dinheiro vai sair da sua mesada.

Marcos suspira. Não tem medo de Nicolas, mas tem medo do pai, ou de perder a mesada de vez. – Tudo bem…

Menos de uma hora depois, o chaveiro solta o último cadeado e a bicicleta está livre para Nicolas levá-la. Ele a empurra para longe da casa sem olhar para trás.

Quando está montando para pedalar, escuta Marcos dizer por suas costas: – É por isso que ninguém gosta de gay.

Nicolas se vira. – Como é que é?

Marcos sustenta a cabeça erguida. – É isso mesmo. Vocês querem ser respeitados, mas não respeitam ninguém. Sempre ficam bancando as vítimas e acham que por isso podem sair por aí agredindo quem quiser.

Nicolas franze a testa e pensa no que fazer, como revidar. É inútil. De certa forma Marcos está certo – não foi o que ele sempre fez? Agrediu antes que agredissem. Quis impor respeito na força. Porém Lucas nunca teve essa oportunidade. Lucas sempre teve de aceitar as agressões de cabeça baixa.

Nicolas se vira de volta e sai pedalando. Não vai mais perder tempo com Marcos. Ele precisa fazer o que é certo. Por Lucas.

LUCAS TEM O OLHO INCHADO, O CORPO DOLORIDO E SUA CABEÇA É UMA MISTURA DE MEDO, VERGONHA E TRISTEZA.

Ainda assim, ele sente uma nova certeza que nunca sentiu antes. Ele começa a entender quem ele realmente é. Não apenas pelo que aconteceu nos últimos dias, pelo que assumiu na frente dos colegas e para si mesmo, mas por poder falar abertamente sobre tudo isso com Matheus, ali, no quarto com ele. Acima de tudo, Lucas percebe a falta que estava fazendo um amigo de verdade.

– Isso tudo vai passar, Lucas – diz Matheus. – Daqui a alguns anos você estará morando em São Paulo, no seu próprio apartamento, namorando um boy magia, passando as férias no Caribe, e seus colegas aí vão estar barrigudos, casados, coxinhas, fazendo churrasco na laje no final de semana...

– No Caribe não, detesto praia. Pode ser em Londres?

Os meninos estão rindo quando ouvem uma batida na porta. A mãe aparece.

– Lucas, outro amigo seu veio te visitar!

Atrás dela surge Nicolas, tímido, com as mãos nos bolsos. – Oi, Lucas. Só vim trazer sua bicicleta...

– Nicolas! – Matheus exclama, surpreso em ver o antigo colega do irmão.

– Matheus?! – diz Nicolas, sem entender o que aquele menino faz ali. Tobias desce da cama e sai correndo para fazer festa em Nicolas.

– Uma graça da sua parte, Nico – diz a mãe interrompendo os questionamentos. – O Lucas tinha dito que a bicicleta tinha ficado imprestável depois do acidente. Achei que já estava no ferro-velho.

– Do acidente...? – Nicolas diz sem entender.

– É, bem, acho que não se pode chamar de *acidente* – emenda a mãe –, aquilo foi tentativa de homicídio! Mas eu ainda vou descobrir a placa daquele carro. Alguém deve ter visto, anotado. Alguma câmera...

– Não, mãe, tudo bem – Lucas se adianta. – Eu também estava andando no meio da rua... na contramão...

A mãe olha feio para Lucas.

– Isso você não tinha me dito, hein?

Lucas dá de ombros.

– Bom... – diz Nicolas. – Eu... eu consegui dar um jeito na bicicleta...

– Ai, eu amo esse menino! – a mãe de Lucas diz beijando o rosto de Nicolas, que fica vermelho. Pelo jeito o seu encanto funciona até com as mães, pensa Lucas.

– Tudo bem, vou deixar vocês à vontade – diz a mãe. – Querem um lanchinho? Vou preparar um lanche. – A mãe parte com sorriso largo. Parece feliz de ver que o filho finalmente está cheio de amigos... Bem, são só DOIS amigos, mas já é alguma coisa. Dois amigos que vêm visitar o filho depois do "acidente".

Quando a mãe fecha a porta, Lucas fecha a cara para Nicolas.

– O que você está fazendo aqui?

– O que *ele* está fazendo aqui? – Nicolas devolve a pergunta apontando com o rosto para Matheus.

– ELE é meu amigo – diz Lucas.

– Então foi *ele* que veio fofocar sobre minha vida...

– Eu não fofoquei nada – diz Matheus. – Só contei a ele o que sabia sobre você. O que tem tanto a esconder?

– Não tenho nada a esconder... – Nicolas suspira. – Eu só vim mesmo trazer a bicicleta... e ver como você estava.

– Ele está bem – intromete-se Matheus –, não graças a você.

– Acho que é graças a mim sim – defende-se Nicolas. – Se eu não tivesse me metido na briga, sabe-se lá o que os meninos teriam feito com ele...

– Tudo bem, tudo bem! – interrompe Lucas. – Obrigado por trazer a bicicleta, Nicolas. Quer mais alguma coisa?

– Eu... – Nicolas dá um passo à frente pensando no que dizer. Levanta o

rosto e vê um pôster da Lady Gaga. – Esse pôster é novo?

Lucas vira para olhar para onde ele aponta. Xi! Ele costumava tirar o pôster quando Nicolas o visitava, para passar uma imagem mais… masculina. Bom, foda-se.

MERDA, ESSA BICHA ESTÁ LINDA DE DOER.

Não é à toa que Lucas se apaixonou por ele, Matheus pensa. Lucas pode ser esquisitão, metido a alternativo, mas na hora de escolher o boy dos sonhos é o mais previsível possível. Matheus mesmo sempre achou Nicolas bonitinho. Quando estudava com seu irmão, era um chassi de frango, franzino, mas já impressionava pelos olhos claros, os traços delicados. Agora, mais velho, mais alto e desenvolvido, é a imagem perfeita do príncipe encantado. Se Matheus tinha qualquer quedinha por Lucas, pode esquecer. Nunca que ele vai conseguir competir com um menino desses.

– Você precisa entender, Lucas – Nicolas explica para ele. – Passei por muito perrengue no colégio antigo. O Matheus não sabe nem da metade. Foi um trampo para conquistar um pouco de respeito, saí muito na mão, tive muita treta com meus colegas, com a direção. Quase fui expulso. E na minha própria casa o clima não era muito melhor. Era discussão todo dia com meu padrasto, com minha mãe. Decidi vir morar com meu pai para começar do zero, tentar fazer as escolhas certas, ser quem eu realmente sou…

– Você nunca vai ser quem realmente é negando sua homossexualidade – intromete-se Matheus.

– Eu não estou negando nada, só não preciso ficar contando para todo mundo. Quando sabem que um cara é gay, as pessoas o veem somente dessa forma, como se ele fosse só isso. Eu quero mostrar que sou um bom filho, bom aluno, um bom atleta faixa marrom de caratê…

– Achei que você fosse faixa preta – Lucas questiona.

– Ainda não… O que estou dizendo é que tenho muito mais a mostrar além da minha sexualidade. Eu ser gay não é da conta de ninguém.

Lucas suspira. – Eu sei. Eu não queria me intrometer na sua vida. É que, quando descobri que a gente tinha isso em comum, achei que a gente podia ser…

amigo de verdade, sabe? Queria só que você soubesse que eu também era, e que você poderia se abrir comigo sem medo. Nunca que eu iria usar isso contra você.

– Tudo bem... eu também nunca fui muito bom em interpretação de texto... – diz Nicolas com um sorriso sem graça.

Matheus não pode deixar de sentir ciúmes. Sempre foi ele o confidente de Lucas, que ficava sabendo de todas as suas inseguranças, descobertas, o primeiro que soube que ele era gay. Agora Lucas está fazendo um novo amigo, da sua idade, da sua cidade, um menino lindo por quem ele está apaixonado. Matheus pensa se não está sobrando ali, se não está segurando vela. Até o cachorro parece deixar clara sua preferência, não sai do colo de Nicolas.

– Ei, tenho uma ideia – Matheus diz. – Por que não saímos esta noite? Sei que tem uma boate ótima saindo aqui da cidade, na estrada. Vou levar vocês para conhecerem o verdadeiro mundo gay!

– Não sou muito de boate, cara – diz Nicolas. – Mas vão vocês e aproveitem.

– Ah, não rola, Matheus – diz Lucas. – Sou menor de idade, lembra? Não posso entrar nesses lugares. E nunca também que minha mãe ia deixar...

– Não precisa contar para ela, né? Fala que vai dormir na casa do Nicolas... sei lá, ou vai acampar? Ser *de menor* é o de menos, eles nem costumam conferir o RG.

– Mas olha pra minha cara, Matheus. Tô todo roxo. Nem fodendo que vou sair assim...

– Que bobagem, isso te deixa com cara de bad boy, te ajuda a parecer mais velho, inclusive. Vamos, vamos, vamos?

Nicolas se adianta.

– Pensando bem... pode ser divertido até...

– Isso – diz Matheus. Por dentro ele está se remoendo, achou que o loiro iria cair fora e ele poderia curtir a noite sozinho com seu amigo. Se bem que com Nicolas topando é mais fácil de convencer o Lucas.

Lucas morde o lábio.

– Cara... acho que isso vai dar merda... mas vamos lá.

– Uh-hu! – exclama Matheus. – Lacrou!

QUE EU TINHA NA CABEÇA QUANDO RESOLVI SAIR COM ESSES DOIS, PENSA NICOLAS.

Ele está no banco de trás do carro de Matheus. Já de saída o moleque deixou claro que não é lá muito bom na direção, arrancou aos trancos, cantando pneu. A mãe e o pai de Lucas lá na calçada, despedindo-se com acenos, sorrisos preocupados no rosto. A responsabilidade está nas costas de Nicolas. Disseram que iam todos para a casa dele, que iam dormir lá e acordar cedo no dia seguinte para pescar. Talvez fosse uma ideia melhor, Nicolas pensa. Eles até têm uma vara de pesca no porta-malas, que o pai de Lucas trouxe. Nicolas cogita convidar os meninos a irem de fato para sua casa, esquecer essa coisa de balada, mas também não quer os moleques em sua casa, principalmente o Matheus. Nem teria lugar para os três passarem a noite…

Nicolas vê a sacola que a mãe de Lucas preparou, com sanduíches, frutas, chocolate. Ela deve achar que não tem comida na minha casa, pensa Nicolas, e não está totalmente errada. Lucas tem uma mãe carinhosa, um pai bacana, um cachorrinho fofo, uma casa arrumada. O apartamento em que Nicolas morava com a mãe em São Paulo era bem maior e mais luxuoso, mas ele nunca se sentiu de fato num lar. Era o apartamento de seu padrasto. E desde que nasceu sua irmãzinha mais nova, há quatro anos, filha desse outro pai, fruto dessa nova família, ele se sentiu ainda mais deslocado.

– Gente, acho que vou descer – ele decide dizer no carro. – Lembrei que tinha combinado mesmo de ir pescar com meu pai, amanhã cedinho.

– Ai, bicha, você pode pescar todo final de semana. Aproveita hoje que a gente tá de carro – diz Matheus.

– Não, mas é sério, nem avisei meu pai. Ele vai ficar preocupado de eu não voltar para casa. – Aquilo não é verdade, o pai dele não se preocupa. Inclusive deve trabalhar até mais tarde hoje, mas os meninos não sabem. Mais risco ele

teria de *encontrar* o pai no meio da estrada… não, seria muita falta de sorte. Pelo que Matheus diz, a boate fica logo na saída da cidade. – Eu também nem tô com muito dinheiro… – ele argumenta. Aquilo é verdade.

– Não tem problema, eu te empresto – diz Lucas. – Para de mimimi – é tudo o que Matheus responde. Antes que Nicolas possa dizer algo mais, Matheus liga uma música pop ultra-alta. Alguma diva americana que para Nicolas soa igual a todas.

– Então, para onde fica a saída da cidade? – Matheus finalmente diz após algumas voltas.

Lucas dá de ombros.

– Eu não tenho o menor senso de direção.

Nicolas não se dá ao trabalho de responder. Ele mal conhece a cidade, e torce para que os meninos percebam a roubada em que estão se metendo e desistam de pegar estrada.

– Vê aí no GPS – Lucas completa.

– É o que estou tentando fazer – diz Matheus.

Logo eles chegam ao trevo da saída. Lucas tem que apontar para a placa que indica a direção certa.

– Por aí você vai voltar para São Paulo, cara. – Eles pegam a direção certa na estrada e Matheus já avista um posto. – Vou parar um pouquinho para abastecer e comprar uns energéticos, querem alguma coisa?

Entrando no posto, Matheus quase acerta uma bomba de combustível. Estaciona o carro e desce seguindo para a loja de conveniência. Nicolas se estica no banco da frente e abaixa o som.

– Lucas, acho melhor a gente voltar. Não é boa ideia pegar estrada com esse cara, ir para uma boate gay no meio do nada…

– Você acha? – Lucas questiona o amigo com receio. – Não sei… teclo com o Matheus faz tempo. Ele é meio lesado das ideias, mas é gente boa.

– O problema é esse, ele é meio lesado… E olha como você tá, com o rosto ainda todo inchado. Você acha que tem condições de pegar balada?

Lucas torce a boca.

– Verdade. Tudo bem, vamos falar com ele.

Os dois abrem as portas, descem do carro e se preparam para entrar na loja para falar com Matheus. É quando avistam Vinícius e um grupo de meninos saindo de lá, rindo e bebendo cerveja.

LAÍS NÃO ACREDITA QUE ESTÁ PASSANDO MAIS UMA NOITE DE SÁBADO NAQUELE LUGAR.

Numa loja de conveniência de beira de estrada, com amigas que não são realmente suas amigas, meninos que se acham, mas são uns babacões. Como ela gostaria de fato de encontrar sua *turma* naquela cidade.

O programa de hoje provavelmente vai se desenrolar como os outros. Começou na casa da Íris, com as meninas se arrumando sei lá para quê; então uns meninos mais velhos – mas nada mais maduros – passaram lá para pegá-las de carro; daí uma passada na loja de conveniência para calibrar; depois vão parar na praça, na frente de algum barzinho onde haja uma porrada de carros estacionados tocando sertanejo universitário no último volume. Os meninos vão estar bêbados demais e vão tentar avançar o sinal com ela. As meninas vão tentar se segurar na bebida para fazer charminho e por estarem fazendo charminho nunca vão ficar realmente à vontade para curtir, conversar e aproveitar a noite. Outra opção seria ficar em casa, mas lá Laís teria ainda menos sossego. Com seus pais, seus tios, seus primos, todos os agregados fazendo churrasco, bebendo cerveja, ouvindo *também* sertanejo universitário em alto volume. Se ela tentasse ficar no quarto de fones de ouvido seria tachada de antissocial. Seria incomodada o tempo todo com gente entrando, os primos mais novos pulando em sua cama para brincar. Sua única opção mesmo é sair com os "amigos" e ver se, quem sabe, consegue fazer algo diferente, quem sabe conhecer alguém interessante nessa noite.

– Não quer mesmo nada? – ela pergunta para Íris enquanto espera na fila do caixa atrás de um gordinho. – Pega um energético.

– Não, obrigada. Estou bem. Essas coisas têm horrores de açúcar e mesmo o *sugarfree* tem alto teor de sódio, deixa a gente toda inchada.

Laís ri. O gordinho na frente delas se vira e olha feio. Chega a vez dela. – Ai,

vou levar um desses – diz Íris aproveitando e pegando um Trident de menta. As meninas pagam e deixam a loja.

Lá fora, Laís vê que os meninos estão arrumando briga.

– Então o Malucas resolveu mesmo sair do armário e dar um rolê com o namoradinho... – diz Vinícius.

Laís olha mais à frente e vê que Lucas e Nicolas estão saindo de um carro. O gordinho que estava na frente delas na fila junta-se a eles.

– Nós não viemos aqui para brigar – Lucas é o primeiro a se adiantar e falar diante deles. Laís se impressiona. Ele está com o olho roxo, parece já ter brigado. Ela sempre jurou que Lucas era um garoto tímido e inteligente. Bem, ela sempre jurou que ele era GAY também, e ele já negou para ela...

– Claro que VOCÊ não veio aqui para brigar – responde outro menino de quem Laís não tem certeza do nome. – Você já apanhou feio, né? Mas seu *namoradinho* aí tem algumas coisas a resolver. Ele quebrou os dentes do meu irmão Ulisses.

Ah, tá, Laís pensa. Então aquele é o irmão do Ulisses.

– É, e quebrou os dentes do meu primo Mathias também – diz outro dos meninos.

Muito bem. A cidade é mesmo pequena, ela pensa. Nicolas provavelmente é filho de um dentista, já que chega quebrando o dente de todo mundo.

– A gente está na saída da cidade exatamente para chutar para fora escória como vocês – diz um cara mais velho que Laís não identifica. – Aqui, gay não fica.

– Queridos – o gordinho da fila se pronuncia. – Pelo pouco que eu vi nessa loja de conveniência, nessa cidade vocês já têm Red Bull de menta, Kit Kat de morango e Halls Extra Diamond. Então por que essa mentalidadezinha tão fim de mundo? Hel-lo, o mundo mudou. Põe a cara no sol, bicha.

Um dos meninos faz menção de avançar. Os três amigos congelam no lugar. Laís então resolve se pronunciar, e avança em direção a eles.

– Falou tudo! – diz ela. – Desculpa, mas eu como mulher, heterossexual e

solteira, prefiro muito mais ficar na companhia de meninos assim, com a cabeça aberta, antenados com o tempo de hoje, do que com uns jecas que ainda usam jeans com jeans.

Um dos grandões olha para si mesmo e checa a jaqueta jeans com calça jeans.

– Olha, Laís – Vinícius diz com seu eterno sorriso irônico. – Desculpa dizer, mas acho que você não vai se divertir muito na companhia desses frutinhas aí...

Laís olha para os meninos ao seu lado: Nicolas, lindo, loiro, alto, com o peito inflado e pronto para a briga. Lucas, misterioso, desengonçado, cara fechada e ar de quem sabe muito mais do que qualquer um ali. E o novo estranho, alto, gordinho, com um ar de descrença de quem está achando tudo aquilo uma grande piada.

Laís torce a boca e responde para Vinícius:

– Não é por nada não, mas acho que vai ser a noite mais divertida da minha vida...

E ela entra no carro com Nicolas, Lucas e, prazer, Matheus.

ELES SAEM COM O CARRO PARA A ESTRADA ANTES QUE A BRIGA FIQUE FEIA.

Laís está no banco de trás, ao lado de Nicolas. Lucas não sabe o que se passou na cabeça dela para entrar no carro. Mas Matheus se adianta:

– Onde quer que a gente deixe você?

– Ué – Laís responde –, eu vou para onde vocês forem. Qual é a boa da night?

Matheus torce a boca e olha para Lucas. – Não sei se é muito sua praia... A gente está indo numa boate gay...

– Ai, na Luxúrya?! Meu sonho é conhecer lá!

– Puxa, isso que é sonho... as minas que eu conheço preferem a Disney – caçoa Matheus.

– Então vocês são gays mesmo? – pergunta Laís.

– Hum, isso é meio óbvio, né? – Matheus responde novamente. Nem Lucas nem Nicolas têm coragem de falar.

– Ai, que máximo! E o Luquinhas aqui querendo esconder o jogo... – Laís aperta o ombro do Lucas no banco do passageiro.

– Mas acho melhor te deixarmos em algum lugar, mona – Matheus continua. – Sério. Eu nem sei se deixam racha entrar na boate...

– Ai, que sexismo. Claro que deixam. Imaginam se iam proibir uma mulher de entrar...

– Você ainda é menor de idade, Laís – Lucas se pronuncia.

– E vocês todos não são? Ai! Aliás, como você está dirigindo?

– Eu já fiz dezoito – confirma Matheus.

– Ah, então tudo bem – Laís responde, e todos ficam em silêncio por alguns minutos no carro. Até que ela se adianta novamente. – Mas afinal, quem é namorado de quem aqui?

– Nós três. Namoramos a três. É um *ménage* – responde Matheus.

– Nossa... que moderno – responde Laís.

– Ninguém namora ninguém – responde Lucas. – Nós somos só amigos. Gays podem ser amigos sem ter de rolar alguma coisa.

– Claro... – Laís responde sem graça. – Você, hein, Nicolas, sempre posando de machão. Eu nunca diria...

Lucas suspira no banco da frente. Refaz mentalmente a pergunta que já se fez tantas vezes: o que há nele que pode ser identificado instantaneamente como gay? E o que não há no Nicolas? E afinal, qual é o problema de ele parecer gay? Ele é gay mesmo. Melhor que as pessoas saibam. Assim ele não tem o que esconder. Assim vai ser mais fácil ele arrumar um namorado...

Ah, ele está se enganando. Como se fosse mais fácil *ele* arrumar um namorado do que Nicolas, que não aparenta...

Matheus preenche o silêncio do carro ligando novamente o som. Outra de suas divas toca a todo volume. Por mais que tente disfarçar, Lucas até gosta de algumas divas, Madonna, Lady Gaga... Mas aquele som entre o rap e o hip hop não é mesmo sua praia.

– Nossa, Nick Minaj! – exclama Laís. – A-DO-RO. – E começa a cantar junto a música.

Matheus ri.

– Racha, a senhora é mais viada do que nós três juntos. Rá!-Rá!-Rá!

DEPOIS DO TERCEIRO RETORNO ERRADO, MATHEUS COMEÇA A FICAR PREOCUPADO.

Está com três menores de idade no carro. A mãe não sabe que ele saiu de São Paulo. E ele não tem lá muita experiência na direção. Quis impressionar os meninos mostrando que já era independente, que tinha carro e carta, mas cada vez mais mostra como está perdido. Não sabe para onde está indo.

– Vocês têm que me ajudar, gente. O GPS não está funcionando. Eu não sou daqui da região e não conheço essas estradas.

Lucas ao seu lado abre as mãos para ele.

– Eu menos ainda! Quando você falou dessa boate eu achei que você sabia onde era!

– Eu sei, sei que é por aqui... mas preciso que fiquem de olho nas placas, pelo menos. A gente está perto.

– Você disse isso uma hora atrás – diz Nicolas.

– E você não ajudou nada nesse tempo todo! – reclama Matheus.

– Calma, gente, é noite de sábado, para que pressa, né? – diz Laís. – O importante é a gente curtir juntos.

– Alguém tem sinal no celular para dar um Google Maps? – Matheus pergunta. Todos ficam em silêncio.

Ele pensa em virar mais um energético para ajudá-lo a ficar atento, mas já está acelerado demais, e a bexiga cheia está implorando para uma paradinha. Ou eles encontram logo um posto ou ele vai ter de parar no acostamento para se aliviar. Tenta pegar indicações nas placas de beira de estrada. "A 5km o melhor frango assado da região!" É o que ele consegue visualizar. É, ele duvida que vai encontrar uma placa dessas indicando uma balada gay...

– Olha, saída 24, acho que é essa que dá na boate – diz Laís.

Matheus torce a boca para ela pelo retrovisor.

– Tá de sacanagem, né?

– Não, sem zoeira, acho que é aqui mesmo, tenho um primo gay, e lembro que ele vivia tirando sarro…

– Laís, não quero me perder mais ainda, você tem certeza?

– Tenho… acho que tenho…

Eles estão quase passando a entrada. Lucas berra:

– Entra logo, Matheus! A gente não tem muita escolha.

– Tá, tá bom! – Matheus vira em cima da hora, ouvindo uma buzina alta do carro de trás.

– Bom, acho que é mesmo o melhor palpite – diz Nicolas.

Eles entram por uma estrada estreita, que logo dá numa estradinha de terra. Matheus para o carro.

– Gente, acho melhor voltar… não é por aqui…

– Não, não, acho que é sim – insiste Laís. – Meu primo disse que era meio escondido. Que tinha de pegar uma estradinha de terra…

– Já vi filme de terror demais para saber que é assim que se acaba morto – diz Lucas.

– Eu também. E pelo perfil eu seria o primeiro a morrer – diz Matheus.

– Deixa de bobagem, gente – diz Laís.

– Você fala isso porque provavelmente é a única que sobreviveria: mulher, virgem…

– Quem disse que eu sou virgem?!

– Hum… acho que não quero saber detalhes – caçoa Matheus.

– Bom, preciso dar um mijão – diz Nicolas saindo do carro.

– Eu também, por sinal – diz Matheus.

– Vou aproveitar para ir também – diz Lucas.

Os três meninos saem do carro e deixam Laís sozinha no banco de trás.

– É por isso que são as mulheres que sempre sobrevivem nos filmes de terror! – grita ela.

LAÍS VÊ OS TRÊS MENINOS LADO A LADO NA BEIRA DO MATO, DESAGUANDO.

Fácil assim. E ela não pode deixar de pensar em como é mais fácil ser homem. Mesmo sendo gay, mesmo adolescente, ainda são homens, e têm o mundo feito para eles. O que eles querem da vida é só esticar o braço e pegar. Se o braço não é longo o suficiente, pedem para a mãe. Se precisam mijar, é só ir para a beira da estrada e se aliviar. Enquanto as mulheres têm de viver uma vida de privações, contenções, negar o que realmente desejam, esconder o que realmente sentem. Pedir, seduzir, conquistar para conseguir…

Os três meninos urinam longamente. Cabeça erguida, mas ela pode ver que vez ou outra um deles abaixa o olhar, conferindo o equipamento do outro. Meninos. Ela não pode deixar de sentir carinho. Ainda que mal conheça aqueles três, já sente que são três novos amigos. E sente tristeza por estarem tão perdidos assim… não só na estrada, principalmente na vida. Matheus que ama Lucas. Lucas que ama Nicolas. Nicolas que ama sei lá quem… e Laís que ama os três… ela sempre teve uma queda platônica pelos gays.

Verdade que ela não é mais virgem. Teve o Marcos, da sua classe… primeiro namorado. Um menino bonito, educado, mas nada a ver, os gostos, os interesses… tudo bem, ela se questionou muito se não era assim mesmo, o abismo, mulheres de um lado, meninos do outro. E o menino com quem você transa, o cara com quem você namora, o homem com quem você casa vai ter interesses totalmente diferentes dos seus. Outro papo, outra conversa, outro mundo. O Marcos, pelo menos, era assim. Eles não tinham nada em comum, ele só falava de avião, o sonho em ser piloto, ela só sentia atração por ele. Transaram uma, duas, três vezes. Ela não tem certeza se as ocorrências formavam números inteiros assim. Ficou em dúvida se era isso que ela queria, sabia que não era ele quem ela queria. Só que tinha certeza de que não gostava de meninas. Não,

lésbica, ela não. Nunca experimentou, mas não precisava. Tinha certeza de que não gostava de meninas. Só se perguntava se tinha um fetiche por gays… se entrasse nessa, nunca iria ser totalmente feliz. Suspiro… ela só queria encontrar um menino um pouco mais sensível. Um namorado que pudesse também ser o melhor amigo.

Os meninos sacodem os pacotes e fecham as braguilhas. Aproximam-se do carro. Laís desce também, para respirar um pouco.

– E aí, o que fazemos agora? – diz Lucas.

– Ué, seguimos em frente – diz Laís.

– Acho melhor voltarmos para a estrada principal – diz Nicolas.

– Se for pra voltar, é pra desistir – diz Matheus. – Que não vou ficar dando volta a noite inteira. Tá ok para todo mundo voltar para casa?

Os outros dois meninos fazem que sim com a cabeça. Laís insiste: – Pô, gente. É noite de sábado, nossos pais estão de boa, a gente tem gasolina, estamos juntos, vamos aproveitar um pouco. Não importa que a gente esteja demorando, o importante é que a gente tá junto, né?

Os três meninos se entreolham, meio incertos.

– Pô, *the journey is the destination*! O que importa é o passeio. Eu estou curtindo a noite. Tô em boa companhia, ouvindo boa música, o que vocês esperam mais de um sábado do que isso?

Os meninos meio que sorriem. Voltam para o carro. Matheus dá a partida e segue na estradinha de terra. Laís pensa se aquela é a primeira ou será a única, a última vez. Se não vão ter mais sábados como aquele, viajando juntos. Aquela é sua ideia de diversão. E a verdade é que ela gostaria que aquela noite nunca acabasse, que eles seguissem conversando, rindo, implicando, como amigos de verdade. Eles são meninos, então não competem com ela. E são gays, então não estão tentando conquistá-la. Será que a real amizade só acontece assim?

Matheus liga o som novamente. Agora é Lady Gaga, "Monster", e ele começa a cantar e dançar no carro. Lucas ri um pouco, mas logo está cantando junto. *"He broke my heart."* Laís nem gosta muito de Lady Gaga, mas *aquela*

música é sua favorita, cheia de tecladinhos. Logo os três estão cantando empolgados. Só Nicolas permanece quieto olhando pela janela.

– Ô gente, gente… tem um barulho meio estranho… – Nicolas diz.

Matheus concorda.

– O carro tá meio estranho, acho que é o pneu.

Param novamente no acostamento. Dessa vez os quatro descem ao mesmo tempo, e constatam: o pneu da frente furado.

– Alguém já trocou um pneu aqui? – Matheus pergunta.

QUANDO ELES PARAM O CARRO, NICOLAS JÁ SABE: SOBROU PARA ELE O PAPEL DE MACHO.

O pneu da frente furado.

– Tudo bem, vamos pegar o estepe e o macaco – ele diz.

Matheus e Nicolas tiram as ferramentas do porta malas. Lucas apenas observa. – Quer ajuda? – oferece Laís.

– Não, pode deixar – diz Nicolas. – Acho que eu consigo... – Ele procura um lugar para encaixar o macaco. Nunca fez isso antes. Não entende nada de carros, pneus, ironicamente. Seu pai é especialista naquilo e bem que poderia tê-lo ensinado. Bom, tem tanta coisa que seu pai poderia tê-lo ensinado. Agora talvez seja tarde demais... E é AGORA que ele precisa aprender instantaneamente a como trocar um pneu.

– Essa parte de plástico aí vai quebrar, você tem que encaixar o macaco na parte de metal... – opina Laís.

Nicolas reposiciona o macaco. Começa a levantar o carro.

– Já está bom, Nicolas, você está levantando demais – diz Laís novamente. – Você não quer que eu troque?

– Não, pode deixar, eu sei o que estou fazendo – diz Nicolas. Ele não tem ideia do que está fazendo, na verdade. Mas não seria nada cavalheiro da parte dele deixar a menina ajudar. Suas mãos já estão sujas de graxa e sem querer ele limpa na camiseta branca. Beleza, manchada. Ele pega a chave para tirar os parafusos da roda.

– Acho que ele é o mais forte mesmo para fazer isso – comenta Lucas.

– Trocar pneu não é questão de força – diz Laís –, é só fazer do jeitinho certo.

Nicolas encaixa a chave nos parafusos e tenta virar. Droga, se aquilo não é questão de força, ele gostaria de saber o jeitinho...

– Vai lá, He-Man, a força de GAYskull está com você – caçoa Matheus. Afe,

Nicolas não consegue nem mexer o primeiro parafuso.

– Precisa de uma ajuda aí? – pergunta Laís.

– Está apertado demais – admite Nicolas.

– Deixa eu ver – intromete-se Matheus. Ele testa a chave. – Nossa, quem apertou esses parafusos assim? Imagina se minha mãe iria conseguir trocar esse pneu.

Lucas experimenta também. Claro que nenhum deles consegue mover a chave de roda. Matheus sobe nela, colocando todo seu peso, dando pulinhos. Nada. Laís só observa os meninos de longe.

– Gente, acho que vamos precisar de um reboque. Não vou conseguir tirar essa roda – admite Nicolas.

– Afe, que uó! A gente tem estepe, tem ferramenta e não consegue trocar um pneu por causa dos parafusos! Nunca pensei que fosse passar por isso – diz Matheus.

Então Laís se aproxima deles, carregando um cano longo de ferro.

– Deixa eu tentar.

– De onde tirou isso? – pergunta Lucas.

– Ali, do canto da estrada – ela responde.

Laís encaixa o cano na chave de roda. Aumenta a alavanca e com um toquinho começa a virar o parafuso.

– Uau, você é ninja mesmo – diz Lucas.

– Princípio básico da alavanca – diz Laís. – Eu disse, não é questão de força.

Nicolas só observa. Laís termina de trocar o pneu. Foram salvos por uma menina.

AGORA JÁ DEU. TODOS CONCORDAM QUE NÃO TEM MAIS SENTIDO PROCURAR ESSA BOATE.

Matheus retorna para a estrada principal e Lucas sente um certo alívio. Não queria realmente ir a uma boate gay – para quê? Já foi bom o suficiente passar esse dia todo com Matheus, com Nicolas e depois com Laís também. Depois de todos os perrengues dos últimos dias, Lucas começa a sentir que conquistou algo que nunca teve antes: uma *turma* de amigos. São todos bem diferentes, claro, mas é isso o que os torna complementares. Matheus: divertido e fiel. Laís: inteligente e animada. Nicolas: maduro e íntegro… e lindo! Eles podem agora voltar para sua casa, parar numa lanchonete ou mesmo ir pescar de fato. O importante é o tempo que passam juntos.

Só que assim que entram na estrada, Lucas percebe que não vai ser tão fácil assim voltar para casa…

– Ainda tem algo errado com o pneu – confirma Matheus.

Enquanto levam o carro para o acostamento, Lucas pode ouvir um ruído estranho novamente. Quando descem, confirmam. Agora é o pneu de trás que está furado.

– Vixe, deve ter furado junto com o outro e a gente não percebeu na hora – diz Laís.

Ah, maravilha. E com certeza Matheus não vai ter um *segundo* estepe no porta-malas.

– Bom… E agora? O que a gente faz? – pergunta Lucas. Estão parados no acostamento, na entrada da rodovia, tarde da noite.

Laís verifica o celular. – Meu celular tá sem bateria.

– E o meu tá sem sinal – diz Lucas.

Eles olham para Nicolas.

– Não, eu nem trouxe celular – ele responde.

– Que tipo de pessoa sai sem celular hoje em dia?! – questiona Matheus. Ele verifica o seu próprio. – Olha, o meu tá dando sinal; para onde a gente liga?

Os quatro se entreolham, confusos. Deveriam ligar para um guincho? Um borracheiro? Tem alguém que entrega pneu no meio da estrada, àquela hora?

– Acho que a única coisa a fazer é caminhar até o posto mais próximo com o pneu furado. Ver se a gente consegue um borracheiro – sugere Nicolas.

– Não viaja, bicha, caminhar pela estrada? Imagina quantos dias isso pode levar... – diz Matheus.

– Não me chama de bicha, não te dei essa intimidade – Nicolas se irrita inflando o peito.

– Gente, não vamos discutir agora, isso não leva a nada – Laís tenta acalmar os ânimos. – Essa rodovia é supermovimentada. Com certeza tem um posto grande logo em frente.

Lucas olha para seus colegas. Acha que não há outras opções. – Bom... então vamos?

– Eu não vou sair andando e deixar o carro da minha mãe sozinho no meio da estrada!

– Vai empurrando então – diz Nicolas com sarcasmo.

– Não, ele tá certo – diz Laís. – É perigoso deixar o carro abandonado por aqui. Melhor dois irem e dois ficarem tomando conta.

– Acho melhor ir todo mundo – diz Lucas. – Essa coisa do pessoal se dividir também é típica de filme de terror... não é seguro.

– Não, deixa eles cuidando do carro, é melhor – diz Nicolas. –Vamos eu e você procurar um borracheiro, Lucas. O Matheus e a Laís ficam aqui no carro.

Laís concorda. Todos se entreolham.

– Então está bom para todo mundo?

Os amigos dão de ombros. Não têm opção melhor.

Lucas se pergunta quanto custa arrumar um pneu, calcula quanto tem no bolso. Sabe que Nicolas não tem quase nada.

– Olha, tenho uma grana aqui, peguem se precisar – oferece-se gentilmente

Laís dando algumas notas. Matheus também contribuiu com um pouco.

– Mas olha, vamos estipular um tempo – diz Matheus. – Vocês andam... sei lá, uma hora? No máximo uma hora, se não encontrarem nada, vocês voltam, porque só nisso já vai levar duas horas.

– Tudo bem... – diz Lucas. Ele olha para Nicolas. – Então, vamos?

ESPERANDO NO ACOSTAMENTO, MATHEUS E LAÍS COMEM UM PEDAÇO DE BOLO QUE A MÃE DE LUCAS PREPAROU.

Lana Del Rey toca no rádio do carro.

– Não acha melhor desligar? – diz Laís. – Só falta a gente ficar sem bateria quando o pneu chegar…

Matheus concorda e desliga o rádio. Estão fazendo tudo errado. Quinze minutos depois que os meninos saíram para procurar um borracheiro, um senhor de idade parou e ofereceu ajuda. Não havia muito o que ele pudesse fazer – ele não iria dar o próprio estepe. Mas podia levá-los de carona até um borracheiro mais próximo. Deviam ter pensado nisso antes. Se tivessem esperado um pouquinho mais…

– Bem, são dois meninos, um alto e loiro e outro magrelo com uma franja comprida – disse Laís para o senhor que oferecia carona. – Seguiram caminhando nessa direção com um pneu furado. Não deve ser difícil de achar…

O senhor prometeu parar para pegar os meninos quando os visse na estrada, e foi embora.

– Não sei não, achei esse velho meio com cara de pervertido… – diz Matheus.

– Rá-Rá-Rá, não viaja.

– Sério, mona, viu a cara com que olhou para você? Você podia ser NETA dele! BISNETA até!

– Bom, então não iria conseguir fazer nada de mau… ou de bom – ela diz piscando o olho para Matheus. – Fora que, se está interessado em mim, não vai querer nada com os meninos. Imagina se ele se metesse com o Nicolas…

– Ai – Matheus diz com despeito. – Vocês todos acham que esse Nicolas é todo bad boy. Mas quando eu conheci era uma bichinha muito da poc-poc que sofria *bule*.

Laís ri. Então olha bem nos olhos dele.

– Você está a fim do Lucas, né?

Matheus afasta o olhar.

– A loka! Ele é muito novinho pra mim.

– Ah... é novo nada, tem o quê, dois anos a menos?

Uma caminhonete para logo ao lado deles.

– Precisa de ajuda, campeão? – diz o homem pela janela.

– Obrigado, já mandamos dois amigos para o borracheiro – diz Matheus. O homem volta para a estrada. – A idade é o de menos – continua Matheus. – O Lucas ainda não sabe o que quer da vida. Ainda tem aquela briga do que os pais querem para ele e quem ele é realmente. É bafo.

– Você está certo. Mas talvez nisso ele e o Nicolas sejam parecidos... – comenta Laís.

– Eu só não quero que o Lucas se machuque – diz Matheus. – Ele se encantou pelo Nicolas apenas pela parte externa. Essa coisa de caratê, esse jeitão de bofe, isso é tudo montação.

– Será? – questiona Laís. – Talvez o Nicolas apenas esteja descobrindo também quem ele realmente é. No começo eu também não fui com a cara dele, mas aos poucos... Ele me pareceu um cara bem sério, que está se esforçando para fazer as escolhas certas na vida.

– Ai, ai, a senhora também ficou caidinha por ele, né?

Laís ri novamente.

– Nada a ver. Não faz naaaaaada meu tipo. Mas dá para entender o que o Lucas viu nele, né? E não deve ser fácil para o Nicolas, bonito daquele jeito, descobrir o que ele quer realmente para si, ser o que ele acredita de verdade, não tentar apenas corresponder à expectativa dos outros.

– Mona, quem dera EU tivesse esse tipo de problema... você pode achar o mundo gay muito divertido, nós todas muito engraçadinhas, mas há muita competição, muita crueldade. Quem não se encaixa no padrão de beleza: bofe, malhado, masculino, fica pra titia.

– Hum, talvez você apenas esteja andando com as pessoas erradas, Matheus. Afinal de contas, o Lucas não se encaixa nesse padrão e você está caidinho por ele. Acho que é só ter um pouco de paciência, que uma hora dá um *match*.

Antes que Matheus possa contestar novamente, vê um carro de polícia parando ao lado deles…

LUCAS E NICOLAS SEGUEM PELO ACOSTAMENTO EM BUSCA DE UMA BORRACHARIA.

Nicolas carrega o pneu furado. Está cansado, assustado, queria poder ligar para o pai para resolver tudo, mas sabe que é ele mesmo quem tem que resolver os problemas da sua vida. Ele pode ser adolescente, ainda menor de idade, porém os problemas são seus, a vida é sua e ele não pode cobrar nada de ninguém, se quiser que ninguém cobre dele. Esse é um peso que ele tem que carregar sozinho.

– Quer que eu leve um pouco? – Lucas pergunta sobre o pneu.

– Não, tá de boa – diz Nicolas, não dizendo exatamente a verdade. Se está cansativo para ele, imagina como seria para Lucas, que é só pele e osso.

Nicolas percebe o olhar do... amigo em cima dele. Será que poderemos mesmo ser amigos?, Nicolas pensa. Lucas até que é um cara legal. É um cara mais descolado e inteligente do que ele, pode não só ajudá-lo nos estudos, mas apresentar tantas bandas, filmes, games. Eles podiam jogar juntos, Nicolas morre de curiosidade de saber que jogos Lucas tem em casa. E já deixou de lado essa besteira de vergonha, do que os outros vão pensar. Que se foda. Ele já se queimou muito querendo bancar o machão, arrumando briga, escondendo seus verdadeiros desejos. Não tem que provar nada a ninguém. Pode sair com Lucas sim, pode ir na sua casa. Lucas é um moleque muito mais interessante do que os outros que Nicolas conheceu no colégio, todos uns babacões boca-aberta. Só que...

Eles nunca vão poder ser amigos *de verdade* se Lucas tiver outras intenções em relação a ele. Nicolas não vai se sentir à vontade, sabendo que o amigo sempre está esperando algo mais. Nunca vai conseguir se abrir com ele, contar de seus medos, suas frustrações, seus desejos. Como poderia contar sobre sua paixão platônica por Silas...? Bem, ele TEM uma paixão platônica por Silas... E

eles SÃO amigos, não são? Não, é diferente. Silas não sabe sobre ele. E Silas não é gay. Não tem a menor chance de nada, só poderiam mesmo ser amigos. Mas ele e Lucas, que são gays, poderiam ser algo mais?

Nicolas olha para Lucas e percebe como o amigo anda ao seu lado, quieto, também pensativo. Não tem a necessidade de ficar preenchendo o silêncio. Não perturba perguntando "no que você está pensando?". É bom poder caminhar com um amigo assim.

O silêncio só é quebrado quando Lucas nota uma pequena placa no acostamento.

– "Borracharia Amigo Prego, entrada a 2km" – Lucas lê. – Rá-Rá-Rá, acho que é disso que a gente estava precisando!

– De um amigo ou de um prego? – pergunta Nicolas.

Lucas mostra a língua para ele.

Eles caminham mais alguns metros, em direção ao "Amigo Prego", então um carro para ao lado deles.

Um senhor desce.

– Vi o carro de vocês lá atrás. Sua amiga me falou que vocês estavam procurando uma borracharia?

– Acabamos de encontrar – diz Lucas. – Vimos uma placa que tem uma a uns dois quilômetros.

– Entrem aí então, que deixo vocês – o senhor oferece.

Lucas e Nicolas se entreolham, receosos. São só mais dois quilômetros de caminhada. Mas dois quilômetros levam pelo menos mais uma meia hora a pé...

– Tudo bem – diz Nicolas. – Brigadão.

Os meninos vão para o carro. Nicolas vai entrando com o pneu, mas o senhor protesta.

– Não, não, por favor, deixe o estepe no porta-malas, vai sujar todo o carro.

– Foi mal – responde Nicolas.

Eles contornam o carro para deixar no porta-malas. O senhor vai até lá e abre. Nicolas vê um grande embrulho dentro. É um saco plástico preto,

enrolado com fita adesiva. Parece um… um corpo?

A cara de espanto de Nicolas deve ser evidente, porque o velho se adianta. – Não, não se preocupe. É só meu cachorro, um são-bernardo. Levou uma picada de cobra, infelizmente, e estou levando para cremar. Queria enterrar no meu terreno, mas contaminaria o lençol freático do condomínio. Fora que tenho outros cães…

Nicolas assente. Não pediu tantas informações assim. Não quer entrar no carro daquele velho, mas Lucas já está lá dentro, esperando no banco de trás.

Ele se senta no banco do passageiro. Se o cara não quer sujar o carro deve ser porque já atingiu o limite. O carro é uma zona com migalhas de pão, papel de bala e moedas de cinco e dez centavos pelo chão. O estofamento está manchado, desbotado e tem marcas de cigarro. Nicolas olha para Lucas atrás. Ele sorri visivelmente apreensivo. O carro tem cheiro de cigarro, capim e manteiga de amendoim. Pois é, se a noite está dando errado, sempre pode piorar…

“BOA-NOITE, JOVENS, QUAL FOI O PROBLEMA NO CARRO?”, PERGUNTA O POLICIAL.

– Oi, seu guarda. Foi só um pneu furado – diz Matheus.

– Não tem estepe? – pergunta o policial rodoviário se aproximando deles.

– Na verdade foram DOIS pneus furados – diz Laís. – A gente já trocou um. Nossos amigos foram procurar uma borracharia.

O policial rodoviário os examina de cima a baixo, desconfiado. Faz sinal com a mão para que Matheus entregue os documentos.

– O carro é seu?

– Da minha mãe, senhor. Está tudo aqui... – Matheus passa a ele os documentos do carro, a carta de habilitação, o RG. O policial examina.

– E para onde vocês estavam indo a uma hora dessas?

Laís olha para Matheus, não o conhece o suficiente para imaginar o que ele está pensando, mas tem medo do que ele possa falar, então se adianta. – Estamos voltando da festa de bodas de prata de nossa tia Beatriz Montes Claros, graças a Deus. Não aguentava mais ficar lá. Imagina, perder a noite de sábado, numa festa chata dessas, preferia até ficar vendo *Zorra Total* na televisão, qualquer coisa – Laís solta de uma vez. Já leu que, quando se quer que uma mentira soe convincente, o ideal é se ater aos detalhes. Ela nem sabe de onde tirou o nome da tia.

– Hum... festa, hein? Vocês beberam?

– Não, que é isso, seu guarda – diz Matheus.

– Foi festa de tia, né? E ainda por cima ela é evangélica – ela complementa. – Não tinha bebida alcoólica, a música estava péssima, e ela ainda ficou querendo me empurrar para meu primo Marquinhos. Ai, a tia não se manca. Até que a gente ficou tempo demais nessa festa, achei que não fosse acabar nunca...

O policial faz sinal com a mão para que ela pare. Leva o bafômetro até

Matheus. Ele assopra. Felizmente em seu hálito só deve haver energético. O policial checa o instrumento e parece satisfeito. – Muito bem, nada de álcool. Então posso ajudá-los em alguma coisa, uma carona?

– Obrigado mesmo, seu guarda – diz Matheus. – Mas nossos amigos já devem estar voltando com o pneu.

– Bem, então espero aqui com vocês. Não é seguro dois moleques da idade de vocês parados na estrada no meio da noite.

Em parte, Laís se sente aliviada. Fica desconfortável com um policial por perto, mas tem que admitir que é uma segurança. Realmente não é das coisas mais tranquilas ficar parado na estrada no meio da noite.

– Obrigada, seu guarda. Quer comer alguma coisa? Tomar um energético, de repente? A gente está cheio de comida no carro…

– Hum, tem um bem-casado? – o policial pergunta.

– Bem-casado? – questiona Matheus.

– Sim, vocês não estão voltando de uma festa de bodas? Essas festas sempre têm bem-casado…

– Ahhh. – Laís pensa rápido. – É que a tia Inês não casou tão bem assim…

– Tia Inês? Não era Beatriz dos Vales ou algo assim? – questiona o policial.

– Montes Claros – lembra-se Matheus. – Inês era o nome dela de solteira.

O policial franze a testa para eles, entendendo cada vez menos.

“QUANTOS ANOS VOCÊS TÊM, MENINOS?”, O VELHO PERGUNTA.

– Quinze? Dezesseis? Sabe que eu *tinha* um filho bem da idade de vocês, podia ser amigo de vocês, podia estar aqui no carro com vocês, eu poderia estar levando vocês para pescar…

Lucas começa a achar uma péssima ideia terem entrado no carro daquele velho que ‘‘teve um filho’’ da idade deles. O que isso quer dizer, que o filho morreu? Cresceu? O velho mesmo já ‘‘teve a idade deles’’, qualquer pessoa mais velha já TEVE a idade deles. Isso não quer dizer que podia ser seu amigo. Ou poderia estar indo pescar em plena madrugada…

– Meio estranho pescar a essa hora – diz Nicolas no banco do passageiro, pensando um pouco no que Lucas estava pensando, mas dizendo o que ele não via sentido em dizer.

– Nãaaaao, meninos – o velho insiste. – Essa hora é ótima para pescar pitu, já pescaram? É um camarão grande, assim, de água doce. Você vai até o riacho no meio da noite, com a lanterna, arpão em mãos, ilumina a água que o bicho aparece, atraído, daí você mete a lança nele!

– E acha que isso é justo com o bicho? – Nicolas continua.

– Hum… – o velho pondera. – Sim, é justo. É justo especialmente para o bicho, porque para ele essa é a única lei que ele conhece, matar ou morrer, entende? E sendo morto para nos alimentar ele cumpre o ciclo dele na vida. É muito justo, Gabriel.

– Meu nome é Nicolas… – ele diz.

Lucas está achando todo aquele papo muito esquisito e mantém os olhos na janela, prestando atenção em onde estão na estrada. Logo vê a saída para a borracharia ‘‘Amigo Prego’’.

– Ei, a gente vai descer aqui, obrigado – diz ele do banco de trás.

– Como descer aqui? No meio do nada? Nãããão, eu deixo vocês na próxima cidade.

– Não, a saída da borracharia fica aqui do lado, acabei de ver a placa – Lucas insiste.

– Você ficou com medo de mim por causa dessa história da caçada? Sabe, meu filho também tinha pena dos animaizinhos. Então um dia o levei para o mato e...

– Senhor, nós vamos descer aqui! – Nicolas fala grosso do banco do passageiro.

– Ei, pera lá, não grite comigo! – diz o velho. – Eu me ofereci de bom coração para ajudá-los. Nem sei quem são vocês, quais são suas intenções, mas eu acreditei que eram bons meninos precisando de carona. Sabe-se lá o risco que eu corri...

– Nós agradecemos! – interrompe Lucas. – Mas nós vamos descer aqui mesmo! A borracharia já ficou para trás.

– Não tem borracharia alguma! Imagine! A essa hora! Uma borracharia aberta aqui nesse fim de mundo! – o velho insiste.

– Senhor, nós vamos descer agora! – Nicolas corta novamente.

Lucas está se borrando de medo. Não sabe o que aquele velho bizarro pretende. Se é apenas um velho surtado com um parafuso a menos ou se pode ser realmente um tarado perigoso. É quando surge uma ideia das mais malucas, que só podem nascer mesmo em momentos de desespero.

– Escute aqui, velhinho, isto é um assalto! Estou com uma arma encostada nas suas costas. Pare o carro agora ou eu estouro sua espinha!

O velho dá uma guinada imediatamente para o acostamento, cantando pneu e parando o carro.

“EU SEI QUE A FAMÍLIA PODE SER CANSATIVA, SUFOCANTE, MAS VOCÊS PRECISAM DAR VALOR.”

O policial segue num discurso para Matheus e Laís, à beira da estrada. Parece mais um desabafo do que um sermão. – Se sua tia te dá um conselho, é porque quer o melhor para você. Vocês podem aprender muito com o erro dos mais velhos. Eu mesmo não dei valor para a família. Sabe como é, você se casa e não é só a mulher, é toda a família dela, é a família que ela quer constituir. E de repente só vocês dois não são mais o suficiente. E de repente nem você importa mais. Eu perdi minha mulher, meu filho, perdi tudo para uma família que ela queria construir…

Matheus e Laís sorriem torto um para o outro. Tudo bem, só encontraram um policial deprimido. Pior seria ter encontrado um policial violento, corrupto, alguém que implicasse ao saber o que eles de fato estavam fazendo naquela estrada.

– Vocês podem querer construir a própria família de vocês, mas não existe isso de família independente, claro que não. Um filho precisa de uma avó, ou de duas. E das tias, a tia Campos Elísios…

– Montes Claros – lembra-se novamente Matheus.

– Isso. Não dá para criar uma criança sozinho, sabe? Só você e sua mulher…

Matheus acha que ele fala isso olhando especialmente para ele. – Seu guarda…

– Rubens, pode me chamar de Rubens.

– Seu Rubens, a gente não está pensando em ter filho não… – É melhor Matheus deixar isso claro.

O policial ri. – Claro que não! Vocês são duas crianças, né? Fazem bem. Eu mesmo tenho um filho quase da idade de vocês? Quantos anos vocês têm, quinze, dezesseis? Bem, você tem dezoito, que já vi a carta. É quase a idade do

meu filho. Menino lindo, forte, tão responsável...

Matheus bufa, fica pensando se era melhor correr os riscos da estrada ou ouvir os devaneios do policial.

– Eu esperava que ele fosse como eu. Claro, a gente sempre espera que seja. Só que com toda a influência da mãe dele... Ficou claro que era algo completamente diferente do que eu acreditava. Tem dessas coisas, um filho pode revelar todas as diferenças que tem um casal. Por sorte meu filho não puxou nem ela... nem eu. Eu não me reconheço nele, mas sinto um orgulho... meu filho já é um homem, com sua própria cabeça. É um moleque forte, responsável. Nossa, queria que vocês conhecessem o Nicolas...

Matheus e Laís se olham imediatamente.

– Nicolas? – Matheus deixa escapar.

– Eu queria ter dado Nicodemos, que é o nome do meu avô. Mas minha mulher... minha ex-mulher, ela queria Lucas. Então acabou ficando Nicolas. Acho um nome bonito, de qualquer forma. Podia ser pior, não é? Tem aqueles que chamam Wilson e tem a esposa chamada Stephanie, e o filho acaba se chamando Stephenson...

NICOLAS E LUCAS ANDAM NOVAMENTE PELA ESTRADA, VOLTANDO DOIS QUILÔMETROS EM DIREÇÃO À BORRACHARIA AMIGO PREGO.

– Cara, não acredito que você falou aquilo pro velhinho – diz Nicolas. – Podia ter matado o vovô do coração.

– Ah, não fale como se fosse um vovozinho fofo. Aquele era um baita de um pedófilo, certeza.

– Não sei não, talvez fosse só um velho meio lesado das ideias. E não precisava ter assaltado o cara!

– Eu não *assaltei* o cara. Só peguei cinco reais da carteira dele para o assalto parecer real. A gente tinha de parecer perigoso para o cara parar o carro e deixar a gente em paz. Você que não devia ter mandado o cara vazar antes de a gente pegar o estepe no porta-malas!

Nicolas reflete sobre o que aconteceu. Até que o colega foi bem esperto, vai? Encostou o dedo atrás do banco do motorista, anunciou o assalto e o velho parou na hora. Eles desceram do carro e Lucas ficou com a mão dentro da jaqueta, pedindo a carteira. Tinha uma porrada de cartões, algumas moedas e poucas notas de dois e de cinco. Nicolas ficou nervoso com aquela situação toda, se precipitou e gritou: – Agora vaza! Vaza! – Quando o velho arrancou com o carro, sob protestos de Lucas, é que Nicolas se tocou. – Cara, ele ficou com o estepe no porta-malas!

– Você devia ter pedido o estepe de cara em vez da carteira! – diz Nicolas caminhando ao lado de Lucas.

– Eu tava só fazendo o papel!

Nicolas suspira. – Tudo bem, vamos para a borracharia e vamos ver o que a gente consegue.

Eles seguem uma placa que indica a entrada da borracharia. Nicolas pensa

quanto deve custar um estepe com roda e pneu, ele não faz ideia. Lucas tem uma grana razoável, que os amigos emprestaram, mas não sabe se será o suficiente. Será que é, tipo, uma fortuna? Ele mesmo só tem uns trocados que sobrou do lanche do almoço de sábado – mais os cinco reais roubados. Acha que nem tinha o suficiente para a boate – nunca pensou que iria embarcar nessa viagem.

Seguindo por uma estradinha, eles finalmente veem a borracharia Amigo Prego, no alto de um morro. Está toda fechada, tudo apagado. Não é de se surpreender.

– Fechada, Lucas. Que a gente faz agora? – diz Nicolas.

Lucas dá de ombros. – Vamos lá tocar a campainha, ué!

Eles sobem em direção à oficina. Têm dúvidas se vão encontrar alguém. Borracheiro dorme na borracharia? Não deveria ser um serviço vinte e quatro horas? Pneu não tem hora para furar. Só que o lugar parece mais abandonado do que fechado. Um mato alto cresce ao redor. Há entulho e sacos de lixo. Eles chegam à porta da borracharia fechada. Não encontram campainha. Batem palmas. – Boa-noite! – Lucas grita. Nicolas não entende muito bem para quem ele está gritando, mas assobia com dois dedos na boca. Nada.

Eles se olham.

– E agora... voltar? – Nicolas pergunta. Ele gostaria de poder ser o que Lucas espera dele, sempre seguro, forte, resolver os problemas, mas está tão perdido quanto o amigo.

– Vamos dar uma olhada – Lucas diz, contornando a borracharia e procurando os fundos.

– Não vai me dizer agora que você vai querer invadir e ROUBAR um estepe, né?

– O borracheiro deve estar dormindo, cara. Só vamos dar um toque nele...

– Sei bem como é seu toque, pelas costas, anunciando um assalto – diz Nicolas.

Eles vão para os fundos da borracharia, mas continua tudo fechado, escuro. Há um matagal alto e sujo. De repente uma luz se acende e eles veem um

barraco logo atrás.

– Olha, o cara deve ter acordado… – Nicolas diz.

É então que ele percebe, com espanto, onde estão, e o que há ao seu redor…

“SEU FILHO SE CHAMA NICOLAS?”, PERGUNTA LAÍS OLHANDO PARA OS OLHOS AZUIS DO POLICIAL RODOVIÁRIO.

– Não é um nome feio... é? – pergunta o policial, meio na dúvida, olhando para ela.

– Magina... é mara! – oferece Matheus.

– É nome de jogador de tênis – Laís se adianta, tentando obter mais informações em segurança.

– Ahhh, pode ser – diz o policial. – Meu filho também é atleta. Lutador de caratê. – Pronto, ele mordeu a isca, e confirmou. – Conhecem algum lutador de caratê chamado Nicolas? Pois será meu filho, o novo Bruce Lee.

– Acho que Bruce Lee lutava Kung Fu – diz Matheus. Laís dá uma cutucada nele.

– Vocês acham que eu sonhava isso para ele? Não, sonhava engenheiro, advogado, sei lá... Só queria que ele tivesse um futuro melhor do que o meu... vocês podem achar que ser policial é algo muito legal, mas na prática não é bem assim...

Os dois se olham. Laís fica aliviada que Matheus não se prontificou a dizer: ‘‘Não, acho que ser policial é uma merda.’’

– Mas os filhos surpreendem a gente. Molecada, vocês surpreendem seus pais. Quando que eu ia dizer que lutador de caratê... ou *carateca*? É isso, né? Carateca, quando eu ia dizer que carateca é melhor do que ser engenheiro, do que ser ‘‘doutô’’, como meu pai diria? Pois quer saber? Descobri que o que importa é que meu filho está fazendo o que gosta, o que acredita. Por isso ele é um menino de caráter, saudável, bonito. Eu não trocava esse moleque por nenhum do mundo.

E parece que o Lucas também não trocaria, Laís pensa. Só que a questão

agora é como mandar aquele policial embora antes que Lucas e Nicolas voltem. Já está ouvindo aquele dilema familiar há tempo demais para saber que não quer ter aquela discussão com a presença do próprio filho pródigo, Nicolas, encontrando o pai na beira de estrada…

– Sabe… eu entendo exatamente o que o senhor quer dizer… – diz Matheus. Laís olha para ele, sem entender muito bem. – Às vezes a gente fica nessa pressão de formar uma família, de decidir uma carreira, e ignora o que quer mesmo da vida… é uó!

– Isso, rapaz, isso é o que estou falando… – O policial olha para Matheus um pouco desconfiado.

– Então, a gente nunca sabe, às vezes um acidente de percurso, um pneu furado, faz a gente mudar a rota e encontrar nossa verdadeira paixão… – Matheus diz a última frase insinuante, aproximando-se do franzino policial.

– Rapaz… Rê-Rê-Rê – diz o pai de Nicolas sem graça. – Não era bem isso o que eu queria dizer.

– Sabe, Rubinho… às vezes a gente está cheio de *gás*, está seguindo *a toda*, e para do nada. Não tem nada de errado. Não falta combustível. Pode até trocar um pneu murcho. Mas o que a gente quer mexxxxmo… é TROCAR O ÓLEO!

Isso Matheus diz quase lambendo o ouvido do policial.

– Crianças! – o policial exclama. – Preciso me despedir. O papo está muito… animado. Mas tenho uma rodovia toda para monitorar. Seus amigos já devem estar voltando. Qualquer problema, é só chamar. – E Rubens, o policial rodoviário pai de Nicolas, corre para a viatura.

Laís só consegue olhar para Matheus, abrir um sorriso e soltar a frase entre os dentes:

– Bicha, a senhora é destruidora mesmo.

“ISSO AQUI É MACONHA!”, DIZ NICOLAS.

– O quê? – pergunta Lucas sem entender.

Nicolas aponta para o mato ao redor deles, nos fundos da borracharia. – Essas plantas todas, não tá vendo o formato? Isso é maconha!

Lucas franze a testa. Tenta se lembrar do formato das plantas de maconha que já viu em tantas estampas, tantas camisetas de reggae. Só pode reconhecer mesmo pela estampa, porque nunca viu uma ao vivo. E aquelas plantas parecem todas bem genéricas. – Tem certeza, cara? Isso aí tem cara de um mato qualquer.

– Maconha TEM cara de um mato qualquer – cochicha Nicolas.

– É melhor a gente cair fora daqui então – Lucas diz. Vai dar merda se quem plantou aquilo encontrá-los no meio daquela madrugada.

Mas quando avançam para sair do mato, escutam uma voz. – O que cês pensam que tão fazendo?!

Lucas se vira e tem a pior visão possível...

Há um homem apontando uma espingarda para eles. Magrelo, só de bermuda, o corpo todo tatuado.

– Cês vieram roubar minhas planta?!

– N-Não, cara – Nicolas gagueja. É a primeira vez que Lucas o escuta gaguejar. – A g-gente só estava procurando o borracheiro.

– Isso – Lucas diz. – A gente furou um pneu na estrada.

– Não tô vendo nenhum estepe com vocês – diz o homem.

– É que um velho tarado roubou – Nicolas diz rapidamente. Lucas acha que ele não está ajudando a tornar aquela história mais verossímil.

– Eu acho que quem quer roubar alguma coisa aqui é vocês. Invadiram uma propriedade particular no meio da noite. E eu tenho todo o direito de atirar.

– Cara, a gente vai embora, tá? Não queremos mesmo problemas – diz

Nicolas.

– E cês acham que eu posso deixar vocês saírem assim, depois do que viram aqui atrás? – o homem diz analisando-os atentamente. – Cês acharam que podiam roubar minha erva, ir embora e fazer uma festinha numa boa, não é?

– Não, não! – argumenta Lucas. – Como a gente ia saber o que tem aqui atrás? A gente só estava procurando um borracheiro mesmo, cara, palavra!

O homem encara bem Lucas. Não abaixa a espingarda. Deve estar pensando no que fazer com os dois.

– Tu tá com a cara toda fodida, hein?

– Poxa, valeu – diz Lucas.

– Olha quem fala – Nicolas deixa escapar.

O homem mira instantaneamente com a espingarda para Nicolas.

– Cês são o quê, namoradinhos? Até que têm jeitinho... é, acho que são...

Nem Lucas nem Nicolas respondem. Não querem complicar mais as coisas. Isso não é uma briguinha de escola. O cara tem uma arma apontada para eles, um sorriso maldoso e não parece bater bem do juízo. – Vamos lá, deem um beijinho. Quero ver como os dois pombinhos se amam.

– Deixa disso, cara. A gente tem amigos esperando no carro... – Nicolas diz.

Lucas aproveita a deixa. – É, eles estão lá embaixo e podem subir a qualquer momento...

– Ahhh, mais viadinhos como vocês? Estou me borrando de medo.

Lucas nota que, em vez de Nicolas tentar se afastar, está se aproximando lentamente do homem. Merda, ele vai tentar tirar a arma das mãos dele, certeza. Ele vai tentar bancar o herói. Isso não é o ensino médio! O cara é um traficante e está armado! Lucas tem vontade de gritar para Nicolas não fazer besteira.

Mas não precisa. Alguém grita antes.

– Elias! Que merda tu tá fazendo?

Os três olham para trás e veem outro homem se aproximando. Também magrelo, também tatuado... é o riponga andarilho que Lucas conheceu na beira do rio!

– Esses viadinhos invadiram o terreno, Josias – o borracheiro plantador de maconha responde. – Viram coisa demais por aqui.

Josias, o riponga, se aproxima deles. – Deixa de bobagem, seu prego. Esses moleques são meus amigos.

– Seus amigos? – diz Elias franzindo a testa. Os dois meninos também franzem.

– Sim, os dois já me pagaram cerveja, dividiram doce comigo. São gente fina, são meus amigos... – Ele olha bem para Lucas. – Que porra aconteceu com a tua cara?

– São uns viadinhos, Josias... – Elias insiste com a arma ainda apontada.

– Que tu tem a ver com que eles fazem entre quatro paredes, seu prego – Josias diz arrancando a arma do borracheiro. – Deixa os guris em paz.

– V-Valeu... – Lucas diz aliviado. Nicolas só consegue fazer um sinal de joinha.

– Mas que cês tão fazendo aqui no meio da noite? – Josias pergunta.

– A gente só estava procurando um borracheiro... furou o pneu do carro e...

– Essas bichas nem estão com o estepe! – interrompe Elias.

– Um velho tarado que deu carona pra gente roubou! – insiste Nicolas.

O riponga Josias fecha a cara... então cai na gargalhada. – Que história maluca é essa, rapá?! Cês fumaram um aqui, não fumaram?

Os dois meninos suspiram. Não sabem mais o que dizer.

– Ahhh, tudo bem – Josias diz contendo o riso. – Vamos lá na borracharia que arrumo um estepe pra vocês.

– Josias! Você vai DAR um estepe pra eles?! Depois não sabe por que a gente tá sempre fodido de grana!

– Depois eles pagam, prego. Eles são meus amigos. Eu confio neles.

OS DOIS AMIGOS VOLTAM PARA A ESTRADA RINDO, SEM ACREDITAR NO QUE ACONTECEU.

Nicolas nunca imaginou que Lucas também conhecia Josias. Lucas jamais pensou que aquele riponga iria salvar sua vida. Descobriram que Elias, o "prego", era irmão caçula de Josias, e que, embora Josias vagasse livre e solto pela região, sempre tinha o teto... e as ervas do irmão a recorrer.

– Você fumou com esse cara afinal? – pergunta Lucas.

Nicolas dá de ombros. – Eu tava mal. Sentado na beira do rio. E ele é um cara bacana de se conversar... E você, que história é essa que dividiu ácido com ele?

– Eu? Não viaja...

– Ele falou que vocês dividiram uns doces e tal...

Lucas ri. Precisa se atualizar nessas gírias de drogaditos. De qualquer forma, dividiu, sim, "doces" com o cara, né? As balas de ursinho. E aquela foi apenas uma das histórias, uma das histórias que aconteceram nas últimas semanas, desde que ele conheceu o Nicolas, desde que conheceu a si mesmo. Desde que descobriu quem ele era realmente e aonde queria chegar...

Bem, no momento ele só quer chegar de volta ao carro. Tem sido uma viagem cansativa, mas vale a pena, porque Nicolas está ao seu lado. Ele olha para o amigo, caminhando no acostamento, carregando o novo estepe que Josias deu para eles. Nicolas está todo manchado de graxa, sujo, suado, mas é mais irresistível do que nunca. Lucas sabe que não é correspondido, que Nicolas nunca vai sentir por ele o que ele sente, mas tudo bem. Já é bom demais poder estar com aquele menino. Já é bom demais ter um amigo... e mais dois esperando no carro.

Lucas sorri para Nicolas e Nicolas sorri de volta. Nicolas pensa em como mudou de opinião em relação ao colega naquela noite. Lucas é nerd, é esquisito e é gay... mas é seu amigo. Ele o salvou do velho tarado, inclusive. É um cara

legal, inteligente, com umas ideias bem loucas, com quem ele sabe que pode contar. Não é pouco. Em poucas semanas naquela cidade ele percebe que conquistou isso. Alguém que conhece quem ele é de verdade, sem máscaras, alguém que o aceita como ele é de fato, com suas particularidades e limitações.

Os dois chegam ao carro e encontram Matheus e Laís, dentro, em silêncio.

– Cara, vocês não têm ideia do que aconteceu – diz Matheus.

Lucas e Nicolas se entreolham com um sorriso.

– Vocês menos ainda – diz Lucas.

OS QUATRO AMIGOS ESTÃO DE VOLTA À ESTRADA, DE VOLTA AO CAMINHO DA BOATE.

Depois de todos os acontecimentos da noite, estavam todos cansados, querendo nada além de um bom banho e cama. Ainda assim, estavam felizes. Todos sentindo que viveram uma aventura, que conquistaram algo, que o melhor de tudo é estarem todos juntos, em segurança. Mas...

– Gente, não creioooo... – diz Matheus dirigindo.

– Que foi? – Lucas olha para ele franzindo a testa. – Não vai me dizer que tem outro pneu...

Matheus só aponta com a cabeça para uma enorme placa na estrada: "LUXÚRYA! A MELHOR BALADA DA REGIÃO!" A placa indica a entrada... a quinhentos metros.

– Bom, vamos então? – Matheus pergunta a todos no carro.

Os amigos todos fazem que sim, sem muita convicção, olhando uns para os outros. É Nicolas quem dá a confirmação de fato. – A gente já está aqui mesmo, né...

O carro finalmente entra no cascalho do estacionamento em frente à boate. Lucas observa o relógio no painel.

– Esse relógio está certo?

Matheus observa também e faz que sim. São quase CINCO da manhã. – É, não sei se a gente vai conseguir entrar; tá meio tarde demais... – ele diz.

– Preciso pelo menos ir ao banheiro – diz Laís. – Vamos tentar. – Todos descem do carro.

Naquele horário, só há gente saindo da boate, e quando eles se aproximam da entrada o segurança já estende uma mão, fazendo-os parar. – Desculpa, garotada, ninguém mais entra, já estamos quase fechando.

– Ai, moço, só meia horinha – insiste Laís.

– Não tem como mesmo, gatinha. O sistema nem aceita mais abertura de comanda. Os caixas estão só recebendo pagamento de quem está saindo.

– Ela não pode entrar rapidão? – pergunta Nicolas.

– Preciso ir ao banheiro… – diz Laís se contorcendo e dando pulinhos para parecer mais convincente.

– Tudo bem, você pode entrar, usar o banheiro e sair, mas os outros esperam aqui – diz o segurança.

– É justo. Já está tarde demais mesmo – concorda Lucas.

– Então vai, gata – diz Matheus.

Só que quando Laís se dirige à porta, ela dá de cara com… Moisés, o coordenador do colégio.

– Laís? O que a senhorita está… – Antes que ele possa completar a frase, avista Nicolas e Lucas logo atrás. – O que vocês estão fazendo neste lugar a esta hora?!

– O mesmo que o senhor, pelo jeito… – Lucas deixa escapar pelo cansaço.

O coordenador franze a testa para eles.

– Quando juntei vocês dois não era isso que eu tinha em mente… Lucas, o que aconteceu com seu rosto?

– Eu só estou indo usar o banheiro – intromete-se Laís. O coordenador lança um olhar incrédulo para ela.

– Quem é esse aí? – Matheus cochicha para Nicolas.

– É o diretor do colégio… E que eu saiba ele é casado…

– Sou o coordenador, Nicolas – diz ele ouvindo a conversa dos dois. – E sou muito bem casado, sim.

– Mas então… o que…? – Lucas não sabe até onde deve se intrometer. Não queria mesmo pegar seu coordenador no flagra, saindo de uma boate gay.

– Ui, ui, senhor coordenador – caçoa Matheus. – Está se revelando, hein? Abaaaafa!

O segurança olha de um para outro, sem entender nada do que está rolando por ali.

– Moisés, o que está acontecen… – diz um homem que surge atrás dele. – Lucas! – Eles se reconhecem imediatamente.

– E esse aí, quem é? – Matheus pergunta novamente para Nicolas, que dá de ombros.

– É o tiozinho da banca de revista… – responde Lucas.

– Tobias, meu nome é Tobias. Todos esses anos comprando Coca-Cola e gibi na minha banca e ainda não sabe meu nome, Lucas?

– Tobias não é o nome do seu cacho… – Nicolas começa, mas leva uma cotovelada de Lucas.

– Foi mal… – diz Lucas torcendo a boca.

– Tobias é meu marido há oito anos – diz o coordenador pegando na mão do jornaleiro e mostrando as alianças de ambos. – Nos conhecemos nesta boate inclusive. Viemos hoje comemorar o aniversário de casamento. Nunca escondi de ninguém minha orientação sexual.

– Uia, essa cidade é do babado mesmo – diz Matheus. – Acho que vou me mudar pra cá.

– Mas vocês ainda não me explicaram o que estão fazendo aqui. Vocês não têm idade para frequentar essa boate.

– A gente está indo pescar – adianta-se Nicolas.

– A essa hora? – questiona Tobias.

– É a melhor hora para pescar pitu – argumenta Lucas lembrando-se da conversa do velho no carro. – É só apontar uma lanterna no riacho e eles aparecem.

– Isso – diz Laís. – Só paramos aqui para eu ir ao banheiro.

O segurança da boate olha para ela com um sorriso irônico.

– Então vá logo, mocinha, antes que eu mude de ideia.

Ela corre para dentro.

– Muito bem, muito bem – diz o coordenador para os meninos que esperam do lado de fora. – Você é quem está dirigindo?

– Sim, senhor – diz Matheus, já tirando a carteira de motorista do bolso e

estendendo-a.

O coordenador observa. Dá um daqueles seus sorrisos falsos.

– Então "boa pescaria", meninos. E juízo.

E DE FATO ELES AMANHECEM À BEIRA DO RIO, COM OS PÉS NA ÁGUA, PESCANDO.

Laís e Matheus estão dentro do carro, dormindo. Nicolas pegou a vara de pescar de Lucas no porta-malas e está ao lado dele vendo o sol nascer. Tem aqueles tons de vermelho, laranja, aquelas cores que só quem acordou cedo, quem está no lugar certo, quem é privilegiado pode ver. Lucas está olhando é no celular, escolhendo o filtro, postando a selfie que tiraram há pouco, logo que estacionaram, os quatro, com o sol nascendo, o rio ao fundo. A cara de Lucas combina com as cores do pôr do sol, nos hematomas, está medonha, ainda toda inchada, sua franja suja, mas tudo bem. O que importa é registrar o momento, os amigos, a viagem. Isso é a felicidade de verdade.

"BFF – Best Friends Forever!", ele coloca na legenda.

Vai ser um belo domingo, especialmente porque eles não têm a segunda a temer. Lucas vai ter de dar as caras na escola. Nicolas vai ter de encarar os colegas com quem brigou. Mas eles agora vão fazer isso juntos, com a certeza de que estão certos, e estão certos de suas escolhas. Não precisam mais mentir, se esconder, nem ter de provar nada a ninguém. Têm a coordenação do lado deles, de qualquer forma. Têm a certeza de que o coordenador está no mesmo time.

– É por essas que decidi me mudar para esta cidade, mais do que tudo – diz Nicolas. – Sempre gostei de natureza, mato, pescar... Você vem sempre neste rio?

– Mais ou menos... – responde Lucas, Então ri. – Na verdade não. Já nasci nesta cidade, né? A gente acaba não dando tanto valor...

– Que é isso, moleque, olha essa vista, esse nascer do sol... não pode desperdiçar.

Lucas concorda. Nunca aproveitou a natureza ao seu redor. Não gosta de peixe, muito menos de pescar. Mas agora, naquela manhã, com Nicolas ao seu

lado, mesmo sujo e fedido de suor, não há outro lugar no mundo onde Lucas gostaria de estar. Existe felicidade off-line, afinal.

– Eu precisava arrumar uma bicicleta para explorar mais essas trilhas, entrar numas quebradas, me perder por aí… – diz Nicolas.

– Posso te emprestar. Tenho duas na minha casa, minha e do meu pai. De repente podemos até dar um rolé juntos…

– Sério? Você já tá fazendo tanto por mim, cara. As aulas particulares…

– Deixa disso. Quem sabe você também não me dá umas aulas, me ensina uns golpes de caratê. Rá-Rá-Rá.

– Pô, isso ia ser bem legal. Por que você não entra na academia que eu faço? Certeza de que ia acabar adorando.

– Nah, tô de zoeira, não levo jeito para isso. Sou só pele e osso.

– Besteira. Eu era que nem você quando comecei a treinar. Caratê na verdade não exige força, é técnica. Inclusive tem muito a ver com dança, sabia?

– Pfff, tá falando isso só porque sou viadinho, é?

– Não, sério. – Nicolas larga a vara de pescar e fica de pé. – Tem os katas, que são como uma coreografia. Levanta aí, deixa eu te mostrar.

– Pera, deixa eu ver se postou a foto…

– Larga esse celular, Lucas. Levanta.

Lucas deixa o celular no chão e fica de pé.

– Já vi que vou pagar mico.

– É só fazer igual a mim, coloca a perna esquerda à frente, assim… – Nicolas mostra a posição e Lucas tenta imitar, meio desajeitado. Nicolas se aproxima e ajeita o braço e a cintura do colega. Só o toque dele já faz Lucas se arrepiar.

– Isso – ensina Nicolas. – Agora avança um soco com a outra mão, assim. E mais um.

Lucas imita o amigo.

– Agora o último soco e dá um grito: KIAI!

Lucas avança e cai direto dentro do rio. – KIAAAAAI!

Nicolas não consegue segurar a gargalhada.

– Para de zoeira, você fez de propósito! – protesta Lucas levantando-se do rio, todo encharcado.

– Rá-Rá-Rá-Rá-Rá, foi sem querer, cara! Achei que você ia ver a água aí na frente, né?! Rá-Rá-Rá-Rá. – Nicolas se estica para ajudar o amigo a sair da água, ainda rachando o bico.

Lucas bufa e se sacode como um cachorro molhado. Senta-se novamente na grama, pegando um dos sanduíches que sua mãe preparou.

– Kkkkk, ai, ai, você é estranho... – Nicolas diz, engolindo o riso.

– Já sei disso, obrigado – Lucas responde desembrulhando o papel-alumínio. Ele morde o sanduíche.

– É estranho... – Nicolas continua – mas é gatinho. Eu gosto...

Lucas engole em seco. Sente o sanduíche descer duro pela garganta. Droga, é sanduíche de atum. Peraí, isso significa que...?

Nicolas se aproxima para lhe dar um beijo.

Copyright © 2016 *by* Gabriel Spits

FÁBRICA 231
O selo de entretenimento da Editora Rocco Ltda.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
ANA CHRYSOSTOMO

Edição digital: março, 2016.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S746L
Spits, Gabriel
Lucas e Nicolas [recurso eletrônico] / Gabriel Spits. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Fábrica 231, 2016.
recurso digital

ISBN 978-85-68432-56-3 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

16-30466

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

O AUTOR

Gabriel Spits é um jovem escritor paulista, fã de games, HQs e faixa marrom de caratê. *Lucas e Nicolas* é seu primeiro romance. Escreva pra ele!
gabrielspits@gmail.com